

---

**MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL**

**Ruth Rocha, página a página:  
bibliografia *de e sobre* a autora.**

## MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL

**Ruth Rocha, página a página:  
bibliografia *de e sobre* a autora.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Mestre: Área de conhecimento “Literatura e Vida Social”

Orientador:  
Professor Doutor João Luís Cardoso Tápias Ceccantini.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Miguel, Maria Aparecida de Fátima  
M636r Ruth Rocha, página a página: bibliografia de e sobre a  
autora / Maria Aparecida de Fátima Miguel. Assis, 2006  
256 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Rocha, Ruth, 1931-. 3.  
Indústria cultural. 4. Leitura. I. Título.

**CDD 028.5**

372.4

## MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL

**Ruth Rocha, página a página:  
bibliografia *de e sobre* a autora.**

Dissertação apresenta à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP para a obtenção do título de Mestre em LETRAS (Área: Literatura e Vida Social).

Data da Aprovação: 10 de novembro de 2006.

### BANCA EXAMINADORA

Presidente: PROF. DR. JOÃO LUÍS C. TÁPIAS CECCANTINI – UNESP/Assis

Membros: PROF. DR. RONY FARTO PEREIRA – UNESP/Assis

PROF. DR. JOSÉ BATISTA DE SALES – UFMS/Três Lagoas

Dedico este trabalho a minha filha, razão da minha incansável luta, motivo sublime de viver; a minha mãe, que me ensinou com grande amor as primeiras letras; à memória de meu pai, com quem aprendi o amor incondicional pela leitura; a minha irmã Rosângela, pelo incentivo nos momentos de dificuldade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial a meu orientador João Luís C. T. Ceccantini, pela atenção, carinho e dedicação que sempre me destinou; a minha amiga Ana B. Narente, por todo apoio e compreensão durante esta etapa; e a meus companheiros do Departamento de Letras da FAFICOP, por todo o incentivo oferecido.

MIGUEL, MARIA APARECIDA DE FÁTIMA. **Ruth Rocha, página a página**: bibliografia de e sobre a autora. 197 p. 2006. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Mestre: Área de conhecimento “Literatura e Vida Social”, Assis, 2006

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo central o levantamento sistemático das obras escritas pela escritora Ruth Rocha (1931), bem como da produção crítica produzida sobre sua obra (em livros, teses, dissertações, artigos científicos, artigos de divulgação publicados em jornais e revistas). Além disso, é realizada uma reflexão introdutória sobre as principais tendências observadas no conjunto dessa produção crítica. Motivou a realização do trabalho o fato de a autora destacar-se significativamente em meio aos escritores que compõem a “geração de 70” da literatura infanto-juvenil brasileira, num momento em que esta passa por profundas transformações, incorporando-se definitivamente à indústria cultural e contando com o mecenatismo do Estado, comprador e distribuidor de grandes tiragens de obras infanto-juvenis para escolas e bibliotecas de todo o Brasil. Num primeiro momento da dissertação, é apresentada uma rápida visão geral dos caminhos trilhados pelo gênero infanto-juvenil, enfatizando a questão do utilitarismo e do mercado. Em seguida, são organizados dados sobre a vida da autora, coletados em diversas fontes (entre elas, muitas entrevistas), no intuito de constituir um apanhado biográfico geral sobre Ruth Rocha. No capítulo subsequente, procura-se levantar “o estado da questão” referente à produção crítica sobre a obra da escritora, com base em dados extraídos da crítica profissional e da imprensa não especializada. Finalmente, é feito um amplo levantamento dos títulos literários publicados pela escritora.

Palavras-chave: literatura infantil, literatura juvenil, Ruth Rocha, indústria cultural, formação do leitor, narrativa.

MIGUEL, MARIA APARECIDA DE FÁTIMA. **Ruth Rocha, página a página**: bibliografia de e sobre a autora. 197 p. 2006. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Mestre: Área de conhecimento “Literatura e Vida Social”, Assis, 2006

### ABSTRACT

The present work has for central objective the systematic rising of the works written by writer Ruth Rocha (1931), as well as of the critical production produced on your work (in books, theses, dissertations, scientific goods, popularization goods published in newspapers and magazines). besides, an introductory reflection is accomplished on the main tendencies observed in the group of that critical production. It motivated the accomplishment of the work the author's fact he/she to stand out significantly amid the writers that compose the generation of 70 " of the Brazilian infantile-juvenile literature, in one moment in that this raisin for deep transformations, incorporating definitively to the cultural industry and counting with the sponsor of the State, buyer and distributor of great circulations of infantile-juvenile works for schools and libraries of the whole Brazil. In a first moment of the dissertation, a fast general vision of the roads is presented thrashed by the infantile-juvenile gender, emphasizing the subject of the utilitarian and of the market. Soon after, they are organized data about the author's life, collected in several sources (among them, many interviews), in the intention of constituting has been hit biographical general on Ruth Rocha. In the subsequent chapter, he/she tries to get up " the state of the subject " regarding the critical production on the writer's work, with base in extracted data of the professional critic and of the press non specialized. Finally, it is made a wide rising of the literary titles published by the writer.

Key-Words: infantile literature, juvenile literature, Ruth Rocha, cultural industry, the reader's formation, narrative.



## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT .....	6
SUMÁRIO.....	7
1 INTRODUÇÃO .....	8
2 LITERATURA INFANTIL EM TEMPO DE MASSA .....	13
2.1 A dessacralização da produção artística .....	13
2.2 A literatura infantil e o princípio da eficácia. ....	17
3 RUTH ROCHA: UM OLHAR SOBRE A VIDA DA ESCRITORA .....	28
3.1 Ruth Rocha – criança e adolescente, orientadora e mulher .....	28
3.2 “Uma autora em verdadeira grandeza” .....	29
3.3 “Lê-la é como nadar em correnteza” .....	31
3.4 Para Ruth Rocha, mensagem é invenção do leitor .....	32
3.5 Ruth e Ana: Traços Lobatianos .....	35
3.6 A obra de Ruth .....	37
3.7 Cronologia .....	40
3.7.1 Nascimento .....	40
3.7.2 Locais de vida/viagens.....	40
3.7.3 Vida familiar .....	40
3.7.4 Formação.....	41
4 A VISÃO CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO DE RUTH ROCHA .....	45
4.1 Ruth Rocha- filha de Lobato: uma nova ótica sobre a questão do poder. ....	45
4.2 Vozes que questionam o utilitarismo .....	57
4.3 “democratização” da arte: a literatura como mercadoria .....	63
5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DOS TÍTULOS DA AUTORA .....	75
5.1 Obras com a data da primeira edição.....	75
5.2 Obras cuja data da primeira edição não foi identificada .....	81
6 CONCLUSÃO .....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	87
ANEXOS .....	89
Anexo 1: Resenhas ou resenhas de obras de Ruth Rocha.....	90
Anexo 2: Reprodução de entrevistas, artigos e depoimentos sobre a autora. ....	137

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como escopo realizar o levantamento de um conjunto de dados biográficos sobre a escritora Ruth Rocha, rastrear a fortuna crítica sobre a sua obra e elencar as obras produzidas pela escritora que, em pleno vigor da indústria cultural, publicou mais de 160 títulos de prosa, poesia, contos de fadas e fábulas, além de algumas adaptações de clássicos.

Este trabalho justifica-se pela necessidade que encontramos de compreender o fenômeno “novo” que recentemente passou a fazer parte das preocupações de pesquisadores - a literatura destinada a crianças e adolescentes, e que tem sido alvo de discriminação por ser considerada uma “literatura menor”. A nossa prática na educação fundamental e também no ensino superior levou-nos a perceber que, embora os estudos nesta área tenham ganho fôlego, ainda assim esta realidade se encontra muito aquém das preocupações e das prioridades dos professores, que atuam na educação básica. Por falta de conhecimento, a maioria dos docentes infelizmente ainda possui uma visão equivocada da literatura infantil, utilizando-a como manual para ensinar normas de conduta.

Embora o estado tenha investido muito na aquisição de obras desta natureza, percebemos que os bons autores ainda não ganharam espaço suficiente nas salas de aula. A observação da prática pedagógica nos leva a perceber que os professores têm como texto literário apenas as fábulas e os contos de fadas. Autores que propõem uma leitura mais “difícil” são evitados. Em muitos casos, percebemos que isto se dá pelo desconhecimento da importância da *estética* na formação dos alunos. São inúmeros os fatores que levam a esta atrofia, dentre eles o fato de os cursos de formação de professores ou não possuírem na grade, muitas vezes, a disciplina de literatura infantil, ou o fato de a disciplina ser ministrada geralmente por pedagogos e não por profissionais da área de Letras.

Concordamos que a criança tem “o direito à literatura” e este trabalho visa a servir de apoio a professores e outros profissionais da área, no sentido de orientar e esclarecer sobre a especificidade e a função do texto literário.

A obra de Ruth Rocha constitui, de um modo geral, um exemplo de trabalho comprometido com a estética, seus livros possuem aquela marca do texto bem elaborado, permeado da mais profunda literariedade. Na produção da autora não prevalecem as preocupações de uma educadora ocupada com textos empenhados apenas em emitir juízos de valor, ou em inculcar valores morais ou cívicos, nem tampouco se vê uma escritora com a necessidade urgente de comercialização, que tanto prejudica a qualidade de textos que

chegam ao mercado editorial com o objetivo apenas de lucro.

Na literatura da autora, destaca-se o comprometimento com a boa produção, com aquela escrita que transcende o imediatismo, que acredita no leitor e, por isso, lhe propõe “enigmas esfíngicos”, sem, contudo, esquecer de que a arte é também útil, e como tal serve para desalienar, para esclarecer, para desenvolver o senso crítico e o despertar da cidadania. Isso sem permitir que sua obra se transforme em um mero manual de conduta. Ruth Rocha alia arte e eficácia, sem ser planfetária. Sem ser tendenciosa, ela dialoga com os seus leitores, quer sejam crianças quer não, pois a sua escrita é polissêmica, aberta, polifônica. Utilizando-se de símbolos universais, ela constrói um mundo ficcional onde adultos e crianças se vêem refletidos.

É certo que a escola já nasceu sob a égide da pedagogia, com o objetivo de ser a redentora da massa inculta e, desse modo, os textos destinados à criança foram desde a sua origem um meio pelo qual se transmitiram valores, regras e normas. Com a realidade brasileira não foi diferente. Especificamente nos anos 70, o governo patrocina a explosão, “o boom”, da literatura infanto-juvenil e foi principalmente por meio da escola que a maioria das crianças em idade escolar teve acesso à leitura. Mas Ruth Rocha, sendo legítima “herdeira de Lobato”, fez desse espaço a chance de apresentar ao leitor uma literatura viva, dinâmica, que visa ir além do pedagogismo, despertando o senso crítico de crianças, jovens e adultos.

O primeiro capítulo deste trabalho objetiva realizar um vôo panorâmico sobre questões teóricas e históricas ligadas à literatura infanto juvenil. Discutem-se alguns caminhos trilhados pela produção da arte que, em séculos de existência, foi perdendo a sua conotação primária, de intenção estética, até transformar-se em mercadoria e, portanto, ser comercializada.

Nesse primeiro capítulo, procuramos deslindar alguns caminhos da arte, partindo da sua concepção de objeto exclusivo e, portanto, dotado de “aura”, até atingir o processo de “democratização” que a tornou acessível às diferentes camadas sociais. São abordados fatores que levaram a essa “democratização”, contextualizados historicamente do surgimento da imprensa até a reprodução da produção artística em larga escala. Procura-se apresentar, sobretudo, a forma com que a literatura infanto-juvenil, em específico, veio a ocupar uma função estabilizadora da nova burguesia emergente no período posterior à Revolução Francesa, daí o seu caráter “utilitário” mencionado por escritores do porte de Edmir Perrotti e Regina Zilberman, entre outros, que procuraram apontar na produção contemporânea destinada a crianças as marcas desse “utilitarismo”. Este, por vezes, renegou o caráter estético da produção, mas também, em muitos casos, serviu como elemento de *eficácia*, não tendo, por

sua vez, eliminado totalmente a função estética dos textos produzidos por um grupo de escritores, que primou pelo cuidado com a sua produção. Esses autores, embora tenham se utilizado do sentido pragmático da literatura, também conseguiram produzir uma obra esteticamente elaborada, de forma a não direcioná-la ao público por meio de didatismos e moralismos, mas, sim, apontando caminhos possíveis, sempre com vistas a dialogar com o leitor e despertar-lhe o senso crítico.

O segundo capítulo denominado: *Ruth Rocha: Um olhar sobre a vida da escritora*, trata de levantar alguns de seus dados biográficos, com base em diversas fontes, haja vista que pouco se escreveu de fato, de forma sistemática sobre a autora. Por isso, valem-nos de entrevistas concedidas pela escritora a jornais, revistas, editoras e sites, bem como utilizamos o dicionário crítico de Nelly Novaes Coelho, que, de forma tão responsável, se ocupa em traçar um perfil mais cuidadoso de Ruth Rocha e do livro *Ana & Ruth*, organizado por Dau Bastos e publicado pela Editora Salamandra em 1995. Nessa obra encontramos muitos dados acerca da vida e da produção da autora, que permite formular uma idéia mais abrangente de Ruth Rocha como mulher, educadora, escritora, empresária etc.

Bastos organiza o livro com base em depoimentos de amigos e parentes, assim como em textos de críticos acerca da escritora. Começa por traçar um perfil da criança Ruth Rocha, abordando o convívio familiar e a influência das leituras feitas por sua mãe, por seu pai, além do entusiasmo da avó com quem aprendeu o amor pela música. Escrito para comemorar os 25 anos de carreira de Ruth Rocha e de sua cunhada Ana Maria Machado, o livro não se preocupa em analisar e julgar obras, mas, sim, em “festejar” a efeméride homenageando ambas as escritoras, daí as inúmeras recorrências a depoimentos de pessoas que convivem com ela e que constituem um valioso documento de pesquisa.

Amparada principalmente pelo *Dicionário crítico da Literatura Infantil e Juvenil* de Nelly Novaes Coelho estabeleceu-se uma cronologia da autora, na qual constam suas atividades literárias e culturais, as homenagens, títulos e prêmios recebidos por ela em três décadas de carreira.

Por meio de várias fontes percebemos que existe sempre um dado novo a acrescentar na história de Ruth Rocha, a cada leitura sentimos a necessidade de acrescentar, reiterar os dados sobre a sua história.

Em suma, este segundo capítulo, busca da forma mais abrangente possível, caracterizar quem é Ruth Rocha, quais são os seus contatos e influências, qual a sua motivação para escrever, assim como o sentido de “produzir” literatura de seu ponto de vista, sempre no intuito de construir uma imagem a mais próxima possível da escritora.

No capítulo três tratamos de levantar o *atual estado da questão*, sobre a obra de Ruth Rocha, fazendo um levantamento do que foi publicado sobre a sua produção. Compõem a unidade do trabalho dados extraídos de obras críticas, tais como as de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Edmir Perrotti, Fanny Abramovich entre outros, que conferiram seus pareceres sobre a produção de Ruth Rocha, às vezes em uníssono e, por vezes, em tons discordantes, mas em ambos os casos num trabalho de crítica profissional, com o objetivo de acrescentar sempre algo mais ao que se estava sendo produzido.

Este trabalho também se ocupa da crítica não especializada, encontrada em variadas fontes, entre elas, jornais, revistas e sítios, onde encontramos pareceres ligados a interesses, na maioria dos casos, comerciais, caracterizando assim uma crítica que se detém na apresentação de um resumo da obra, sem, contudo, ater-se à qualidade do texto em questão. Concluímos que incluir esta “vertente crítica” faz-se de suma importância, uma vez que o momento pelo qual passa a literatura destinada a crianças está diretamente ligado e orientado pelas necessidades do mercado, de forma que se torna “impossível” escrever sobre uma escritora que está inserida nesta engrenagem industrial, como produtora, organizadora, empresária, sem atentarmos para esta crítica que objetiva à venda, pois é sabido e inegável que a literatura-infantil já nasceu sob a égide do mercado.

O quarto e último capítulo é composto pelo levantamento do conjunto da produção de Ruth Rocha, inclusive as obras compostas em parceria, constando dados tais como a data da primeira edição e a referência bibliográfica completa da obra, procurando-se elencar o maior número de dados possíveis, citar os nomes dos ilustradores, o número de páginas, bem como a coleção à qual pertence cada obra. Este capítulo foi escrito com o objetivo de fornecer ao leitor uma visão ampla e organizada de tudo que foi publicado pela escritora. Para que isto fosse possível, valemo-nos de uma ampla pesquisa em bibliotecas, com o objetivo de reunir, comparar e catalogar a vasta produção da escritora.

Além destes capítulos, a presente dissertação apresenta anexos onde constam textos extraídos de jornais, revistas e sites e onde foi possível localizar importante material para esta pesquisa. Por meio destes textos entramos em contato com a visão de críticos de renome sobre a produção da autora. Por outro lado também nos utilizamos deste referencial para elencar textos oriundos da crítica informal não especializada, que também foi de grande valor para este trabalho, visto que este se ocupa de uma escritora que está estreitamente ligada à engrenagem da “Indústria cultural”. Também compõem os anexos resenhas e resenhas de parte das obras produzidas por Ruth Rocha até o mês de março de 2006 e alguns textos suplementares que ofereceram apoio a esta pesquisa.

Em suma, a tessitura deste material orientou-se pela necessidade de ordenar os dados referentes à produção de Ruth Rocha, apontando as diversas tendências por que passou a sua produção, sem perder de vista o arcabouço teórico que se refere à democratização da obra de arte desde o surgimento da imprensa, o caráter utilitário desta produção no período posterior à essa revolução e, no que tange ao Brasil, o processo de massificação pelo qual passa a literatura destinada a crianças nos idos dos anos 70. Sobretudo, buscamos com este trabalho propiciar uma visão geral sobre a escritora, com o intuito de servir de fonte e apoio para quem se interesse em trabalhar com a literatura destinada a crianças e adolescentes. Cumpre ressaltar que este não teve por objetivo qualquer análise mais vertical das obras da autora, mas, sim, definir *o que* foi escrito por ela e *quando* foi escrito, ou seja, procuramos elencar dados sólidos sobre Ruth Rocha para um posterior trabalho onde, talvez, possamos nos debruçar sobre a sua obra com o intuito de emitir pareceres e/ou dar sugestões sobre como trabalhar seus textos no contexto escolar.

## 2 LITERATURA INFANTIL EM TEMPO DE MASSA

### 2.1 A DESSACRALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

A produção artística sofreu, com o decorrer dos tempos, uma grande perda do seu valor original, que era o de se revelar a um público culto e restrito constituído pela aristocracia. A arte em seus primórdios possuía, conforme afirmou o filósofo Walter Benjamim, uma “aura” que a tornava inacessível às camadas mais incultas da sociedade. A obra, por sua vez, era dotada do seu “hic et nunc”, que a fazia existir no aqui e agora, e por isso, não poderia ser reproduzida em série. Um concerto, por exemplo, só era apreciado no momento em que era executado. O advento do fonógrafo tornou a música no caso, audível em qualquer lugar e momento, dessacralizando a unicidade da produção artística, banalizando-a.

Aquilo que Benjamim designa por aura decresce rapidamente. A cópia técnica não é senão um veículo de informação e não pretende ser adorada nem olhada com temor; ela permite uma posição objetiva. O mesmo é verdade relativamente à impressão do livro em comparação com o manuscrito ou até com a forma arcaica da mera transmissão oral dos conteúdos culturais pela boca dos sacerdotes e de chefes. A reprodução técnica faz desaparecer a atitude passiva e devota para possibilitar a posição crítica.” (Wellershoff, 1978, p.44)

Com o advento da imprensa de Gutenberg, no final da Idade Média, por volta de 1450, a produção do livro, tal como elemento dotado de “aura”, sofre o seu primeiro abalo, que é o surgimento da técnica de reprodução. Com o surgir do Renascimento, e a conseqüente criação da primeira igreja protestante por Martinho Lutero, o livro que era produzido de forma artesanal, no interior dos mosteiros, é substituído pela tradução em massa da Bíblia, ou seja, aquilo que era exclusivo do clero, passa a circular livremente, caracterizando assim a primeira forma de democratização da escrita. No entanto, durante o período do Classicismo, a obra de arte ainda era mantida pelo mecenato, que, por sua vez, patrocinava a criação das obras em trocas de exaltação a autoridades e feitos históricos de cada nação, como é o caso dos *Lusíadas*, que tem como objetivo principal fazer a exaltação dos feitos dos portugueses e a conquista de suas colônias. Durante os três séculos que compreendem o Quinhentismo, o Barroco e o Arcadismo, a produção artística ainda foi subsidiada pelo “mecenato”, era a aristocracia quem ditava as regras e selecionava os temas a serem trabalhados pelos artistas.

Paralelamente a este processo, o mundo passou desde a Idade Média, e nos três

primeiros séculos da idade moderna, por um lento processo de transformação de uma sociedade centrada no modo de produção feudal para o modo de produção capitalista, que teve suas raízes com o lento êxodo das comunidades que habitavam os feudos e passaram, aos poucos, a se organizar em torno dos reinos, formando os primeiros “burgos”. Com essa mudança gradual, o mundo assiste ao fortalecimento do mercantilismo. Se no modo de produção feudal predominava a corvéia, em que o servo trabalhava para o seu senhor durante alguns dias da semana, e outros para si, no mercantilismo o foco era a moeda. Fortalece-se assim a troca cambial dando origem lentamente ao capitalismo, que veio a se instalar com o advento do Iluminismo. Cumpre ressaltar ainda, que durante esse período apesar do surgimento da imprensa e da criação da primeira igreja protestante, o público leitor ainda é muito rarefeito e ainda centrado na aristocracia na maioria das vezes.

O século XVIII, considerado como Século das Luzes, inspirou inúmeros filósofos entre eles Voltaire, Robespierre, Montesquieu, Locke e outros, que elaboraram um novo código de valores para uma sociedade pautada no poder descentralizado, onde a livre concorrência pudesse oferecer ao homem iguais chances de crescer. Em decorrência desses ideais iluministas a burguesia, agora já plenamente estabelecida, alia-se a esse novo pensamento e deflagra a Tomada da Bastilha, ou seja, ocorre em 1789 a Revolução Francesa trazendo consigo seu tríplice ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Nos anos que se seguiram floresceu a glória napoleônica, em que o povo se espelhava na figura do imperador, que já havia se transferido de uma camada social para outra, às custas de seu talento. Paralelamente a isso há o surgimento de um público leitor emergente, que sentia necessidade de ter acesso à arte, mas que, por outro lado, sentia dificuldades em ler os clássicos. Para este novo público surge um novo gênero literário: o romance-folhetim, ou romances em folhetim, como explica a escritora Marlize Meyer (1996). Para este novo leitor-consumidor, surge este gênero híbrido, nascido da tradicional epopéia.

Para sanar a necessidade deste novo público leitor, surge, então, esta modalidade, que de início ocupava os rodapés das páginas de jornal, depois a primeira página, tendo sido transformado em encarte, para que o leitor pudesse montar o seu próprio livro, sua biblioteca particular. As tiragens são inúmeras, os autores passam a ser trabalhadores do que seria chamado de *indústria cultural* pelos teóricos da escola de Frankfurt, pois ganham por página escrita. Um livro de grande sucesso é rapidamente traduzido para outros países. Surgem os clichês, os pastiches, as tramas previamente elaboradas, tudo de forma a agradar ao público, garantir a vendagem, e obter, conseqüentemente, o lucro. É o sistema capitalista ditando as regras, delimitando gostos, reificando as massas. A arte perde a sua “aura” e transforma-se se



em objeto, e como tal pode ser transformada em dinheiro.

Edmir Perrotti, no Capítulo II de *O texto sedutor na literatura infantil* (1986), denominado: “Discurso estético e discurso utilitário”, afirma que se já tornou lugar-comum que a literatura para crianças e jovens tem desempenhado um papel pedagógico, desde o século XVIII. Esta sempre esteve ligada ao compromisso com o ensinamento e ao cuidado com a elaboração de um discurso que só interessava à medida que não constituísse um entrave para o ensinamento. A feitura do texto nunca foi uma preocupação maior dos autores de literatura para crianças e jovens. Isto porque o texto sempre foi pretexto, complementação do trabalho escolar, recurso didático.

A literatura infanto-juvenil serviu em primeiro plano como um veículo de propaganda das idéias burguesas refletindo seus objetivos e necessidades, o que levou a produção desse período a uma hipertrofia excessiva que extrapolou os limites da transmissão ideológica, tendo feitura de forma “utilitária”, a ponto de o discurso estético ceder totalmente lugar ao discurso utilitário. O crítico salienta que especificamente no caso do Brasil a preocupação com a estética apresenta um atraso de cem anos na comparação aos movimentos revolucionários que acompanharam as artes em geral, sobretudo na cultura ocidental.

Perrotti propõe-se discutir pareceres de diversos críticos sobre questões relativas à eficácia na produção artística e salienta que perante a mercantilização crescente da arte, que repousa sob a égide do capitalismo burguês, o artista sincero e humanista já não se pode afirmar. Já não se podia acreditar que a vitória da burguesia significava a vitória da humanidade. A arte como atividade “auto-remunerativa” ostentava-se como recusa, como negação do caráter estético, ou arte pura. E também recusa da política cultural, ou seja, da política pura. O crítico também ressalta a existência de uma área própria e exclusiva da atividade estética, que a separa da propaganda, embora reconheça um caráter instrumental na atividade literária, chegando a prescrevê-lo como recurso a ser utilizado a favor do proletariado.

Discute também a visão de Adorno apregoada em seu ensaio “*Engagement*” no qual discursa sobre o pragmatismo burguês, que transformou todos os produtos em mercadoria. Perrotti alinha este pensamento ao de Kant, no qual o prazer proporcionado pela arte constitui-se como “gratuidade” e por Osborne como “desinteresse”. Para Aristóteles este prazer seria sempre algo intrínseco tornando, assim, a arte poética sempre adaptável ao público.

Perrotti realça que existe diferença entre a “arte engajada” e o “tendencionismo”. Para o crítico, um fato se distingue do outro, pois a arte engajada não intenta instituir medidas, atos

legislativos, cerimônias práticas, como antigas campanhas de conscientização. Fazer a distinção é possível, à medida que o texto, no qual o autor se engaja, é sempre plurissignificativo, ambíguo, não configurando um discurso unívoco, determinado exclusivamente pelo narrador, como ocorre nas obras tendenciosas, onde se percebe sempre a simples intenção de “mandar o recado”. Reconhece também que não existe arte pura, pois isto seria utópico.

Mas, se Adorno se rebela indignado no célebre ensaio. “*A indústria cultural*” contra a redução da arte ao “princípio do efeito”, ou seja o que aqui se chama de “tendencionismo” por outro lado, reconhece também que a “pureza” absoluta é uma utopia, pois não há conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformada e às escondidas de si mesmo, que não proceda da realidade empírica a que se furta. (Perrotti, 1986, p.31)

Salienta Perrotti, que as palavras de Adorno se confirmam no *Qu’est-ce la littérature?* de Sartre, no qual autor de *O existencialismo é um humanismo* defende a atitude compromissada do escritor perante a literatura, sendo a palavra uma arma contra o processo de alienação, no qual a sociedade se encontra imersa. Para Sartre: o prosador é alguém que designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua, ou seja:

Assim, ainda que a finalidade da leitura seja a de comunicar conteúdos que libertam o leitor das estruturas de alienação que o enredam, o discurso utilitário teria sempre apesar da instrumentalidade, que seria sua condição e finalidade, uma medida mágica gratuita que o aproximaria do jogo primitivo realizado pela criança em sua aproximação com a linguagem geral. (Perrotti, 1986, p.35)

A questão do engajamento reside muitas vezes no fato de que o registro e a denúncia dos fatos históricos sobressaem perante o caráter estético da obra.

Engels, em carta à escritora Minna Kautsky, pede a esta que aplique às feições utilitárias de sua obra maiores traços estéticos, pois segundo ele, o maior defeito encontrado em sua obra consiste no fato de a autora ter expressado a necessidade de declarar publicamente as suas convicções. Para o pensador, Aristófanes, Ésquilo, foram todos escritores engajados, porém seu engajamento não refuta de suas produções o caráter estético.

## 2.2 A LITERATURA INFANTIL E O PRINCÍPIO DA EFICÁCIA.

Regina Zilberman e Lygia Cademartori esboçam em seu livro: *Literatura Infantil: Autoritarismo e emancipação*, (1982) os processos pelos quais passou a sociedade até atingir o estado atual, com suas concepções de família, bem como de infância.

Ambas assinalam que foi o século XVIII o marco da decadência da Aristocracia com suas formas de manifestação artística, suas peculiaridades, seu modo de organização. Enfim, foi este o período em que o quadro social apontou para um redimensionamento, para uma nova forma de encarar a organização da sociedade e, em consequência disso, uma nova constituição de modelo de família.

O modo de produção feudal trazia consigo um modelo de relação social centrada no patriarcado, as decisões eram tomadas pelo chefe da família, estando excluídos deste processo os filhos e também a figura feminina representada pela mãe.

Nesta sociedade antiga não havia a noção de “infância”, ou seja, a criança não tinha um espaço separado do adulto, trabalhava e vivia com os maiores, testemunhando todos os processos naturais da existência tais como: o nascimento, a doença, a morte. Participava na vida pública e política nas festas, nas guerras, audiências, execuções tendo seu lugar também nas tradições culturais comuns tais como na narração de histórias, nos cantos e nos jogos. As crianças eram negligenciadas, tratadas brutalmente e até mesmo mortas.

Com o surgimento do Absolutismo ocorre um enfraquecimento dos grupos de parentesco e suas características cedem lugar a um modelo de família nuclear, centrado no afeto, na troca de carinho e com um novo papel a ser desempenhado pela mulher.

Durante o século XVII já eram editados os primeiros tratados de pedagogia, mas foi o século XVIII que consolidou o status de “infância”, que atribuiu aos pequenos uma condição diferenciada. Na França, este processo se fez ambíguo à medida que o fenômeno tem dupla finalidade, que é a de conservar o modelo de família burguesa, e, ao mesmo tempo preparar, uma futura mão-de-obra. Cabia, portanto, estimular o casamento e o nascimento de crianças para manutenção do capitalismo emergente.

As autoras argumentam que no período que precede a instauração do Capitalismo, a noção de infância avançava a passos lentos, à medida que a mulher tornava-se figura predominante no lar.

Não há dúvidas de que, entre 1660 e 1800, aconteceram mudanças significativas na prática de criação de crianças, particularmente entre a alta burguesia e os profissionais liberais. Os cueiros apertados deram

lugar a roupas soltas, amas-de-leite pagas à amamentação materna, a dominação da vontade pela força à permissividade, a distancia formal à empatia, assim que a mãe se tornou figura dominante na vida das crianças.”(Zilberman, Cademartori, 1987,p.08)

O século XIX, por sua vez, não impediu a manutenção da divisão social e conseqüente diferenciação de tratamento para com os cidadãos em plena vigência do Estado Moderno. Destacam-se as marcas de valorização da unidade interna na família unicelular, os laços de afeto, bem como a conseqüente elevação do papel social da mulher e da criança, por meio do estímulo à privacidade e o conseqüente enfraquecimento dos laços de parentesco, conforme mencionado anteriormente.

As autoras salientam que, para este novo modelo de família, surgiu um novo modelo de ensino, que a princípio tinha por finalidade oferecer educação a todos. A escola adquiriu uma nova significação, pois se tornou um traço de união entre os meninos, restabelecendo de certa forma a unidade perdida. Surgiu, então, um único modelo pedagógico para atender a burgueses e proletariado. No entanto, esta realidade possuía uma dupla face, pois preparava a criança burguesa para os papéis de direção e os proletários para constituírem mão-de-obra num futuro próximo. Desta forma a ascensão do proletário à escola se deu por meio da necessidade de um contingente obreiro, e estes foram jogados no mundo com maior rapidez e violência.

A Escola, por sua vez, possuía uma função ideológica e funcionava como elemento saneador dos contrastes sociais. A vivência mundana da criança obrigou o Estado a tornar obrigatório o ensino, com vistas a concorrer com o aprendizado das ruas. A diminuição de renda decorrida do fato de tirar as crianças do trabalho aumentou a produtividade do adulto. No entanto, a simples obrigatoriedade não era suficiente, foi necessário incluir estas famílias nos laços de solidariedade, que lhes concedia determinadas isenções, e desta forma estimular o proletariado a ingressar nos bancos escolares.

A literatura-infantil transformou-se num dos instrumentos pelo qual a burguesia almejou atingir seus objetivos. Os textos priorizavam a função educativa em detrimento da função literária. Desta forma estes colaboravam para a afirmação da dominação burguesa, ainda que os contos de fadas atuassem como um instrumento de identificação, no qual os leitores podiam realizar seus sonhos de mobilidade social. Os contos fantásticos espelhavam a realidade, por exemplo, de uma afilhada indefesa, torturada pela madrasta e salva por uma fada, ou de um soldado pobre, salvaguardado por uma agente encantador.

Zilbermann e Cademartori, afirmam que: “O que chamamos de literatura-infantil

“específica”, tem sua origem, primariamente, não em motivos literários, mas sim pedagógicos.”

Ao estabelecer um fundamento antropológico para o livro infantil, o mundo interior da criança é caracterizado como um “espaço vazio”, e este, não existe na perspectiva das duas pesquisadoras. É a literatura-infantil que irá preencher este espaço, de modo particular, pois lida com elementos que são especiais para a compreensão do real. Constitui um primeiro fator a dificuldade que a criança apresenta ao lidar de maneira sistemática com os textos, fato este que ela, por si só, não consegue perceber, e, em um segundo momento, a forma com que ela lida com a linguagem, enquanto seu fator de mediação com o mundo, pois é por meio do contato com a leitura que a criança alarga seu domínio lingüístico, e isto se dá pela função específica da fantasia infantil, com a credulidade na história e conseqüente aquisição do saber.

Pelas razões citadas, a fantasia é um componente indispensável do texto dirigido à infância, e somado aos interesses dos adultos, o realismo é banido dos livros. Desse resultado pode advir o desprestígio da literatura-infantil. Em suma, esta vive um conflito entre ser ou não literatura, o que nas palavras de Zilberman e Cademartori não significa necessariamente uma diluição na generalidade da arte literária, devido à constituição específica de seu recebedor.

Como forma de facilitar o acesso dos pequenos à leitura, o escritor adulto identifica-se com o seu pequeno leitor e com ele se solidariza criando os processos de adaptação das obras da tradição oral e escrita.

As autoras apontam a assimetria do escritor *adulto X leitor criança*, e afirmam que esta recai na fala impositiva do adulto sobre a criança, muitas vezes não deixando espaço para o alargamento de horizontes de expectativas do leitor, e por vezes a tentativa de superá-la converte o texto numa impostura que repercute no enfraquecimento da forma artística, justificando a acusação de que se trate de uma pseudoliteratura e legitimando desta maneira o descrédito em relação à modalidade.

Estas duas qualificações têm por sua vez, caráter contraditório refletindo aspirações diversas, a do emissor adulto e a do beneficiário, criança, reforçando a assimetria mencionada, gerando a adaptação e configurando, de novo, uma dualidade. De modo que, sob a perspectiva do destinatário, o que a literatura infantil tem a lhe proporcionar deve provir necessariamente desta sua inclinação dual, a fim de não desmentir ou falsificar sua natureza. (Zilberman, Cademartori, 1987, p.19)

As autoras mencionam que o texto de literatura-infantil pode invalidar a criatividade e a inventividade da criança, se usado com fins meramente pedagógicos e/ou moralizantes, pois constitui um hábito vivido na solidão, podendo também o jogo e a brincadeira serem vítimas deste embuste. No entanto, estes são produtos da inventividade em grupo, o que não se passa com o livro, que é apresentado pronto e acabado, assinalando os confrontos entre o adulto e a criança. Segundo as escritoras, o resultado deste intercâmbio é a integração da criança à cultura burguesa, que, por sua vez, assume este caráter pedagógico pela transmissão de normas e valores da sociedade que as gerou.

Ler tornou-se marca da burguesia; o fortalecimento da imprensa e “democratização” do livro tornou-o acessível às camadas mais populares, acelerando o processo de industrialização da arte e uma conseqüente “socialização” do conhecimento.

A leitura para o burguês tomou contrastes de “consumo” tornando-se útil para as crianças. No que tange à literatura, esta transformação da arte em mercadoria aproximou a literatura infantil das histórias em quadrinhos, e esta aproximação da cultura de massas tornou uniformes os gostos.

Zilberman e Cademartori afirmam que a inclinação pedagógica motivou o mascaramento da verdade, pois visou adequar o indivíduo a uma sociedade imutável, sem possibilidade de questionar o modelo vigente. E, isto, trasladado ao texto infantil, impediu qualquer representação verossímil, exagerando os traços de positividade do *status quo*, ou dos sinais de negatividade dos aspectos marginais, que poderiam desestabilizar o todo circundante.

Sob a ótica das autoras, a plena realização literária supera o dilema *realidade X fantasia*, bem como a assimetria *escritor adulto X leitor criança*, pois a verdadeira obra não pode ser simplória ou impositiva, uma vez que os valores exigidos dos textos destinados a crianças e adolescentes são iguais àqueles que contam para a avaliação do texto literário, cujo destinatário é o adulto.

Edmir Perrotti em *O texto sedutor na literatura infantil* (1986) aponta e analisa uma questão urgente, que é o caráter utilitário presente nos textos literários e, em especial, naqueles destinados ao público infantil. O autor classifica estes textos como “eficazes”, caracterizando o seu conteúdo como *discurso utilitário*, e comenta que este cedeu lugar ao *discurso estético*. Perrotti salienta que a eficácia é necessária para que se produza o efeito estético, porém o discurso eficaz se direciona para agir em direção ao leitor, enquanto que o discurso estético não se orienta para além de si mesmo, mas sim segundo critérios decorrentes de sua própria dinâmica interna, sendo a preocupação com a utilidade do texto a última

instância a ser trabalhada.

Retomando Umberto Eco, Perrotti atribui a este tipo de composição, que repousa sobre os critérios de autonomia, auto-regulação e coerência interna, a denominação de “obra aberta”, onde a ambigüidade é marca definitiva e fundamental.

Confirmando o discurso de Zilberman e Cademartori, Perrotti menciona igualmente que as obras destinadas a crianças têm sido munidas de um discurso que visa em primeiro lugar atuar junto ao leitor, no sentido de integrá-lo à ordem social dominante. E acrescenta que a eficácia tem sido uma marca do discurso utilitário, mesmo que isso o retire da esfera da estética e o situe na esfera da educação, mas, por outro lado, salienta que existem livros que ultrapassam o caráter da utilidade e satisfazem as inquietações humanas, pois possuem uma essência de verdade que permanece viva por mais que os séculos passem. E conclui que nos tempos em que vivemos, em que a obra cada vez mais atinge o status de “mercadoria” fica difícil aos autores escaparem a essa condição, embora o livro de literatura infantil seja, antes de mais nada, uma obra literária.

Perrotti afirma que não temos um referencial teórico próprio para a análise dos textos destinados ao público infantil, vivemos do empréstimo das categorias aplicáveis à literatura feita para os adultos e, desse modo, talvez a literariedade não seja um dos critérios que possam levar à compreensão do fenômeno. Segundo o pesquisador devemos considerar as condições de recepção e isto constitui um grande desafio para a literatura-infantil, bem como para toda forma de expressão artística que deve ao mercado o seu surgimento.

Ressalta Perrotti que todas as teorias são unânimes em reconhecer um estatuto próprio da literatura, que a diferencia enquanto manifestação artística e que esta ultrapassa sempre o utilitarismo apressado, que está, por sua vez, atrelado à indústria cultural.

O discurso utilitário é tão eficaz que nem mesmo o furacão Lobato conseguiu abalá-lo, o discurso estético cedeu muitas vezes lugar para a propaganda de um estilo de vida, à maneira do “discurso utilitário”. Segundo o escritor, foi preciso que chegássemos à década de 70, para que a situação dos textos destinados a jovens e crianças tomasse novos rumos em nosso país.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman dedicam um capítulo de seu livro *Literatura Infantil Brasileira: História e histórias* (1985) à indústria cultural e à revolução literária ocorrida no Brasil entre os anos de 1960 e 1980, e afirmam que os anos sessenta foram fecundos em instituições e programas voltados ao crescimento da literatura infanto-juvenil, pois neste período surgem a Fundação do Livro Escolar em 1966 e a Fundação Nacional do Livro Infantil em 1968.

Os anos 60 puseram fim ao modelo presidencialista que vinha regendo o país desde 31 de março de 1964, devido a um golpe de estado. A promulgação do AI5 realizou os últimos ajustes essenciais para a manutenção e o exercício no poder, que se voltava para a consolidação dos interesses da burguesia. O ensino é afetado pelos acordos afirmados com os órgãos internacionais. Surge um novo modelo de ensino burocrático e profissionalizante.

O pretenso “milagre brasileiro” afetou as condições de vida do país beneficiando a um pequeno segmento da população brasileira.

Ocorre nos anos 70 uma mobilização do estado, paralela ao desenvolvimento de um comércio especializado em obras de literatura infanto-juvenil. Entre 1975 e 1978 ocorre uma explosão no número de publicações destinadas ao público infantil. Do total de 189 títulos, 50,4% constituem traduções e 46,6% são textos nacionais.

Essa produção maciça de obras para crianças insere-se num contexto social, político e econômico que favorece o modo de produção bastante moderno e condizente com a etapa do capitalismo que os anos 60 inauguram no Brasil. (Zilberman, Lajolo, 1985, p.125).

Como conseqüência disto, autores publicam vários livros por ano que, independentemente da sua qualidade, têm o seu consumo garantido. No entanto, ao lado dessas obras, seguem outras de tradição lobatiana repetindo personagens e cenários, beirando, às vezes, a cultura de massa. Paralelo a esses autores lobatianos surge aos poucos um novo cenário que é o da urbanização. Este percurso se dá, por exemplo, por meio da obra de Isa Silveira Leal e sua série de “Glorinhas”, “no entanto, é só com *Justino o retirante* (1970) de Odete Barros Mott, que a literatura infantil brasileira passa a apontar crises e problemas da sociedade contemporânea”. (Zilberman, Lajolo, 1985, p.126)

A crítica mais radical dá-se com a publicação de *Pivete*, de Henry Correa de Araújo. Nesta linha seguem autores como Wandir Pirolli que escreve *O menino e o pinto do menino*, e Vivina de Assis Viana com *O dia de ver meu pai* (1977).

Essa linha social sofre desdobramentos importantes que marcam a perda da identidade infantil, valendo citar autores como Lygia Bojunga Nunes, com a publicação de *A bolsa amarela* (1976) e *Corda bamba* (1979). Em autores como Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado, percebem-se as marcas de um texto que se quer libertário.

A industrialização da cultura favorece o aparecimento de alguns gêneros como a ficção científica e o mistério policial. Outro traço de modernidade a ser considerado são os aspectos gráficos que passam a constituir um elemento autônomo. Dentre os autores que



recorrem a esta técnica se destacam João Carlos Marinho, Ziraldo e Chico Buarque.

A poesia situa-se no pólo oposto do mistério policial e da ficção científica. Segundo as autoras, esta desenvolveu-se muitos nos últimos anos e dentre seus produtores destacam-se Sidônio Muralha, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Chico Buarque.

Ao lado destas tendências surgem obras que apontam para outros caminhos e fogem da representação realista. Nesta arte de representação destacam-se autores como: Clarice Lispector e Marina Colasanti.

Surge nos “últimos 20 anos” ao lado de escritores de expressão como João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector, uma literatura de esquerda por meio dos CPCs Centros Populares de Cultura, que anseiam pela discussão quanto às reivindicações populares em títulos como *O que é a reforma agrária?* ou *Quem é o povo no Brasil?*

A ingenuidade com que este projeto transformava o poema, a peça ou a canção num instrumento de pedagogia política é um traço que aproxima essa produção cultural da literatura infantil, presa fácil de variados projetos de pedagogia ideológica. (Lajolo, Zilberman, 1985, p.132)

Aparecem, neste íterim, obras como *Quarup* de Antonio Callado, além da paródia histórica e a retomada da novela arcaica e de cordel, por meio de produções como *A pedra do Reino* (1970) de Ariano Suassuna, *Sargento Getúlio* de João Ubaldo Ribeiro (1971) e *A festa de Ivan Ângelo* (1976).

O Instituto Nacional do Livro – INL – neste período passa a bancar co-edições afastando-se do “mecenatismo”, e apoiando a iniciativa privada. Ocorre, então, uma corrida do funcionalismo para o jornalismo e a publicidade, pois estes oferecem formas mais rentáveis para a profissionalização do homem de letras, e que se põe a serviço de uma forma de produção definitivamente capitalista. A partir dos anos 70 se escreve muito, entre 1978 e 1979, o número de livros publicados saltou de 7080 para 13.228 e o número de exemplares de 166 milhões para 249 milhões.

A partir de 64 ocorre uma ruptura com o paraíso idílico apresentado na série das “Glorinhas”. A publicação de *Aventuras do escoteiro Bila*, traz na sua temática o desejo de migração e as dificuldades enfrentadas pelos sitiantes, obra que rompe por sua vez com uma visão otimista da cidade. Em 1970 com a publicação de *Justino o retirante*, de Odete de Barros Mott assiste-se a uma mudança de uma economia de trocas para uma economia mais sofisticada, mas é com a publicação de *A rosa dos ventos*, 1972 é que se dá o espelho de uma família em ritmo de dismantelamento, este livro tematiza problemas como o uso de drogas,

carência afetiva, tendências homossexuais etc. Em 1977, Henry Correa de Araújo radicaliza com a publicação de *Pivete*, onde o final não traz um happy end.

Além desta linha de protesto, também surgem as narrativas que valorizam o suspense, que teve um crescimento sem precedentes, e, embora sua tradição seja bastante pobre, seu surgimento foi bastante adequado ao molde de produção industrial característico da literatura infantil mais contemporânea. A marca destes livros é a presença de crianças como detetives ou detentores de poderes agenciados pela ciência. São marcas destes a ironia e o “non sense”, a citar o caso de um escritor inovador, como João Carlos Marinho, com as publicações de *O caneco de prata* e o *Gênio do crime*, nas quais figuram as personagens Pituca, Edmundo, Godofredo e Berenice que gravitam em torno de Gordo, o personagem central.

Segundo as autoras, o texto de João Carlos Marinho envereda por uma representação crítica do real, de forma sutil e rigorosamente literária. Salientam as autoras que a obra do autor se vale duma espécie de estética da redundância, responsável tanto pela violência das histórias, como pela inserção dessa violência num discurso crítico que se perfaz pela ironia. Stella Carr também é citada pelas autoras, sendo caracterizada como uma autora que se utiliza de recursos modernos com vistas a prender o público.

Quanto às inovações na narrativa pontua-se o registro do coloquial e desta forma o texto para crianças se aproxima da proposta modernista de 22. São marcas desta produção, a metalinguagem e a intertextualidade, que aproximam de certa forma a literatura infantil de obras não infantis.

Clarice Lispector, segundo as escritoras, foi a primeira que revelou neste tipo de produção os dilemas do escritor moderno. Suas obras para crianças, abandonam a onisciência, ponto de vista tradicional da história infantil. Esse abandono permite o afloramento no texto de todas as hesitações do narrador e, como recurso narrativo, pode atenuar a assimetria que preside a emissão adulta e a recepção infantil de um livro para crianças.

São figuras marcantes neste gênero os autores Chico Buarque e Ruth Rocha. As autoras tecem comentários sobre as obras *Marcelo marmelo, martelo* (1976) ou *O reizinho mandão* (1978) da autoria de Ruth Rocha e *Chapeuzinho amarelo* (1979) de Chico Buarque.

Num diálogo narrador/leitor as autoras citam ainda Ana Maria Machado com *História meio ao contrário* (1979) e Lygia Bojunga Nunes por meio das publicações *Os colegas* (1972) *Angélica* (1975) *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978) *Corda bamba* (1979) e *O sofá estampado* (1980), que apresentam histórias que contam desajustes, frustrações, marginalização social e familiar.

Marina Colasanti recupera o fantástico e dialoga não só com as fontes originais dos

contos de fadas, mas contesta este acervo. Suas produções *Uma idéia toda azul e Doze reis e a moça no labirinto do vento*, trazem personagens simbólicas tais como: tecelãs, princesas, fadas, sereias, corças e unicórnios. Elas salientam que a efabulação dos seus enredos é simples e linear, mas emerge significados para a vivência da solidão, da morte do tempo e do amor.

Em suma, as autoras afirmam que os anos 60 e 70 assistiram à implantação de uma nova etapa da sociedade brasileira em direção ao modelo capitalista. Surge na literatura infantil uma categoria que repele velhas fórmulas devido à necessidade de produção em série. Em contrapartida existe uma renovação que a aproximou da literatura não infantil, e que nestes últimos anos apresentou um fortalecimento da poesia.

As autoras salientam que são muitas as formas pelas quais o texto infantil buscou romper com a “esclerose” da pedagogia conservadora e desta forma atingiu o “status” que a tornou uma produção autônoma e independente.

Reiterando os dados mencionados por Zilberman e Lajolo em *Literatura infantil brasileira: História e histórias* (1985), Tânia Pellegrini, em *A imagem e a letra* (1999) realiza um estudo abrangente sobre o mercado editorial brasileiro como uma das engrenagens, que fazem girar a máquina da “indústria cultural”.

A autora analisa o mercado editorial como um todo, propondo uma análise panorâmica deste mercado. Afirma que a “indústria cultural” está ligada à definitiva profissionalização do escritor, e à formação de um novo tipo de público. Pellegrini observa que houve um crescimento no número de publicações, que saltaram de 43,6 milhões em 1966 para 330 milhões de publicações em 1996, com 40 mil títulos. No entanto, os livros chamados de “literatura” ocupam uma fatia muito pequena do mercado se comparados ao cenário internacional. A autora aponta como causa para o baixo índice de consumo de livros, fatores como o fato de as tiragens serem baixas, as reedições ocasionais e o preço alto.

Menciona fatores como o pequeno número de livrarias em relação aos pontos de venda, que são consideravelmente maiores ainda mais se considerarmos que esses pontos se localizam em sua maioria em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Segundo Pellegrini, a leitura no Brasil é rarefeita devido a problemas históricos-estruturais.

A autora salienta que o livro só cumpre o seu percurso à medida que se destina a um leitor, e nesse sentido o papel da recepção é fundamental. Público e/ou leitor não constituem um objeto passivo, embora o mercado trabalhe com essa idéia. No entanto, o leitor médio, segundo a autora, não vai recriar o sentido original produzido pelo autor, pois para este o ato de ler é inocente e ingênuo.

Os anos 70, que foram considerados os anos do “milagre brasileiro” não apresentaram

avanços qualitativos no que se refere à leitura, pelo contrário gerou-se na sua raiz um modelo de exclusão cultural. O público brasileiro constitui um público educado na estética da imagem. No entanto, houve um crescimento da literatura destinada aos jovens e às crianças. O leitor é determinado pelo mercado e não pela sua livre escolha, e a mídia possui papel fundamental neste processo. A literatura adaptou-se a esse processo criando um público dividido entre a letra e a imagem, entre a guitarra e o violão.

Em 1975 assiste-se ao famoso “boom” da literatura no Brasil. Revistas como *Visão* e *Veja* foram-se adaptando ao novo modelo cultural. Estas cumprem o papel da crítica ao exaltarem ou criticarem determinada obra. A autora destaca os dois papéis da crítica: a crítica profissional e a crítica de propaganda com a finalidade de venda.

Segundo ela, a crítica assume um papel de oratória e alguns críticos recaem no impressionismo; os de esquerda no sociologismo, e os minuciosos são acusados de formalismo. A crítica no final dos anos 80 não estimula a reflexão, mas preocupa-se com a vendagem do livro. Atualmente, afirma Pellegrini, a crítica literária inexistente em relação à vida excessiva da televisão.

Mas olhando mais fundo, percebe-se que essa “morte” é relativa, só existe em relação a vida excessiva da TV, e a aura literária, mesmo esmaecida, ainda tremeluz brandamente, emprestando-se ao veículo, que dela precisa mais do que nunca para iluminar a escuridão. (Pellegrini, 1999, p.168).

Os autores, por sua vez, se reconhecem como produtores, (trabalhadores) inseridos num modo de produção capitalista, o autor compelido pela pressa, muitas vezes tem optado pelo gosto padrão, transformando seu texto em produto de má qualidade, recaindo nas redundâncias, nos clichês e até mesmo nos erros gramaticais. O autor nunca esteve tão evidente na mídia. “É a literatura em tempo de espetáculo”. (Pellegrini, 1999, p.173)

Da mesma forma que Zilberman e Lajolo, Pellegrini se ocupa em mencionar as transformações advindas com a ditadura militar, citando também a proliferação das rádios FM e a criação da Embratel. Segundo a escritora a transmissão via satélite fortaleceu a homogeneização na produção e consumo de bens e a população passou a ter acesso a uma cultura de massa democrática de tal forma que nas suas palavras hoje é impossível que algo exista na mente, a não ser depois de produzido e/ou vinculado por impulsos imagéticos. Enquanto isso acentua-se um descompasso, pois cresce a sofisticação tecnológica a serviço da cultura ao mesmo tempo que se afirma um modelo de exclusão.

Pellegrini afirma que a cultura assume, pois, um aspecto de “produto embalado” apto a

agradar a todos. É a cultura de entretenimento, que aproxima de imediato consumidor e produto. Reportando-se a Adorno, a autora observa que o indivíduo perdeu seu poder de escolha frente a produção padronizada de bens culturais. Comenta que a técnica na “indústria cultural”, é idêntica à técnica nas obras de arte apenas no nome. Esta se refere à organização interna do próprio objeto, à sua própria lógica. Já a técnica na “indústria cultural” é a da distribuição e reprodução mecânica, portanto externa ao texto. Assim o mercado a assimila para fins artísticos e tecnológicos fetichizando a técnica de maneira a elaborar produtos em série, que sirvam a um gosto padrão desenvolvido por ele próprio num público considerado como massa.

A autora salienta que não existe um público de massa, pois isso anularia as diferenças de classe, e qualquer possibilidade cultural que respeite e trabalhe com essas diferenças. O que existe de fato, segundo ela, é “uma ideologia produtora da cultura de massa”, que serve aos seus consumidores produtos de entretenimento baseados na repetição de modelos já testados, concessões ao fácil e seduções baratas.

O público, por sua vez, não recebe a imagem, mas o reflexo desta; uma cópia desta. Não é a experiência que liga o indivíduo à realidade, mas uma imagem projetada nas paredes da caverna do nosso tempo. (Pellegrini, 1999, p.201)

Ocorre por parte do homem uma gradativa perda de consciência da realidade, da totalidade do mundo e da história, acatando, por sua vez, o consumo como maior estímulo.

E é neste panorama que se inscreve Ruth Rocha, cuja produção apresentará traços de uma escrita estética e comprometida com a nova realidade social com vistas a atingir o pequeno leitor e respeitá-lo em suas mais diversas necessidades. É uma autora que nasceu neste momento do afloramento de uma dimensão do texto destinados aos pequenos e, como o gênero, também se afirmou lentamente. Produziu inicialmente obras de cunho didático, embora polissêmicos, em que já podemos sentir as características embrionárias de textos inquietantes, abertos, polifônicos sem, no entanto, perder de vista o público a quem se dirigiam. A escritora cresceu e amadureceu, passando de uma produção por vezes utilitária, para uma produção elaborada esteticamente. Pode-se sentir na produção da autora essa linha de crescimento que vai desde as primeiras produções, onde ainda se sente mais a educadora do que a escritora, para uma fase de conscientização, de quebra da assimetria implícita em sua escrita, até uma densa produção, que privilegia antes de tudo o estético e que alarga o horizonte de expectativas do leitor.

### 3 RUTH ROCHA: UM OLHAR SOBRE A VIDA DA ESCRITORA

#### 3.1 RUTH ROCHA – CRIANÇA E ADOLESCENTE, ORIENTADORA E MULHER

Ruth Rocha se define como paulista, descendente de baianos, mineiros e cariocas, mas com sangue de muitos portugueses num tempo longínquo, além de possuir sangue negro ou índio, e afirma que isso se traduz na “cor de cuia”, que ostenta quando apanha sol. Como forma de lazer a autora afirma que gosta de muita praia, sol, mar, que gosta de músicas e livros, cantar dançar e rir, mas, que, sobretudo gosta de gente, principalmente de criança, pois esta é autêntica.

A escritora afirma que gosta de Monteiro Lobato, mas não do Lobato das “Mil mortes” e *Urupês*, mas do criador de Emília, síntese da rebeldia; gosta também de Guimarães Rosa e da frase célebre de Riobaldo quando diz: “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que de repente aprende”. Aprecia também Mário de Andrade, que sintetizou seu sentimento mais secreto, nas palavras de Macunaíma: “Ai, que preguiça”.

Ruth Rocha cursou o primário e o ginásio no Colégio Bandeirantes, onde teve seus primeiros contatos com amigos e namorados. Sua primeira tentativa como escritora foi em companhia de uma amiga, mas o resultado não foi bom, pois segundo ela, faltava-lhes uma coisa essencial: a leitura. Ruth Rocha afirma que já “tinha lido com paixão Monteiro Lobato, mas não tinha discernimento para destacar os elementos literários do texto”.

Na sétima série entrou em contato com a obra de Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, e esse foi seu primeiro encontro com a literatura. Segundo ela entre outros motivos para que ela se tornasse escritora, este foi um fator fundamental.

Ruth Rocha formou-se em Sociologia Política e foi trabalhar em uma biblioteca. Com trinta anos tornou-se Orientadora Educacional no Colégio Rio Branco. Através de Carlos Alberto Fernandez, o Caloca, Ruth Rocha começou a escrever para a Revista *Cláudia* com a ajuda do amigo que “arredondava” os seus textos. Para esta revista escreveu durante três anos. Compôs um artigo sobre preparação para alfabetização, na época em que a Abril estava produzindo o projeto da revista *Recreio*. Sonia Robatto leu seu artigo e a convidou para fazer os exercícios para a revista, mais tarde propôs a Ruth Rocha que escrevesse a sua própria história. Sua primeira produção para a revista foi *Romeu e Julieta*, uma obra que versava sobre o preconceito e narrava a história de amor entre uma borboleta amarela e um borboleta azul. Permaneceu durante sete anos na revista *Recreio*, e em 1976, ainda com Sônia Robatto

criou a Revista *Bloquinho*, na editora Bloch, na qual exerceu a função de diretora. De volta à Abril, Ruth Rocha atuou como assistente de redação, dirigindo durante algum tempo uma equipe de 42 profissionais. A autora publica seu primeiro livro em 1976, *Palavras, muitas palavras*, após participar de um congresso para escritores, na cidade de Florianópolis.

Afirma ter gostado de todas as profissões que exerceu mas, enfim, se descobriu escritora, e segundo ela, é isso mais que gosta e sente orgulho de fazer.

### 3.2 “UMA AUTORA EM VERDADEIRA GRANDEZA”

Ana Maria Machado tece comentários no sítio oficial de Ruth Rocha, hospedado nos domínios da Universo On Line, sobre sua “história” com a autora. Neste, Machado reitera dados já informados na biografia de Ruth Rocha. De forma sucinta a escritora cita fatos tais como a passagem de Ruth Rocha pela Editora Abril e pela Editora Bloch, bem como a sua participação efetiva na revista *Recreio e Bloquinho*. Inicia a sua saudação dizendo que o Brasil ficou órfão de bons escritores de literatura-infantil desde a morte de Lobato e faz algumas ressalvas, citando os nomes de Francisco Marins, Maria Clara Machado, Malba Tahan entre outros, mas comenta que na geração de 70 surgiu um grupo de escritores que desejava brincar com as palavras e o imaginário, dividindo esse brinquedo com as crianças.

Machado comenta que Ruth Rocha teve sua trajetória privilegiada, pois foi antes de tudo uma excelente leitora, ela relembra bem como se deu conta disso. Foi numa viagem compartilhada com ela que pôde perceber que esta não parava de contar histórias para sua filha Mariana. Nesta época ambas nem sonhavam em ser escritoras, nem que depois de quatro ou cinco anos estariam vendendo 250.000 exemplares por semana. Ana Maria Machado percebeu que tinha na cunhada uma ótima leitora de textos, que compreendia o seu discurso. Passaram a trocar informações sobre leituras feitas, no entanto nesta época a literatura infantil não estava em seus planos. Escrever para crianças era visto como diminutivo – “aquelas historinhas”.

Foi no final de 1968 que a Editora Abril resolveu lançar uma revista, não com ilustrações, mas com histórias corridas. Os critérios para seleção dos escritores foram rígidos mas, enfim, nasceu a revista *Recreio*. Em 1976 a revista já havia tomado conta do mercado, estava nas bancas, havia se incorporado à “indústria cultural”, trabalho realizado também anteriormente por Lobato, que era antes de tudo um “marqueteiro”. Em palavras de Machado, “toda literatura- infantil só se implanta quando passa por um processo de “massificação” e, é,

a escola que a torna conhecida do grande público.

O chamado “boom” da literatura infantil, salienta a escritora, deu-se por dois motivos: as bancas de revistas que vendiam a *Recreio* e a *Bloquinho* e a leitura das obras por parte dos professores que passavam a adotar os livros. No início, as escolas adotavam as revistas, a edição em livro só veio depois como exigência do mercado. Ruth Rocha deixa de produzir histórias em casa e ingressa na editora Abril, sai por uns tempos e vai trabalhar na Bloch, mas retorna à Abril, e é enviada aos Estados Unidos. Em menos de um ano já era editora chefe. Foi, nesta segunda fase de *Recreio*, que nomes como os de Sylvia Orthof e Marina Colasanti foram revelados. Demitiu-se da Abril e foi ser escritora, “somente escritora”.

Como escritora, Ruth Rocha publicou mais de 160 livros e foi traduzida para 20 países. Vendeu mais de 12 milhões de exemplares, ganhou 29 prêmios entre eles o da Academia Brasileira de Letras, várias vezes o prêmio Jabuti, e a indicação para o internacional Hans Christian Andersen. Teve livro lançado pela ONU e recebeu a Ordem do Mérito Cultural. Alguns de seus livros foram adaptados para teatro, televisão, discos e CD ROMs. Atuou como “free lancer”, e coordenou coleções de livros infantis. Fundou sua própria editora, Quinteto, atuou como tradutora de autores como Alan Garner e Virginia Woolf. Como colunista, teve uma espaço regular na revista *Cláudia* por alguns anos. Adaptou Homero para crianças, além de se desdobrar em palestras, mesas redondas e presidir a ONG Instituto Brasil Leitor.

Ruth Rocha lutou pela melhoria da remuneração do escritor, que era irrisória, pela valorização dos ilustradores e designers. Machado afirma que ambas sustentam a bandeira de não escrever obras de encomenda para satisfazerem o mercado editorial, com essa atitude os autores de literatura-infantil conseguiram sair do “gueto” e estar em pé de igualdade com outros escritores, além de lutarem pela igualdade na elaboração das fichas catalográficas, inclusive indicando a idade da autora.

Machado afirma que Ruth Rocha não é só escritora, mas também pratica o jazz. Participou como debatedora permanente em um programa semanal de política e cultura. Segundo ela, Ruth Rocha possui um humor e uma linguagem inconfundíveis, que se manifestam por meio de uma inteligência aguda e estimulante que provoca o leitor a pensar. Comenta que Ruth Rocha em plena ditadura militar cria o seu “reizinho mandão”, no entanto sua obra está longe daquelas obras de fundo didático, cheias de maniqueísmos, tampouco constitui-se uma escrita panfletária, mas sim uma produção rica, libertária, que provoca o riso em seus leitores. Comenta que Ruth Rocha, traz a realidade para dentro de sua obra, de forma crítica, questiona os valores, e os devolve ao leitor em forma de humor e ironia. Por



meio do seu ludismo, da sua fala coloquial, ocorre uma quebra nas expectativas do leitor, e no ato do riso este encontra a crítica e a lucidez. Termina seu artigo dizendo que a *PEN Club* recebe uma autora sem qualquer diminutivo, “em sua verdadeira grandeza”.

### 3.3 “LÊ-LA É COMO NADAR EM CORRENTEZA”

Segundo Carlos Moraes<sup>1</sup>, a escritora é uma pessoa encantadora, de boa nascença, tendo nascido na provinciana São Paulo de 1931. A mãe desde cedo lia-lhe Lobato, encantando-a com as histórias deste “comunista”, meio proibido na vizinhança, principalmente com *As reinações de Narizinho*. O pai era homem de duas histórias só: *Aladim e a lâmpada maravilhosa* e *O homem da perna amarrada*, seu avô Ioiô sim era exímio contador de histórias. Sua avó gostava de cantar, e foi pela mão dela, que Ruth Rocha foi um dia cantar na rádio. Era uma menina feliz e nem mesmo as noites com asma, quando varava madrugada adentro, lhe trazem lembrança ruins. Suas primeiras leituras foram feitas em casa, em uma salinha que reservava para os estudos, mas o que mais lhe encantava era a biblioteca do pai, onde encontrou um livro sobre cantadores nordestinos, cheio de ilustrações, e se perdia nos versos, olhava o retrato dos cantadores e não entendia como gente tão pobre e sumida, de cara tão judiada usando óculos tão escuros pudessem produzir tanta rima, tanta música, tantas maravilhas. Na puberdade, descobriu a biblioteca circulante da praça D. José Gaspar e desenvolveu o hábito desenfreado da leitura, manteve contato com toda a poesia brasileira e com um tal Cleômenes Campos<sup>2</sup>.

Segundo Moraes, da influência dos versos de Cleômenes Campos adveio o espírito terno sardônico, presente na produção de Ruth Rocha

Mais tarde, durante a adolescência estudou nos colégios Rio Branco e Bandeirantes, conheceu e apaixonou-se pela literatura, depois mergulhou no Modernismo de Mário de Andrade e Fernando Pessoa. Casou-se com Eduardo Rocha e durante quinze anos, a partir de 1957, exerceu o cargo de Orientadora Educacional no colégio Rio Branco. Moraes afirma que durante esses quinze anos, Ruth Rocha estava se munindo para o exercício da literatura. Depois da primeira história obrigatória para a *Recreio* as coisas foram ficando difíceis para a

---

<sup>1</sup> Jornalista, escreveu em parceria com Dau Bastos e Marisa Lajolo o referido livro *Ana & Ruth*. Este foi publicado pela editora Salamandra em 1995, em virtude da comemoração dos 25 anos de existência da editora, e também dos 25 anos de carreira de Ruth Rocha e Ana Maria Machado. Embora não seja ligado à área de produção literária, Moraes traça um perfil da escritora Ruth Rocha.

<sup>2</sup> (1897- 1968), poeta nascido em Maruim, no estado de Sergipe, tendo exercido intensa vida literária, inclusive atuado como Sócio-fundador da Academia Sergipana de Letras.

orientadora, solicitou dois anos para uma pós-graduação. Em 1972 estava trabalhando na redação da revista e se perdeu de vez para a literatura. “Pegou a poeta de nascença e a educadora de profissão e foi ser Ruth na vida” (Bastos,1995, p.39).

Lançou seu primeiro livro em 1976, *Palavras muitas palavras*. De 1976 a 1977 foram treze livros entre histórias novas e outras publicadas na *Recreio*. De 1977 a 1988 foram 67 livros publicados, sempre batalhando a vida. Em 1981 trabalha como editora *free lancer* coordenando coleções de livros infantis para a Cultrix, Record e Mosaico. Na Melhoramentos, junto com João Noro, criou a coleção *Minha Primeira Biblioteca*, lançada também na China, no Japão e na Coréia. Editaram também os dezesseis volumes da coleção *Meu Livro de Bichos*, na Rio Gráfica Editora. Nas noites vagas cantava músicas de jazz, das décadas de 40 e 50, nas casas noturnas 2001 e Piu Piu. Ruth Rocha teve em 20 anos de carreira mais de 100 títulos publicados, algumas de suas obras viraram peça de teatro. Em São Paulo, “O ciclo dos reis” foi adaptado por Flávio de Souza, no Rio foi adaptado *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*. Em Santos um grupo produziu *Procurando firme*. Segundo Moraes, a obra de Ruth “tem bíblia e rua, cadência de profeta e drible de moleque”. “Lê-la é como nadar em correnteza. A gente cai e vai”. A mensagem é como rima, sai quase sem querer. Ruth flui toda. Ler em voz alta e devagarzinho o final da história A menina que aprendeu a voar é voar junto. (Bastos, 1995, p.42).

Em palavras da autora: história boa é a que tem coerência bastante para ser entendida e má intenção suficiente para se entender mais um pouco; e seu critério para ver se uma história é boa é o arrepio na espinha. Se sente que está escrevendo sem arrepio, pára e joga fora. Em geral confessa que gesta sério, demorado, conta rápido, não teme palavras, nem temas difíceis. Argumenta Moraes que em: *Faca sem ponta, galinha sem pé* machismo e feminismo são tratados da mesma forma e conseguem ter ao mesmo tempo, verdade e poesia.

Durante os anos negros da repressão conseguiu sempre ver uma luzinha no fundo do túnel. Os vinte anos de ditadura bem podem se ver retratados metaforicamente nas histórias de reizinhos, podendo ser classificados como reis, pais, mães, tios deputados ou qualquer autoridade. Ruth Rocha é, nas palavras do crítico, a urbana cantadora do seu tempo, digna filha de Esopo sempre a falar por metáforas.

#### 3.4 PARA RUTH ROCHA, MENSAGEM É INVENÇÃO DO LEITOR

A autora argumenta que fazer literatura infantil é um trabalho profissional e, por isso requer técnica e conhecimento. Afirma que desde o início da sua carreira sentia que o que

estava fazendo não era educação, mas, sim, literatura. Escreve para dizer o que pensa, pois quer mostrar a desigualdade entre homem e mulher. Não foge de temas, pois na sua concepção todo mundo é capaz de aprender, e tem como regra que uma história sempre deve acabar num momento feliz.

Para a autora escrever sempre parte da percepção, para escrever é preciso antes de tudo saber olhar. Afirma que escreve porque gosta, que não quer “mandar mensagens”, pois não é telegrafista. Para ela a função da obra literária é criar um momento de beleza através da palavra. Escrever para crianças talvez seja mais aberto, mais lúdico, mais perto da conotação e da poesia, enfim mais polissêmico, mas no fundo não acredita que as coisas se dividam entre adultos e crianças. Argumenta que alguns livros são complexos demais para a compreensão infantil, admitem níveis mais profundos de leitura, outros textos são também acessíveis para criança, mas o importante é que o livro seja bom, e, portanto, o livro que não seja capaz de interessar também ao adulto não é bom.

Ruth Rocha afirma que o autor escreve para si mesmo, pela própria linguagem, não se importando muito com a idade de quem vai ler, e que na maioria das vezes escreve sem pensar na idade do destinatário, com exceção dos livros que escreveu para crianças que estavam aprendendo a ler. Para ela o uso da linguagem deve ser feito para libertar e deve estar a serviço da transparência, assim a linguagem pode ter vários sentidos, para que o leitor invente seus próprios significados. Em dados momentos afirma que a linguagem deve ser simplificada, sem o seu barateamento e quando ocorrem as rupturas, estas são intencionais, têm uma função estilística, pois dominar a gramática é fundamental para domá-la e assim partir para uma linguagem nova.

Menciona que Lobato foi um autor de enorme importância, tanto que preparou a geração de 70, quase toda sua filha. Dentre os vários fatores que explicam o aparecimento desta geração, Lobato foi o mais decisivo. Segundo Ruth Rocha, essa geração foi influenciada pela linguagem e irreverência, pelo realismo mágico, pelo amor pela pátria, pela discussão política, pelas figuras femininas fortes e, sobretudo, pelo apreço que Lobato teve com as crianças considerando as inteligentes e criativas. Para a autora a história sempre dá o fio condutor. Em cima da história se constrói a obra, mas sempre com base na realidade. A literatura que não se refere à história, não existe. Esta sempre leva o leitor a questionar seus pontos de vista, e isso é que faz o encanto da leitura e, com o autor de literatura infantil, não é diferente e argumenta: “Mensagem é invenção do leitor”. Esclarece que segundo seu ponto de vista a leitura não deve ser encarada como obrigação, sempre com a preocupação de passar a mensagem e deve ser posta na escola como Educação Artística, não como lição ou tarefa, feita

desta forma é capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre.

Salienta que a leitura é sempre ambígua, portanto não é na compreensão racional do texto que está o maior valor da leitura, mas sim no prazer que ela proporciona. Afirma que a função do escritor é mostrar a realidade por outro ângulo, é criticar o que se passa por toda parte sem dar solução nenhuma, e sobretudo sem dar conselhos. Que cada um encontre a sua verdade sozinha. A autora se afirma uma feminista, pois tem acesa dentro de si a chama de independência. E quando afirma ser feminista, o faz para fortalecer a posição, pois segundo ela o machismo ainda é muito forte.

Em entrevista concedida em 05/05/1999 à Joseana Paganini, jornalista do Jornal de Brasília, Ruth Rocha afirma que o escritor de literatura-infantil é sempre influenciado pela literatura de adulto, pois o escritor sempre escreve com a cabeça de adulto. Afirma que do seu ponto de vista, existe prosa e verso, uma literatura infantil e também uma literatura para adultos, mas quando se trata de literatura para jovens esta situação é mais complexa, pois ela mesma com treze anos lia de tudo, inclusive literatura para adultos. Argumenta que existem livros que são escritos para crianças e que também agradam aos adultos, como é o caso de *A República dos Argonautas*, de Anna Flora e de *Tom Sawyer*, o que torna difícil definir se nestes casos é literatura infanto-juvenil ou não, pois a criança não é capaz de criticá-la e o adulto não possui as condições ideais para isto. Ruth Rocha afirma que não gosta de discutir o assunto com literatos, pois existe um certo desprezo pela literatura infantil, alguns, inclusive são taxativos, dizem que não existe literatura infantil e pronto, fato que ela se abstém de discutir, pois na sua concepção só há lógica naquilo que é melhor para a criança.

Quanto às personagens rebeldes que existem em seus livros a escritora afirma que isto resultou do fato de ter trabalhado com crianças durante muito tempo, e neste contato com os pequenos desenvolveu a idéia de que estas são muito pouco amadas, mesmo em sua própria, casa. Sua experiência com crianças mostrou-lhe que existe muito pouca cumplicidade entre pais e filhos e que hoje acredita que muitas pessoas não gostam de crianças, e que de um modo geral o brasileiro não gosta, pois se gostasse já tinha resolvido os problemas que atingem a infância no Brasil, por isso põe nos seus livros a revolta real da criança. A escritora diz que com sua pena, não as maltrata, nem as subestima, o que quer de fato é desenvolver a cumplicidade, e talvez por isso *Marcelo, marmelo, martelo*, seja o seu livro mais vendido, as crianças gostam muito porque no final os pais acabam compreendendo o menino. Salienta a escritora que criança precisa ser amada e compreendida, mas seus personagens apontam para o adulto, para o homem que reivindica e não se conforma.

Quanto à preocupação didática existente em seus livros, concorda que alguns traços

devem ter, sim, marcas da educadora que foi, durante muito tempo, mas acrescenta que a maior influência vem mesmo da vida. Suas idéias surgem de tudo, da infância, do colégio, dos lugares onde trabalhou, da experiência, enfim de tudo que viveu. Afirma também que foi uma criança muito feliz e que nunca lhe faltou nada, seus pais eram amorosos, e apesar de ter sido uma criança meio adoentada, sempre teve a companhia da mãe por perto, que gostava muito de ler e sempre lhe contava muitas histórias. Seu avô era um nordestino, também contador de histórias, com a avó aprendeu a cantar modinhas imperiais, além de ter tido um excelente convívio com as empregadas que trabalharam em sua casa. Depois de adulta interessou-se por política e acabou formando-se em Sociologia, e reforça que a ditadura influenciou muito a sua obra, que criou o personagem reizinho para falar do autoritarismo e sobre as formas de revolta, pois tudo isso faz parte da sua formação. Quando tem uma preocupação pedagógica, ela afirma que sabe identificá-la. Geralmente o que escreve é intuitivo, no entanto as suas soluções agradam aos pedagogos.

### 3.5 RUTHE ANA: TRAÇOS LOBATIANOS

Ainda em *Ana & Ruth*, Marisa Lajolo expõe a situação da sociedade brasileira num momento de mudanças importantíssimas, no que se refere à modernização do estado brasileiro nos idos dos anos 70, e inclui Ruth Rocha e Ana Maria Machado neste panorama, onde destaca que houve uma forte aceleração da produção da literatura destinada ao público infanto-juvenil, por meio da publicação de milhares de títulos a serem distribuídos e consumidos no interior das escolas públicas de todo o país. Argumenta Lajolo, que o Brasil neste momento procura se ajustar à nova imagem de nação atrelada ao mundo moderno, reflexo do modelo capitalista que sempre presidira todas as etapas de nossa evolução. Os livros, destinados ao público infantil, cumpriam a tarefa de operar o milagre de transformar em leitor a multidão de menores de idade, a quem a escola dizia ensinar.

Esta nova realidade apresentou uma dupla face, se por um lado cuidava de manter os desígnios da classe dominante, por outro gerou condições para a resistência. Resistência, esta, que se fez com muita intensidade, na área das letras infantis e juvenis, da qual Ruth faz parte. A produção do livro transformou-se em indústria e afastou-se do amadorismo, pois constituía um objeto diferenciado que envolvia por sua vez, um tratamento gráfico cuidadoso, que se entende da diagramação ao projeto de capa, multiplicando profissionais e favorecendo a profissionalização. Salienta Lajolo que a obra de Ruth Rocha espelha esse novo modo de produção cultural, onde a leitura se faz disponível em lugares pouco ortodoxos tais como:

farmácias, bancas de jornal, estantes de supermercado, e até mesmo, argumenta ironicamente Lajolo, em livrarias especializadas. Era sempre possível encontrar em qualquer hora, um livro para lazer, ou para o dever escolar.

Surge neste ínterim a revista *Recreio*, onde autoras do porte de Ruth Rocha e Sônia Robatto estavam envolvidas. Constituíam um bom espaço de leitura, sendo barata e acessível e de boa qualidade, abria e ampliava os horizontes de leitura. Por meio de seus textos inteligentes e inovadores interferiu qualitativamente na prática de leitura.

Lajolo comenta que Ruth Rocha recebeu a missão de dirigir a revista e, juntamente com ela, a *Recreio* passou a congrega autores do porte de Ana Maria Machado, entre outros, que passaram a integrar um corpo de escritores que descobriu nas letras infantis e juvenis sua verdadeira vocação. Lajolo aponta na produção tanto de Ruth Rocha quanto de Ana Maria Machado traços Lobatianos inquestionáveis, pois na produção de ambas pode-se encontrar características da produção do autor, que muitos anos atrás, selou na tradição brasileira a modernidade do gênero infantil. São marcas da produção de ambas as autoras: a modernização do texto, a coloquialização da linguagem, o arejamento das mensagens, a concepção da criança leitora como inteligente e inventiva, além de uma atitude radicalmente crítica da realidade brasileira.

De Lobato Ruth Rocha herdou a irreverência do seu modo de escrever, fazer e vender livros. A autora acompanha profissional e cuidadosamente todos os aspectos envolvidos na produção de seus livros aceitando desafios como a organização profissional de editoras, coleções e livrarias e sempre articulada com o seu tempo mergulha fundo nos meandros da indústria editorial brasileira contemporânea.

Outra semelhança com Lobato é valorização da voz feminina. No universo de suas obras, entre outras personagens, destaca-se a voz da mulher a falar sempre de igual para igual, com o discurso de Emília, e com o bom senso de Dona Benta e Tia Anastácia, embora o texto de Lobato esteja sob a ótica de um escritor homem. Ao tempo de Ruth Rocha a mulher já ocupa outros patamares e se manifesta de maneira bem mais complexa, em diversos segmentos da instituição literária, a citar: autoria, circulação, produção, difusão, crítica etc.

Ruth, afirma Lajolo, é uma exemplar pioneira de invulgar profissionalismo, e sua obra documenta o novo modo de produção cultural, sempre trabalhando a muitas mãos, é um exemplo eloqüente da agilidade da modalidade e, sobretudo, da possibilidade de que o profissionalismo se revista da mais alta ética nas relações de trabalho e respeito aos leitores. Em suma, na ferocidade dos anos 70 Ruth e Ana se despontam com grande fôlego, lutando de forma incansável pela modernização e feminização do texto infantil, abrindo novos caminhos

e mudando o horizonte brasileiro de livros infantis e juvenis.

Lilia Moritz, editora da Companhia das Letrinhas, no site oficial da Editora, esboça um perfil de Ruh e se diz agraciada por tê-la conhecido de perto, ter trabalhado com ela e guarda a certeza de ter conhecido uma escritora de verdade, um grande ser humano. Moritz diz que com ela podemos entender o que significa viajar com um livro nas mãos, conhecer o mundo sem sair do sofá, pois a autora tem uma escrita saborosa, um humor fino e suas criaturas saltam dos livros.

Relata que trabalhou com Ruth Rocha durante a produção da adaptação de *A Odisséia* e que pôde perceber uma autora de grande responsabilidade, um pessoa muito sensível de excelência, por isso esticou o mais que pôde as etapas do processo e acabou compartilhando com as diversas faces de uma mesma escritora, aprendeu mais sobre a riqueza de pensar e discutir, debater idéias, com um livro na mão. Depois, juntos, discutiram tudo sobre a produção da obra, o formato, a cor do papel, as ilustrações, além da divulgação, e salienta Moritz, que no caso de Ruth Rocha esta já nasce feita e brinda a sorte por tê-la conhecido.

### 3.6 A OBRA DE RUTH

Ruth Rocha estréia na literatura infantil na década de 70, e sua obra apresenta características embrionárias desde as suas primeiras produções. Dona de um texto inovador que apresenta sempre um discurso rico, em constante diálogo com o seu tempo a autora está sempre a interagir com tudo que já se produziu no conjunto de textos que define uma literatura. Seu discurso estrutura-se em diferentes níveis, em diversas linguagens e maneiras, sempre por meio dos mais variados recursos e sem essa técnica sua obra não transcenderia o imediatismo do consumo rápido e da linguagem descartável. Sua produção também estabelece um diálogo interno que lhe possibilita sempre se renovar e enriquecer. São traços marcantes de sua escrita: o humor e a linguagem.

A crítica implícita na sua obra se desdobra por meio do riso constante. É por meio dele que a autora se encontra com o seu tempo e, sobretudo, com os leitores. O humor é uma arma para inverter valores, princípios, comportamentos, conselhos, contrariando sempre as mensagens conformistas e o conservadorismo reinantes nos contos de fadas e mesmo nas narrativas de aventuras que disseminam sempre noções de submissão e obediência num universo cosmicamente inabalável. Ao criar reis que são antipáticos, ministros desonestos, mulheres liberadas e crianças contestadoras a autora provoca risadas inesperadas preenchendo o gênero infantil com novos significados, por vezes também dialoga com a literatura não

infantil de forma parodística, irônica e irreverente.

A linguagem nos textos de Ruth Rocha é trabalhada com afinco, afastando-se da fala cotidiana e quebrando as expectativas do leitor. Afasta-se dos clichês, estereótipos e lugares comuns emigrando para novos contextos, onde ganham novas significações, renovando sempre os leitores. Desta forma, chavões e provérbios populares disponíveis na literatura e na memória dos leitores são retrabalhados e fecundados com novos valores. Sua produção altamente polissêmica tem por projeto a reescritura crítica e retomada da tradição cultural. Esta desconstrução propicia uma mobilidade, que confere ao leitor a capacidade de rearranjar, redistribuir e ressignificar os textos lidos anteriormente.

A obra *O reizinho mandão* ilustra essa tendência, pois inverte e rompe com as expectativas. Baseada no provérbio “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu” colocada na boca de uma menina, esta apresenta um redimensionamento da realidade, convocando o leitor a cruzar fronteiras por meio de uma linguagem nova, num processo de verdadeira “alquimia” verbal.

Em uma curta entrevista concedida à Editora FTD em maio de 2005, Ruth diz que tem bom humor e que foi muito influenciada pela Emília lobatiana, pela sua alegria, e que quando começou a escrever foi em grande parte por influência da personagem.

Ruth Rocha relembra que começou a trabalhar como atendente de biblioteca e que conversava muito com as crianças, escolhia livros para elas, fazia graças, por isso ocorreu uma grande aproximação com os pequenos que a cercavam muito, e por este motivo foi convidada pela direção da escola a trabalhar como Orientadora Educacional, depois fez pós-graduação e, por quinze anos atuou no cargo, mas considera que as bibliotecas são imprescindíveis. Desta necessidade foi criada a ONG Brasil Leitor, onde a escritora atua, buscando patrocínios e afirma que a organização já construiu bibliotecas no metrô, na Academia de Polícia, sendo ao todo dezessete, que são fruto de um extenuante trabalho.

Sobre o tema “racismo”, sempre retratado em suas obras, a autora afirma que o tema adveio da sua formação como Socióloga, pois a Sociologia nos ensina a ver a sociedade de outra maneira. Sobre os dialetos encontrados nos blogs e no MSN, Ruth afirma que isso não a incomoda, pois considera isto um modismo que vai passar, que não vai destruir a Língua Portuguesa, no seu ponto de vista o que realmente atrapalha é quando a pessoa não sabe o resto.

Entrevistada pela revista *Crescer* em julho de 2005, logo após a publicação do livro: *Um cantinho só pra mim* em parceria com Ziraldo, pela Editora Melhoramentos, a escritora afirma que é cúmplice da criança, pois sente o que a criança está sentindo e, talvez, por isso,



acrescenta o colunista, as histórias de Ruth parecem que são sobre a vida da gente. Sobre o dia do Escritor, dia 25 de julho, a escritora afirma que é um dia muito importante, não somente porque ela é escritora, mas porque se tornou uma escritora, por causa dos livros que leu e afirma mais uma vez que o pai era médico, tinha cultura e tudo, mas era a mãe quem lia os livros e depois comprava para os filhos.

Ao ser questionada a respeito dos motivos que a levaram a cursar Sociologia, se acaso teria sido por causa da leitura, ela responde que foi para essa área por ter lido *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. Na escola, teve como professor Sérgio Buarque de Holanda “que era sensacional”, no entanto, a profissão era muito difícil, pois neste tempo os sociólogos eram vistos como baderneiros e comunistas. Em seguida veio o seu emprego como atendente de biblioteca depois a Orientação, os tempos da *Recreio*, da Abril etc.

Ruth Rocha conta que nesse tempo, os escritores viviam sob uma sombra imensa, que os impedia de fazer algo original. Essa sombra era o Lobato. Havia muita gente boa que foi se conhecendo e publicando, dentre estes nomes estão os Sílvia Orthoff, Ana Maria Machado e ilustradores fantásticos entre eles o Ziraldo, que sempre fez muita coisa, sempre esteve muito disponível e não pensa na idade para fazer. Salienta Ruth Rocha, o Ziraldo faz primeiro, para depois pensar na idade e aí diz: “Ai tô cansado”.

Reafirma que tinha 38 anos quando escreveu seu primeiro conto. Salienta que a vida toda se preparou para isso, por meio de suas leituras. Seu trabalho como orientadora educacional lhe deu régua e compasso e só percebeu mesmo que era escritora em 1976, quando publicou 13 livros de uma vez. Vieram as resenhas, as críticas, aí ela pensou: “ Gente, sou escritora!”

A escritora afirma que escreve como adulto e não como criança, diz que fazer livro para criança é muito divertido, pois além de ser um ato muito importante, pode-se “brincar” o quanto quiser. Afirma que a criança é um ser indefeso, que se solidariza com elas, sente o que elas estão sentindo.

Ao ser indagada se contava histórias para a filha Mariana ou para os netos, Ruth conta que a filha queria sempre uma história que não existisse e se ela contasse A Gata Borracheira Mariana dizia: “Não, eu quero a história dessa mesa”. Quanto aos netos afirma que eles não mitificam o fato de tê-la como avó, não ligam muito para isso, se na escola alguém comenta eles não levam muito a sério.

Sobre a sua infância, a escritora conta que gostava de boneca, de fazer boneca de papel, vestidos, recortava homem e mulher de revista, montava as famílias e que adorava ficar na rua, brincava de roda, de pegador, de bola, de amarelinha, gostava de andar de bicicleta e

até de empinar papagaio. Quando indagada se acha que é melhor ser criança na atualidade, diz que hoje os pequenos têm uma oportunidade que antes não tinham, pois hoje eles podem falar, ser ouvidos, expor suas opiniões e isso, na opinião da escritora, é uma maravilha.

### 3.7 CRONOLOGIA

#### 3.7.1 Nascimento

1931 - São Paulo SP - 2 de março

#### 3.7.2 Locais de vida/viagens

1931/1995 - São Paulo SP

1974 - Nova York e Racine (EUA); Holanda

1980 - Alemanha, França, Holanda

1984 - Itália, Espanha, Argentina

1985 - Miami (EUA)

1987 - França, Portugal

1988 - Alemanha

1989 - Nova York (EUA)

1990 - Nova York (EUA)

1993 - Equador

1994 - Bolonha (Itália) e Alemanha

#### 3.7.3 Vida familiar

Filiação: Álvaro de Faria Machado, médico, e Esther de Sampaio Machado

1956 - São Paulo SP - Casamento com o empresário Eduardo Rocha

1962 - São Paulo SP - Nascimento da filha Mariana

### 3.7.4 Formação

1952 - São Paulo SP - Bacharel em Ciências Políticas e Sociais, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo

1969 - Santos SP - Licenciatura em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos

1970 - São Paulo SP - Pós-graduação em Orientação Educacional, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC/SP

1974 - Nova York e Racine (EUA) - Especialização em Editoração, na Western Publishing Co.

### **Contatos/influências**

Influência da poesia de Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes

Convivência com Ana Maria Machado, Ana Maria Martins, Anna Flora Camargo Coelho, Fábio Lucas, João Carlos Marinho, Julieta Godoy Ladeira, Lygia Fagundes Teles, Ricardo Ramos, Sylvia Orthof, Sylvio Fiorani, Tatiana Belinky

Co-autorias: Anna Flora Camargo Coelho, Otávio Roth, Walter Ono, Ziraldo

### **Atividades literárias/culturais**

1956/1972 - São Paulo SP - Organizadora e diretora do Departamento de Orientação Educacional do Colégio Rio Branco

1968/1970 - São Paulo SP - Colaboradora para assuntos de educação da revista *Cláudia* (Ed. Abril)

1969/1971 - São Paulo SP - Orientadora pedagógica da revista *Recreio* (Ed. Abril)

1970/1995 - São Paulo SP - Tradutora e adaptadora de histórias infantis (cerca de 60 títulos)

1971/1972 - São Paulo SP - Orientadora pedagógica e redatora da revista *Bloquinho* (Bloch Editores)

1973/1974 - São Paulo SP - Redatora-chefe e diretora editorial da Divisão Infanto-juvenil da Editora Abril

1975/1981 - São Paulo SP - Editora-chefe e diretora editorial dos grupos de atividades, livros

e coleções da Editora Abril

1982/1983 - São Paulo SP - Consultora editorial de Livros Abril e do setor de educação da Abril Cultural

1983/1987 - São Paulo SP - Diretora da União Brasileira de Escritores

1984/1995 - São Paulo SP - Sócia e editora do Quinteto Editorial

1984/1985 - São Paulo SP - Editora das séries Peixinho e Cultrix Juvenil (Ed. Cultrix)

1985 - São Paulo SP - Editora da série Reco-Reco (Ed. Record)

1987/1990 - São Paulo SP - Editora executiva da *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*

1990/1995 - São Paulo SP - Membro do Conselho Consultivo da Fundação Abrinq pelos direitos da criança

1991/1995 - São Paulo SP - Comentarista política no programa Gazeta Meio-Dia (TV Gazeta)

1993 - Quito (Equador) - Participação em mesa-redonda e leitura de textos no II Seminário Internacional de Literatura-infantil

1994 - Bolonha (Itália) - Participação na Feira de Bolonha

1979/2001 - Brasil - Entre 1979 e 2001 Ruth Rocha já publicou mais de 140 livros infanto-juvenis

### **Homenagens/títulos/prêmios**

1976 – Altamente Recomendável pela LNLIJ pela publicação da obra *Palavras, muitas palavras*.

1977 – Altamente Recomendável pela LNLIJ pela publicação da obra *Nicolau tinha uma idéia*.

1978 – Altamente Recomendável pela LNLIJ pela publicação da obra *O reizinho mandão*.

1978 – Lista de Honra do Prêmio Hans Christian Andersen, FNLIJ

1980 - Prêmio do Jornal Auxiliar, pelo livro *O rei que não sabia de nada*, concedido pelo Banco Auxiliar.

1980 – Prêmio João de Barros da Prefeitura de Belo Horizonte pela publicação de *Davi ataca outra vez*.

1981 - Rio de Janeiro RJ - Prêmio Ofélia Fontes (O Melhor para a Criança), pelo livro *O que os olhos não vêem*, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

- 1981 - São Paulo SP - Prêmio Melhor Autor Infantil, pelo livro *O que os olhos não vêem*, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte
- 1981 - Belo Horizonte MG - Prêmio João de Barro, pelo livro *Davi ataca outra vez*, concedido pela prefeitura.
- 1981 – Selo de Ouro – O melhor para criança, FNLIJ.
- 1981 – Prêmio APCA , melhor edição de livro infantil.
- 1983 - São Paulo SP - Exposição de ilustrações dos livros da autora na Editora Nobel, em homenagem ao marco de um milhão de livros vendidos.
- 1983 – Prêmio Monteiro Lobato, melhor livro infantil da Academia Brasileira de Letras.
- 1983 – Livro Altamente Recomendável pela LNLIJ pela publicação de *Quando eu comecei a crescer*.
- 1983 – Livro Altamente Recomendável pela LNLIJ pela publicação da obra *Faca sem ponta, galinha sem pé*.
- 1984 - São Paulo SP - Prêmio Abril de Jornalismo - Destaque, pelo livro *Alvinho o edifício of city Taubaté e o cachorro Venceslau*.
- 1989 - São Paulo SP - Criação da Biblioteca Ruth Rocha, na EMPG Paulo Duarte
- 1990 - São Paulo SP - Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, pelo livro *Uma história de rabos presos*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro
- 1991 - Barra Mansa RJ - Criação da Biblioteca Ruth Rocha (Ciac)
- 1992 - Rio de Janeiro RJ - Prêmios Monteiro Lobato, concedido pela Academia Brasileira de Letras, e Malba Tahan (O Melhor Livro Informativo), concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, pela coleção *O Homem e a comunicação*, em co-autoria com Otávio Roth
- 1992 - Rio de Janeiro RJ - Prêmio de Melhor Livro Informativo, pela coleção *O Homem e a comunicação*, em co-autoria com Otávio Roth, concedido pela Fundação nacional do livro infantil e juvenil
- 1993 - São Paulo SP - Prêmios Jabuti de melhor produção editorial, obra, coleção e melhor Produção editorial infantil e/ou juvenil, pela coleção *O Homem e a comunicação*, em co-autoria com Otávio Roth, concedidos pela Câmara brasileira do livro
- 1993 – Prêmio Monteiro Lobato, melhor livro infantil da Academia brasileira de letras.
- 1994 - Rio de Janeiro RJ - Publicação de um catálogo comemorativo pelo 25o. aniversário de sua carreira literária.

2001 - Rio de Janeiro RJ - Prêmio de literatura infantil 2001, pela adaptação da *Odisséia* (Companhia das Letrinhas), concedido pela Academia brasileira de letras

## 4 A VISÃO CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO DE RUTH ROCHA

### 4.1 RUTH ROCHA- FILHA DE LOBATO: UMA NOVA ÓTICA SOBRE A QUESTÃO DO PODER.

Conforme já assinalado no primeiro capítulo deste trabalho, lembramos que a literatura infanto-juvenil cumpriu um longo trajeto rumo à sua emancipação, que foi a década de 70, consagrando diversos autores, cuja produção rompeu com os padrões existentes até então. Consolidou-se, então, a geração de escritores “filha de Lobato”, pois deste herdou a sua forma de escrever, abandonando o pedagogismo, a marca simplesmente utilitária, valorizando a criança como ser inteligente criativo, capaz de optar, refletir, opinar e escolher.

Nomes como os de Lygia Bojunga Nunes, Maria Clara Machado, Ana Maria Machado e Ruth Rocha surgem nesse intervalo, trazendo à tona este texto “libertário”, que confere à criança uma voz ativa. Sobre Ruth Rocha pode-se mencionar que foi uma das escritoras que se afirmou neste período e, sobre a sua produção, a crítica posicionou-se no sentido de conferir-lhe pareceres que às vezes são unânimes e por vezes apontam “falhas” no seu conjunto. Destacam-se os nomes de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Edmir Perrotti, Fanny Abramovich entre outros pesquisadores, encarregados de apontar na produção da literatura destinada ao público infanto-juvenil um juízo de valor que antes era conferido somente à literatura para adultos.

É certo que o gênero é novo e encontra-se ainda em fase de afirmação, por isso não possui ainda um corpus definido ou um conjunto de normas para que seja apreciado, tendo tomado de empréstimo os mesmos parâmetros atribuídos à crítica da literatura produzida para adultos. Com esta nova modalidade surge também uma nova crítica que analisa, classifica e atribui valores às produções do momento.

Paralelo a esse processo de profissionalização dos escritores, bem como de uma crítica especializada que irá analisar e atribuir seus juízos de valor, emerge também a crítica não especializada, publicada em jornais, revistas e outros setores da mídia, com vistas a divulgar a obra com a finalidade de estimular a venda e a adoção por parte das escolas. É comum neste panorama este tipo de abordagem, que geralmente se limita a exaltar a obra por meio da apresentação de uma breve resenha do enredo, sem muitas vezes se preocupar com o seu conteúdo estético. Como a autora em questão faz parte deste momento de franca expansão da literatura infantil e está atrelada fortemente a indústria cultural, este trabalho cuidará também de apresentar esta vertente da crítica.

Fanny Abramovich em: *O estranho mundo que se mostra às crianças*, publicado pela Summus Editorial em 1983, em seu primeiro capítulo comenta que o texto de Ruth Rocha é bom para qualquer idade, que o contato com a literatura infantil a levou a concluir que existem nas obras preconceitos implícitos, que até então lhe passavam despercebidos. Sua obra se propõe examinar títulos destinados ao público infantil. Comenta a autora que por um lado existe a proposta lobatiana, em que as crianças vivem isoladas do mundo, são protegidas de tudo, inclusive de pai e mãe, num mundo imaginário, “num eterno faz de conta”, é a utopia construída. Por outro lado, comenta a autora, a editora Comunicação de Belo Horizonte propõe-se discutir situações reais do mundo no qual a criança interage com problemas tais como: *o desmatamento, a poluição dos rios, a separação dos pais*. Outras editoras de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, seguem, segundo a autora, este tipo de preocupação, mas com textos de menor densidade e impacto. Uma terceira tendência segundo Abramovich é a da Editora Primor do Rio de Janeiro, que se preocupa com o visual do texto e cita a obra de Ruth Rocha *Nicolau tinha uma idéia*, cuja narrativa visual propõe uma obra aberta com várias possibilidades de leitura. De resto, afirma a autora, o que se percebe é um acúmulo de publicações onde a criança é vista como um ser passivo, estático, ou nas palavras da autora, a criança é “oligofrênica”

Ressalta que as obras apresentam a ideologia da classe média com seus valores, seu código de ética e de estética. No *pós scriptum* de seu primeiro artigo, a autora reitera seus conceitos, e comenta que o mercado editorial melhorou muito, editoras como a Melhoramentos, a Salamandra, o Círculo do Livro adotaram critérios mais rígidos para a publicação daquilo que consideravam ser um bom livro para crianças, cita autores do porte de Ziraldo e Ana Maria Machado, salienta que Ruth Rocha discute com as crianças as questões do poder, da autoridade, das mudanças possíveis dos caminhos políticos, de modo compreensível, sensível e inteligente.

Que bom constatar que em alguma área houve crescimento, amadurecimento, solidez de talentos, clareza quanto aos propósitos, perda do medo de dizer tudo que importa realmente para a criança. (Abramovich, 1983, p.27)

No capítulo “*Lobatear: verbo primeiro da literatura infantil*”, Abramovich retoma seus conceitos sobre a produção lobateana. Afirma que “Lobato está vivo dentro de cada um de nós. Faz referência a toda a produção do escritor para crianças e adultos. Comenta a importância fundamental deste para as novas gerações de escritores e transcreve uma frase de



Ruth Rocha: “Li tanto, que já sei de cor...”. Afirma que, para a autora, o amor vai todo para a Emília, que representa “o eu diante do mundo”; já em relação ao visconde, Ruth Rocha não gosta de seu papel de dominado, acha que ele deveria se libertar da Emília e que Dona Benta não lhe toca muito, é autoridade embora simples e democrática. Lamenta o esquecimento do João-faz-de-conta, que foi logo abandonado por Lobato. Ruth Rocha, afirma a pesquisadora, é admiradora incondicional do autor, do seu lado fantasioso, imaginário, riquíssimo, ressalta que ele nunca dá medo ao leitor, não provoca angústias. Ruth Rocha afirma que ele escreve simples, correto, não tem medo das construções complicadas, muito menos das palavras difíceis. Isto para ela é sinal de respeito à criança. Comenta as imagens que Lobato criou tais como: *escorregar pelos anéis de Saturno, fazer estrelinhas de rosca com massa cósmica* e lamenta o fato de o autor nunca ter escrito poesia, pois na sua visão, Lobato era um poeta e não sabia. Ainda sob a perspectiva da escritora, o que Lobato fez de pior foi no nível pedagógico, opinião comungada por quase todos. Afirma que quando mocinha, ficava passando pela Barão de Itapetininga só para vê-lo na porta da Brasiliense. Se resolveu escrever, foi por causa dele, tamanha a influência que exerceu sobre sua infância.

Abramovich comenta que o que falta na literatura infantil é gente que escreva sério, com gosto, com qualidade, “sobretudo, o que falta, mas falta mesmo é gente que saiba escrever, e escrever bem! Gente que escreva com gosto, solto, prazerosamente como a Rocha” (Abramovich, 1983, p.62). Cumpre ressaltar que este trabalho é um dos primeiros a tratar do assunto no país e, embora outros autores também tenham levantado esta questão, a autora o faz de forma apaixonada, o livro dialoga com escritores do porte de Mário Quintana e Millôr Fernandes, não se intimida com a mudança pela qual passa a literatura-infantil, que muda do ritmo de artesanato para o de indústria. A escritora procura separar o joio do trigo e, no meio das “melecas” que são servidas às crianças, apontar o que de bom pode lhes ser oferecido. É entusiástica a forma como aborda temas-tabu tais como *a música, o teatro, a televisão e os brinquedos* e a maneira como estes elementos são oferecidos ao público infantil, na maioria das vezes visando mais a formar adultos em miniatura do que conferir à criança o direito de lê-lo de forma crítica e desalienante.

Regina Zilberman em: *A Literatura Infantil na Escola* (1985) reafirma que a literatura infantil constitui uma modalidade que não conhece limites definidos, o que torna bastante difícil estabelecer suas principais linhas de ação, podendo englobar histórias veristas, fantásticas, criar seres antropomorfizados, focar situações humanas existenciais, inclusive englobar todas estas situações numa mesma produção. São comuns os casos onde o autor envereda pelo verismo naturalista ou alinha-se à representação dos contos de fadas, com

vistas à simbolização dos estados existenciais infantis. Ao lado destas permanecem atuantes a história policial ou de aventuras, bem como o aproveitamento de episódios da História do Brasil.

Tal como Abramovich, Zilberman destaca a questão do poder. A autora se propõe investigar os contos de fadas e seu engajamento com a arte renovadora, desviando-se do seu didatismo transmissor de ideologias previamente estabelecidas.

Enfoca a obra de Ana Maria Machado *História meio ao contrário* como exemplo desse redimensionamento, afirmando que a convenção dos contos de fadas se dá pela existência de uma seqüência narrativa, de um elenco de personagens, e que a evolução do relato se dá através de três momentos básicos que são: um conflito, uma ação saneadora que envolve uma entidade mágica que auxilia o herói, e o desfecho final que culmina num casamento real, as personagens se dividem em bons e maus instaurando uma realidade dicotômica, predominando a imposição do bem sobre o mal. No caso da obra citada ocorre uma inversão do paradigma, pois a autora lança mão de artifícios não convencionais aos contos de fadas. Em primeiro plano ocorre uma inversão da seqüência narrativa, uma vez que a história começa pelo fim. Um segundo fator de desequilíbrio é dado pelas personagens, pois desaparecem as distinções sociais, a nobreza se confunde com as personagens oriundas das classes inferiores. Zilberman afirma que essa inversão constitui uma tônica da literatura brasileira voltada ao reaproveitamento do conto de fadas. Cita Ruth Rocha, que, segundo a autora, utiliza semelhante procedimento em *O reizinho mandão* e também Eliardo França, com a obra: *O rei de quase tudo*. Nestes casos, a personagem responsável pelo mando tem ao mesmo tempo atitudes arbitrárias e pueris, salientando uma crítica à autoridade. Enquanto o herói se infantiliza, há um crescimento da voz infantil, que quando se torna senhora do poder é contrariada e condenada por intermédio das insinuações do narrador que geralmente é um adulto. Para amenizar esta dificuldade ocorre o surgimento de uma nova personagem que desafia o poder estabelecido.

“É a princesa que diz não ao pai, é a menina que manda o “reizinho mandão” “calar a boca”, repetindo-se o processo de “*A roupa nova do imperador*”, de Hans Christian Andersen, no qual cabe à inocência infantil a denúncia da farsa encenada pelos adultos”

Zilberman menciona que, nestes casos, um estereótipo do conto de fadas é contrariado, a justiça, a sabedoria e o poder conferidos ao rei são substituídos pela puerilidade e pela tirania, enquanto questiona-se o comportamento da criança mimada, comportamento, este, que pode ser modificado pela denúncia da falsidade dos valores adultos pelos mais jovens, que, não tendo ainda absorvido sua ideologia, podem revelar sua obsolescência.

Em *Literatura infantil brasileira: História e histórias*, Regina Zilberman e Marisa Lajolo reiteram as colocações de Zilberman em a *Literatura infantil na escola*. Afirmam que:

Ruth está entre os escritores que, nos anos 70, encontraram novas propostas e caminhos para a renovação da literatura para crianças, e se empenharam numa produção que hoje é conhecida como responsável pelo “boom” da literatura infantil brasileira dos anos 70/80. (Zilberman; Lajolo, 1985, p. 25).

As características mais relevantes de seu estilo são: bom humor, espírito lúdico ou parodístico, regaste do passado por meio da reinvenção das histórias antigas, consciência crítica acessível ao espírito infantil, linguagem dialogante, coloquial, fluente e viva, consciência do momento de crise e de transformações que o século XX atravessa, entusiasmo pela vida, confiança no poder transformador do homem e esperança.

No terreno da ficção, dialogar com seu tempo significa mandar recados para os contemporâneos. Implica, além disso, dialogar com tudo o que já se produziu, na longa cadeia de escritores e textos, cujo conjunto configura uma literatura. O diálogo de Ruth Rocha se perfaz de diferentes maneiras, em diversas linguagens, estruturas e níveis, por meio de vários recursos. Sem ele, a obra não transcenderia o imediatismo do consumo rápido e da linguagem descartável. Sua vasta produção produz também um constante diálogo interno que lhe possibilita se renovar e enriquecer. Neste sentido, há dois procedimentos recorrentes que muitas vezes se superpõem, que são o humor e o incessante trabalho com a linguagem.

Como obras que representam este estilo destacam-se entre outras: a ‘Tetralogia dos Reis’, que se configura como marca de um texto irreverente, polissêmico, de alto teor literário.

A geração de 70 foi influenciada pela linguagem, pela irreverência, pelo realismo mágico, pelo amor pelo Brasil, pela discussão política, pelas figuras femininas fortes, pelo inconformismo, e a principalmente pelo apreço que Lobato mostrou pelas crianças, considerando-as inteligentes e criativas. (Zilberman; Lajolo, 1985, p.53)

As pesquisadoras comentam a obra *Marcelo marmelo martelo* (1976) e *O Reizinho Mandão* de (1978) e afirmam que *Marcelo, marmelo, martelo* mergulha os leitores na aventura da linguagem. Segundo elas ao brincar com a elasticidade da linguagem, a escritora acaba por tematizar a arbitrariedade do signo lingüístico, ao nomear o cachorro de *Latildo*, travesseiro como *olhereiro* e pegar fogo de *embrasar-se*. Segundo as autoras, as obras de Ruth Rocha incorporam-se à ambigüidade do compromisso estando, de

um lado, os usos sociais da linguagem e, de outro, os limites que tal uso impõe às inferências do falante no sistema lingüístico.

Sobre *O Reizinho Mandão*, as autoras afirmam que a obra conta a história de uma população que vive subjugada pela tirania de um soberano, por isso não exerce seu direito de fala, mas por outro lado tem sua voz restaurada por meio de uma menina que enuncia as palavras: “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu”. A obra, segundo Zilberman e Lajolo, retoma um provérbio, fato que reforça seu uso libertador, pois esta é construída sobre a tradição das fórmulas de encantamento.

Como elemento enriquecedor da produção irreverente de Ruth Rocha pontua-se o discurso parodístico. A autora utiliza-se de símbolos universais dos contos de fadas. Através do recurso oral, “Era uma vez”, descortina-se um mundo de sonhos, que o leitor reconhece facilmente. Ruth conta causos, retoma personagens conhecidas dos contos maravilhosos, seu texto é permeado de reis, princesas, dragões, talismãs etc. Enfim, sua obra é tomada por um brilho que o leitor já conhece, já tem armazenado em sua memória coletiva. O “Era uma vez” funciona como uma chave mágica, que seduz a criança por meio dos aspectos lúdicos e encantadores a serem apresentados pela escritora. Seu texto se acresce de um fascínio presente nas metamorfoses. É a mágica da fabulação, do contador que dialoga com o leitor.

Segundo Affonso Romano de Sant’anna: “*a paráfrase é um discurso em repouso, a paródia é o discurso em progresso*”. (Sant’Anna,1995, p.28). Dessa forma, a paráfrase tem um caráter ocioso, enquanto a paródia tem um caráter contestador. Na paráfrase alguém está abrindo mão de sua voz para deixar falar a voz do outro. Na paródia busca-se a fala recalcada do outro. A paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está dizendo na verdade o que o outro já disse. É uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si. Neste sentido, ela difere da paródia, pois, nesta, a máscara denuncia a duplicidade, a ambigüidade e a contradição. Enfim, o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-representação daquilo que havia sido recalcado. É nestes termos parodísticos, que Ruth trabalha a sua dinastia de reizinhos arbitrários e mandões, que, por sua vez, não são nada amados pelo povo, a ouvir broncas de crianças e mulheres que estão muito longes da submissão. Pode-se afirmar que a autora trabalha os aspectos ambíguos, contraditórios, dos textos que retoma. Através da paródia, oferece ao leitor uma nova visão acerca da realidade.

Em *Um Brasil para crianças*: Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos (1993), Regina Zilberman e Marisa Lajolo realizam um balanço geral da evolução do gênero, além de o ilustrarem com textos pertinentes a cada fase abordada por elas. As autoras subdividem o livro em cinco capítulos que se denominam:

*A formação da literatura infantil brasileira (1890-1920)*

*A literatura infantil brasileira ao tempo do Modernismo(1920-1945)*

A literatura infantil brasileira civiliza-se (1945-1965)

A literatura infantil brasileira: arte, pedagogia, indústria (1965-1980)

*A literatura infantil brasileira: entre teoria (literária) e a (prática escolar)*

Em relação a Ruth Rocha, as pesquisadoras afirmam que sua obra é marcada pela coloquialidade, que aproxima a sua produção daquela não destinada ao público infantil e que ela se encontra na “esteira da metalinguagem”. Citam Clarice Lispector como pertencente a esta modalidade de escritores que utilizam o intertexto e patrocinam o diálogo com outros textos por meio das paródias. Da autoria de Ruth Rocha, Zilberman e Lajolo apontam *O reizinho mandão* como uma obra que exerce essa função metalingüística por meio do processo intertextual. Tal exercício somente se concretiza no momento em que o gênero em que estas obras se manifestam já se consolidou. Para isso é necessário garantir um “lastro de memória coletiva”, que evoque os textos matrizes. Salientam que a literatura infantil contemporânea é hoje capaz de ombrear com a literatura não-infantil, tanto na reflexão sobre linguagem, como na formação dos sentidos, citam como obras promissoras nestes sentido *Marcelo, martelo ,marmelo* de Ruth Rocha e *A primeira só* de Marina Colasanti.

E assim o gênero, continua marcado por procedimentos e circulação desde o seu nascimento, em fins do século passado, soube incorporar de cada período certas marcas essenciais, para dialogar com o seu tempo. E chega à modernidade com a ambição maior de dialogar em pé de igualdade com a literatura não infantil (Zilberman; Lajolo, 1985, p.182)

Ana Maria Machado por meio de matéria publicada no Jornal do Brasil em 25/04/76, traça um perfil da obra *Palavras, muitas palavras* de Ruth Rocha e a caracteriza como um dicionário infantil em estado de poesia. Machado inicia seu texto dizendo que trabalhos desse tipo no Brasil são raros e cita exemplos oriundos do exterior tais como: os clássicos *Golden Books* e as variantes do *Larousse* até o recente *Charlie Brown Dictionary*. No Brasil comenta a escritora, o que tínhamos até o momento eram apenas arremedos de fora, meras listas de palavras para acompanhar ilustrações relativas a cada letra, sendo o Z sempre caracterizado por uma zebra e o X por um Xilofone ou Xadrez.

A obra *Palavras, muitas palavras*, segundo ela, traz inovações trabalhando com os sons das palavras e apostando em palavras brasileiras do tipo: xavante, xerém e xará. Machado afirma que a obra é poesia, pura poesia para crianças, pois sugere uma mágica e

encantatória brincadeira com as palavras que sublinha o ludismo verbal que tem estado tão ausente da literatura infantil, mas que constitui uma característica tão inerente ao convívio das crianças.

Machado comenta que Ruth Rocha tem essa coragem e parte para o desafio, pois pega as palavras e as joga para o alto, virando-as pelo avesso, paralelismo da poética popular, ou pela exploração de sonoridades engraçadas, sempre confiando na inteligência infantil ao incluir temas mais abstratos, mas de importância inquestionável, olhando-as sem óculos de professor, mas com olhar de criança e de povo, retratando o folclore, com deliciosos toques de humor a partir das próprias estruturas do paralelismo da poética popular, ou pela exploração de sonoridades engraçadas, sempre confiando na inteligência infantil ao incluir temas mais abstratos, mas de importância inquestionável.

Machado conclui dizendo que este é um livro pequeno e despretensioso, mas de inquestionável importância, uma obra de arte para todas as idades, valorizada pela diagramação e pelas ilustrações de Adalberto Cornavaca e prejudicadas por alguns desleixos de revisão.

Marisa Lajolo no Jornal *O Estado de São Paulo*, Caderno de Programas e Leituras, no dia 25 /12/82, comenta obras de Ruth Rocha. Começa por mencionar *Sapo-ri-ra-rei-ri-ra-sapo*, publicado pela Salamandra em 1982, com ilustrações de Walter Ono, que, segundo ela, conta os mandos e desmandos de um reizinho mandão, ranzinza. Lajolo afirma que Ruth Rocha tem se especializado em histórias de reizinhos mandões, que infelizmente estão longe daqueles reis magnânimos que encontramos nos contos de fadas, mas que podemos cruzar com um destes em qualquer esquina.

Ruth Rocha a exemplo de muitos autores que buscam registrar as marcas da nossa história recente, também compõe uma obra alegórica e divertida, dizendo coisas importantíssimas, mas que agradam tanto a crianças como a adultos. Em *Sapo vira-rei-vira-sapo*, Ruth Rocha retoma os contos de fadas tradicionais, a princesinha se casa com o rei, mas não são felizes para sempre, de príncipe transforma-se num reizinho chato e implicante. Ficam claros os usos das alegorias e de metáforas. Nas obras anteriores *O rei que não sabia de nada* (1980). *O que os olhos não vêem* (1981), Ruth realiza variações sobre o mesmo tema, que segundo Lajolo é de “capital importância”, e não é por casualidade que a criança se identifica tanto com o reizinho, pois esta é diretamente submetida ao mandonismo dos pais, da escola que impinge regras. A escritora afirma que o texto de Ruth é um texto livre de retórica de “salvacionismo milagreiro”, sempre permeado de humor e irreverência, e atuam como forma de resistência, sendo o verso curto e prosa direta a garantia da comunicabilidade

entre a obra e o leitor.

Rosa Maria Cuba Riche no artigo “Histórias de reis e questionalismo ideológico de Ruth Rocha” (1990), afirma que a obra de Ruth Rocha possui um emaranhado de temas e questionamentos enriquecedores que se cruzam com o dado bíblico, intertextual, folclórico e malazarteano no tom da orla do contador nordestino. A escritora afirma que entre as muitas leituras possíveis de sua obra, o questionamento ideológico é um dos traços marcantes, gerador da tensão repressão X transgressão, menciona que a produção de Ruth vincula-se aos anos 70. Salienta que esta década foi inaugurada treze meses depois do AI 5 e que os fatores sociais, políticos e econômicos tiveram razoável influência sobre as prioridades estabelecidas pelos intelectuais e artistas. A interferência do estado gerou um clima de insatisfação entre políticos e intelectuais, o que levou essa geração na maioria das vezes a valer-se de metáforas e símbolos para falarem do real.

Tal situação atinge também a literatura infantil, ocorre um abandono do escapismo, do moralismo, do maniqueísmo e o didatismo e a linguagem assumem uma dimensão lúdica. Com isso, afirma Cuba Riche, a literatura passa a ser encarada como um dado do real, e os problemas sociais deixam de ser alijados do universo infantil.

A escritora afirma que a transgressão na obra de Ruth Rocha se dá em dois níveis: A nível formal como nas obras: *Marcelo, Martelo, Marmelo, De hora em hora* e *A primavera da lagarta*, e a transgressão relacionada a estrutura social vigente. Cuba Riche aborda a contestação do poder dominante, que segundo ela é a tônica da maior parte da produção de Ruth, seja representada pela figura do pai, da mãe, de um professor ou de uma criança mimada. Opta por analisar em seu artigo as “Histórias de reis”, por ser o representante mais legítimo do poder, e também porque nesta é que a tensão dominante/dominado melhor se configura. O ciclo dos reis iniciou-se em 1978 com *O reizinho mandão*, seguindo-se a ele *O rei que não sabia de nada* (1980), *O que os olhos não vêem* (1981) e “*Sapo vira rei vira sapo*” ou “*A volta do reizinho mandão*” (1982).

Afirma a autora que o rei simboliza o mais abstrato e geral, o homem universal e arquétipo e, como tal, possui poderes sobrenaturais e mágicos, o rei dos contos de fadas é absoluto, autoritário e ditador de leis, os reis de Ruth Rocha são diferentes, mantém o autoritarismo, a voz imperativa e mandona, mas são capaz de arrependerem-se, modificarem-se ou mesmo serem vencidos pela união do povo.

Cuba Riche menciona que Ruth inicia sua história calcada no ludismo verbal, a tipificação do rei do conto popular “barba branca batendo no peito”, “capa vermelha batendo no pé”, no entanto utiliza-se da palavra “reizinho” no diminutivo, atribuindo-lhe

características de teimoso, implicante, xereta. Em *O reizinho mandão*, Ruth Rocha traça um paralelo entre o rei adulto e o rei criança, configurando a dialética adulto X criança que irá percorrer toda a obra, mostrando a complacência do rei velho e a insensatez e os caprichos do rei criança. Em *O reizinho mandão* e *O rei que não sabia de nada*, a autora inicia suas histórias nos moldes dos contos de fadas, deixando subjacente um paralelo entre a realidade e a ficção a “história” e “História”, ao mesmo tempo que promove o distanciamento do real, lançando a narrativa no espaço da emoção. Seus reis vivem confinados, sem terem contato com os problemas do povo. Em outra obra o rei é acometido de uma estranha cegueira, que o impede de ver os pobres e pequenos, além de ser assessorado por ministros corruptos e fingidos.

Segundo Cuba Riche, Ruth Rocha lança mãos de artifícios como a célebre frase saída da boca de uma menina em *O reizinho mandão*: “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu”, ou então na obra *O que os olhos não vêem*, onde o povo constrói pernas de pau para ser visto e ouvido pelo rei. Ruth delega ao povo o poder das decisões do reino e valoriza a criança conferindo a sua obra uma ideologia democrática.

Na obra de Ruth Rocha nada parece ser gratuito, afirma a escritora. Em *O reizinho mandão*, ninguém escapa à ideologia dominante com exceção do papagaio e do governante, fica muito clara a relação entre história e História, num momento em que a sociedade passa por bruscas transformações e ocorrem intervenções do regime militar nas universidades dificultando as condições do trabalho intelectual.

Ruth Rocha trabalha com temas do cotidiano tais como: campos secos e esturricados, máquinas que não funcionam direito, ônibus que se atrasam, escolas que não funcionam. Desta forma a escritora faz com que os problemas sociais entrem na vida da criança através dos meios de comunicação tornando próxima uma realidade distante.

Cuba Riche salienta que o tom de contador de causos que Ruth Rocha retoma em sua narrativa torna sua obra muito mais próxima do leitor que vivencia de forma lúdica, mas crítica a realidade do seu cotidiano.

Segundo ela, os questionamentos vem assentados, num tom oral do contador que se faz presente, aí o narrador coloca suas impressões, faz julgamentos, diminui a distância entre ele e o leitor. Ruth Rocha sabe valorizar os provérbios populares e seu poder de síntese alia-se ao dado oral, que faz do dito popular o fecho das estrofes, em exemplos tais como: “o que os olhos não vêem o coração não sente”; “quem monta na garupa, não pega nunca na rédea”.

Aos provérbios juntam-se também as frases feitas e os ditos populares “sua alma sua palma” que acentuados pela linguagem lúdica liga as crianças aos dados da tradição oral, que



muitas vezes estão longe da sua realidade.

Aos governados, Ruth Rocha propicia a possibilidade das atitudes democráticas, várias vozes fracas se transformam em trovão, uma canção pode detonar uma explosão, o povo possui a capacidade de criação própria, as pessoas exercem a sua cidadania confeccionando elas próprias suas pernas de pau. Os dados inverossímeis dentro da sua história tornam-se coerentes, a sabedoria e o poder de criação são as melhores armas na luta contra os fortes.

Tanto em Monteiro Lobato, quanto em Ruth Rocha há um projeto transformador, a criança é tida como um ser inteligente e capaz de optar. Ambos aliam a realidade à fantasia como projeto de transformação da realidade. O grande sucesso da literatura infantil está em não alienar o leitor, “para a criança de hoje é necessário uma história que fale a sua língua”. A proposta finaliza Cuba Riche, é que o processo educativo desenvolva o espírito crítico por meio não de uma leitura imposta mas, sim, por meio de uma obra literária que possa desenvolver o espírito de reflexão e crítica sobre si mesma e sobre o mundo.

Severino Francisco, Redator do Caderno Civilização, menciona que as crianças possuem um antídoto contra a burrice, a prepotência, a arrogância e o conformismo: os livros de Ruth Rocha. No seu ponto de vista, Ruth Rocha é uma das maiores defensoras dos direitos da crianças tais como os de rir, divertir-se, viajar na imaginação, receber valores positivos e serem respeitadas em sua inteligência. Tal como outros críticos, salienta o redator que a escritora é uma legítima herdeira de Monteiro Lobato em “sua ambição de inventar histórias, onde as crianças possam morar”. Dele, afirma Francisco, Ruth Rocha assimilou o gosto pela invenção dos jogos de linguagem, o amor pelo Brasil, a preocupação em passar valores de afirmação, o senso crítico e de humor, a cumplicidade e o respeito pela inteligência do leitor. Comenta que após a ausência de Lobato a Literatura Infanto Juvenil sofreu um vácuo, tendo se reduzido a uma “xaropada”, que visava a passar lições de moral e cívica, sempre usando terminações em “inha” e “inho”, como se os jovens leitores fossem debilóides. Ruth Rocha recusou esse moralismo, mas ao mesmo tempo atua como agente civilizadora para crianças, à medida que sua literatura não ensina com regras de condutas pré-estabelecidas, mas, sim, com a própria experiência.

Salienta Francisco que Ruth Rocha, ao criar *Armandinho o juiz*, retoma o inconformismo da boneca Emília, a personagem decide deixar de ser juiz, por ter sua mãe xingada por todo mundo, mas ao final retoma o posto e passa a levar os xingamentos na base da “valsa”.

Em *Marcelo, marmelo, martelo* a personagem questiona a lógica da linguagem,

revelando que tudo não passa de convenção. Argumenta Francisco que a produção de Ruth nada tem de maniqueísta, mesmo não respeitando as convenções de linguagem, pois, ao questionar a língua, a personagem acaba por aprender com a própria experiência.

Francisco menciona que na atualidade as crianças vivem sob a mira de uma cultura imbecilizante de vídeo-games, de babás eletrônicas, o que provoca uma ruptura radical entre diversão e educação. Diversão e bobagem na sua ótica tornaram-se sinônimos e Ruth Rocha mostra que os termos não são incompatíveis. Suas personagens são transgressoras natas, sempre se opondo à prepotência, à esperteza ou à indiferença do mundo adulto. A autora sabe falar a língua dos pequenos usando amor, afeto, subversão, imaginação e cumplicidade.

Tatiana Belinky em *O Estado de São Paulo*, no dia 03/03/84, sob o título “Toques feministas num belo livro infantil”, inicia sua matéria de forma entusiasta citando as inúmeras atividades profissionais nas quais Ruth encontra-se envolvida. Acrescenta que esta extrapolou a casa de um milhão de exemplares vendidos, excetuando-se os livros didáticos e faz menção aos vários prêmios recebidos pela autora.

Reforça que os livros para crianças escritos por Ruth Rocha para as diversas faixas etárias são sempre interessantes, renovadores, instigantes, enriquecedores e divertidos levando a criança a rir, a pensar, pois a autora respeita a inteligência da criança sem tentar “fazer-lhe a cabeça” mas sim procurando fazer com que os pequenos desenvolvam a observação, o senso crítico, e o senso de humor, despertando-lhes a atenção para vida, para o mundo, levando-os a enxergar problemas como a injustiça, o autoritarismo, a opressão, bem como a vontade de resistir-lhes e combatê-los, tudo isto numa linguagem que é uma atração por si mesma.

Sobre *Procurando firme*, Belinky afirma que este parece um conto de fadas, mas não é; também parece história para criança, mas não é. A obra, afirma a escritora, é um diálogo imaginário com o autor, que começa por questionar com o leitor ouvinte que esta história tem todos os elementos de um conto de fadas, mas não é uma daquelas “histórias chatíssimas” e se propõe contá-la.

Belinky menciona brevemente o enredo da história que confronta a educação de um príncipe e de uma princesa. Ele preparando-se para enfrentar o mundo e ela para o casamento. Ruth Rocha constrói uma narrativa ágil engraçada misturando fatos antigos e atuais, numa sucessão de anacronismos engraçadíssimos, sempre colocando as coisas no lugar, com humor e crítica.

A princesa depois de recusar vários pretendentes prepara-se para a vida às escondidas dos pais. Seu objetivo é correr o mundo e fazer sua própria escolha. Em suma, o livro ilustra de forma lúdica, as reivindicações feministas do nosso tempo. É um livro bonito com texto e

ilustrações entrosadíssimas, num tom integrado, que capta todo o humor criado pela autora.

A escritora ressalta que Ruth Rocha teve a idéia de escrever este livro depois de ler a obra de Collete Dowling, *Complexo de Cinderela*, que fala entre, outras coisas interessantes, do medo do sucesso, endêmico entre as mulheres.

#### 4.2 VOZES QUE QUESTIONAM O UTILITARISMO

Edmir Perrotti, em *O texto sedutor na literatura infantil*, argumenta que nos anos 70 a produção literária destinada a crianças, que era marcada por uma concepção puramente utilitária da arte, com vistas à eficácia, sofreu um abalo que configurou uma crise. Neste espaço surgem vários escritores que retomam a postura de Lobato. Estes reclamam a sua condição de artista, almejam que suas obras sejam apreciadas enquanto objeto estético, não admitem mais serem vistos como “moralistas” ou “pedagogos”, e, desta forma, firmam compromisso com a arte. O resultado deste impulso é um quadro literário rico, que, se não consegue eliminar o utilitarismo, ao menos faz-lhe frente, reduzindo-lhe o espaço, colocando-o em “crise”.

Segundo o crítico, o sintoma mais evidente desta mudança é a publicação de *O caneco de prata* de João Carlos Marinho Silva, que por sua vez eleva a produção destinada a crianças à condição artística, orientando-se para a dinâmica interna do próprio texto.

Salienta Perrotti, que o abandono do pragmatismo não se deu de maneira fácil. Em algumas produções pode-se perceber a preocupação com a mensagem. Estas ainda se orientam pelo princípio da eficácia e, embora, apresentem temas atuais ainda se pautam pelo princípio do ensinamento, fator este que o crítico denominou de “utilitarismo às avessas”.

Perrotti lança um questionamento sobre a natureza da literatura para crianças. Seria a literariedade um critério suficiente para dimensionarmos o valor de uma obra infantil?

Há que considerar que a literatura para crianças nasce sob a égide do mercado, tal como as demais manifestações estéticas, e tendo nascido no contexto da mercantilização apresenta características específicas em função do público a que se dirige, e desta forma não há como desconsiderar o público no julgamento que se faz da representação artística, então conclui-se que as teorias estéticas preocupadas apenas com a estrutura narrativa interna não dão conta de responder adequadamente às questões levantadas pelos objetos artísticos nascidos sob a égide do Mercado. Nas palavras do crítico: “Como conjugar ‘literariedade’ e ‘condições de recepção’, eis o grande desafio da literatura para crianças e toda arte que deve ao mercado o seu surgimento”.

Não há como desvincular as estruturas narrativas presentes na obra literária dirigida à criança da representação que a criança faz da infância, de um lado; e de outro, das condições sociais da infância, pois o mercado funciona em consonância com tais condições. (Perrotti, 1986, p.21).

Salienta Perrotti que ultrapassar o utilitarismo não significa deixar de reconhecer que a obra literária também educa, transmite valores, pois é certo que a literatura também é útil, mas é lastimável saber que muitas vezes a dinâmica interna seja submetida a este fator.

Sabe-se que o discurso utilitário encontra-se permeado de valores tais como o sexismo, o preconceito racial, o etnocentrismo, o antropocentrismo, a vida afetiva meramente formal, o saber como instrumento de poder, o individualismo etc., aspectos que visam, por sua vez, manter a “ordem burguesa”. Seria perfeitamente plausível supor que os autores da “nova” literatura fugissem a este padrão, principalmente, no que se refere à organização do discurso. No entanto, esta produção muitas vezes incorreu no que o crítico denomina como “utilitarismo às avessas”. Nestes casos a eficácia simplesmente mudou de feição adaptando-se aos interesses contemporâneos.

Edmir Perrotti analisa a obra *Marcelo, marmelo, martelo* da autoria de Ruth Rocha, e a enquadra nesta vertente, pois ostenta uma inversão de ótica em relação ao narrador tradicional. Segundo ele, Ruth Rocha procura valorizar a criatividade da criança, o pensamento crítico face às convenções sociais, o saber infantil, o questionamento de relações de poder que conferem aos adultos autoridade indiscriminada sobre a criança, bem como comportamentos divergentes.

Todavia, afirma Perrotti que, em *Marcelo, marmelo, martelo*, a autora conserva como tradição, a atitude utilitária, pois todo o relato é feito no passado configurando uma narrativa onde o presente está excluído, e somente no final que o tempo verbal é modificado e, então, o narrador passa a falar no presente. Toda a narração é feita em terceira pessoa como forma de dissimular o utilitarismo implícito na obra, a história aparece como verdade e não como “viés” do autor.

Na verdade, como na tradição, *Marcelo, Marmelo, Martelo* propõe de forma unilateral modelos exemplares de relações sociais. A diferença é que eles apresentam caráter contemporâneo (Perrotti, 1986, p.129)

Em relação a obra *O que os olhos não vêem*, Perrotti afirma que este processo não ocorre, pois a renovação se dá também em termos da relação autor-texto-leitor, relativizando

então o princípio da utilidade. A ficção não se confunde com a realidade, pois a criação é mediada pela voz do criador dando margem a novos enunciados.

O crítico em artigo publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 12/05/1984, discorre sobre *Procurando Firme* e afirma que Ruth Rocha é uma das mais festejadas escritoras brasileiras da atualidade e, que tem, “batalhado firme” no sentido de fazer chegar ao público infantil a causa da luta feminista em prol de novas concepções sociais do masculino e do feminino.

Perrotti tece comentários sobre *Procurando Firme*, que relata a história de dois irmãos que têm seu destino previamente decidido pelos pais. O menino deverá enfrentar o mundo e a menina deverá esperar um pretendente com quem se casará e será feliz para sempre. No entanto, a princesa decide por sua conta se aventurar e conhecer o mundo, com essa atitude a personagem rompe com os esquemas convencionais.

Perrotti afirma que a obra investe novamente contra os estereótipos sócio-culturais, através de narrativa ágil, pontuada de lances de humor, que é fruto, sobretudo, da postura narrativa adotada: “a história dentro da história”. Desta forma o narrador pode discutir com ouvintes-personagens o desenrolar dos acontecimentos.

Os comentários vão dando os toques humorísticos e críticos, permitindo o engajamento na causa feminista de forma natural. Salienta Perrotti que a preocupação com o “recado” é o elemento estruturador do todo, composto afinal para ensinar o melhor comportamento de uma menina moderna. Segundo o escritor, tal atitude impede a criação de um universo ficcional mais rico, e menos utilitário, condição, ao que parece, necessária a toda obra literária que se queira mais duradoura.

Contudo, dentro daquilo que se propõe, a obra é correta, diverte e não compromete. No entanto, salienta Perrotti, a “feliz carpintaria” não consegue esconder posições que o feminismo mais crítico rejeita hoje, ou seja, as mulheres não desejam, ao que se sabe, tornarem-se príncipes de saias e seguir o padrão masculino dominante.

Perrotti afirma que este “triste papel” pertence a um passado que foi modificado, pois hoje todos podem sair procurando firme sem seguir modelos já constituídos. Na obra de Ruth Rocha, argumenta Perrotti, este caminho acaba sendo o único a ser seguido e conclui que não se trata de assimilar padrões privilegiados até hoje mas, sim, da construção de novos padrões, por sua vez, plurais, diferenciados, discordantes e, sobretudo, sem receitas.

O crítico comenta uma segunda obra de Ruth Rocha: *A Decisão do Campeonato*, da Coleção “Catapimba e sua turma”. Esta relata uma partida de futebol entre garotos e tem um desfecho inesperado e bem humorado. Apesar de gracioso e saudável, Perrotti comenta que o

texto como um todo revela problemas que uma autora do nível de Ruth poderia solucionar. Segundo o escritor, o livro apresenta fragilidades, o menino Catapimba atua como mero adorno para o efeito final e que é impossível não sentir a pouca carpintaria do conjunto, o ritmo apressado que achata a narrativa.

Ainda no que tange a abordagem utilitária, que por vezes permeia a produção da escritora, a professora Cláudia de Arruda Campos, atuante no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, estabelece uma dialética em seu artigo: *Prosas e Narrativas: Ruth Rocha e Maria Heloisa Penteado* e se propõe a abordar as escritoras mencionadas traçando-lhe os perfis e, ao mesmo tempo, confrontando as produções de ambas.

Como preâmbulo a seu trabalho, Arruda Campos menciona que o momento é de “caça ao leitor”, de procura dos leitores perdidos e, por isso, o título Literatura-infantil se expande em tantas direções. O resultado deste processo tem sido em muitos casos a produção de uma obra “nem tão infantil assim” e, que, por vezes, encontra-se distante do conceitos correntes de literatura.

A pesquisadora menciona que os últimos 20 anos têm sido de sofreguidão para a literatura infantil, pois transbordam contornos nos escritores desta área. Estes ocupam inúmeras funções, entre elas, a de criar e de dirigir produções, bem como, participarem de simpósios e congressos. Paralelos a este fator existe uma crise de leitura, um público a ser conquistado e também um mercado em franca expansão, e em meio dessa (re) democratização do país faz-se urgente delimitar espaços, demarcar terreno para a literatura infanto juvenil, “antes que algum aventureiro o faça”.

Argumenta Arruda Campos, que a pressa criou uma certa sujeição da escrita à imagem, pois esta obteve maiores e mais rápidas chances de expandir-se. Menciona que a palavra encontra-se “envergonhada” perante os demais meios de expressão e, por vezes, apresenta-se desprovida de qualquer pretensão literária e, isto, se faz notório principalmente nas obras, cujo objetivo é a alfabetização, e deste processo, Arruda Campos exclui a poetisa Cecília Meireles.

A pesquisadora refere-se à produção que chegou aos anos 60, produção esta destinada a um público de mais idade, quase que desprovida de recursos estilísticos, falando meramente ao leitor, obras cuja efabulação é mínima, onde a conquista da coloquialidade obtida pelos modernistas em muitos casos atua meramente como um adorno, um artifício. Em outros casos a distância entre o escritor adulto e o público alvo destas produções, somados aos anseios desta aproximação gera uma falsa democratização da escrita.

Menciona que em muitos casos as obras variam entre aquelas que visam apenas ditar

valores a serem assimilados pelas crianças, e aquelas que não são qualificadas pelas suas qualidades literárias, mas, sim, por sugerir comportamentos “criativos” e/ou “questionadores”. Também nesta esteira estão as obras que procuram despertar nos jovens leitores a consciência política, e as que inquietam os adultos.

Há também as que procuram compreender o mundo dos pequenos e apoiá-los em seus medos, fraquezas e ansiedades, ou as que buscam por meio da escrita transmitir informações sobre a natureza e a cultura de maneira agradável atuando como um manual.

Arruda Campos afirma que são vários os ângulos pelos quais se têm aproximado do pequeno leitor, mas em poucos casos percebe-se a preocupação com a “literariedade”, o texto por sua vez, acaba sendo mais uma “ponte ideológica” do que propriamente um exercício literário. Comenta que nem por isso todos estes “ansiosos” textos deixaram de ter ser valor, mas ao contrário contribuíram para a criação de um círculo definitivo chamado de “literatura-infantil”.

Ruth Rocha é classificada pela pesquisadora como uma das mais exemplares escritoras desta fase da literatura-infantil e, quanto a Maria Heloisa Penteadó, a autora afirma que esta pode vangloriar-se de “algum pioneirismo”, que fugindo do “realismo” e “fantasia” valorizou as histórias maravilhosas, embora os títulos de suas obras não sejam nada extraordinários remetendo na maioria das vezes ao nome da personagem principal. Em seus enredos são comuns a inserção de acontecimentos fantásticos, tendo especial predileção por bruxas e feiticeiras, mas como tradicionalmente ocorre neste tipo de narração, existe sempre a intervenção de agentes encantadores ou desencantadores, sendo que muitas vezes em suas narrativas a solução venturosa não acontece, e o desfecho aponta para uma situação constrangedora para a personagem que pode ir parar no “reino do belaléu”.

Arruda Campos afirma que a produção de Ruth Rocha trabalha no pólo oposto. Sobre os medos, Ruth Rocha trabalha no sentido de desautorizar ou aliviá-los. Em suas histórias as crianças não são impotentes, mas, sim, convidadas a exercer seus direitos, opondo-se a toda forma de imposição, ou seja, Ruth Rocha busca no passado a solução para os problemas presentes com a finalidade de projetar isto para o futuro.

Na obra de Ruth Rocha a aproximação do escritor adulto e leitor criança se dá pela valorização do mundo infantil pelo adulto, na tradução de problemas para as crianças que preocupam os grandes, ou por um terceiro caminho que, consiste em aliar tema e linguagem tornando adultos e crianças cúmplices e vítimas de um mesmo preconceito.

Arruda Campos afirma que a escritora tem grande preocupação com uma linguagem aproximativa e cita obras como *Marcelo martelo marmelo*, onde a adesão ao infantil se dá no

nível da fábula. Em *O Reizinho Mandão* ocorre, segundo ela, uma fusão entre a fala do adulto e a fala da criança, e, finalmente, em *Faca sem ponta, galinha sem pé* ocorre uma explosão do diálogo e o encontro do equilíbrio. Criança e adulto, então, já possuem falas diferenciadas e o narrador já não mimetiza tanto a fala infantil.

Enquanto em Maria H. Penteado as histórias apelam para uma momento de aconchego e intimidade, num tom de murmúrio, em Ruth Rocha o tom dominante é outro, este encontra-se permeado de diálogos teatrais, ressoando os metros populares dos cantadores com frases diretas, enfim, textos para auditórios, vozes de praça e palanques.

Em Penteado, argumenta Arruda Campos, não há uma linguagem infantil mimetizada e a autora possui pleno domínio dos recursos da narrativa, apesar de apresentar uma linguagem nada ornamentada, esta não desdenha o tom poético e apesar dos coloquialismos a produção da autora se configura como “escrita”.

A autora confronta as produções de ambas as escritoras afirmando que em Penteado há um valorização do conto tradicional, ou seja, a situação inicial tem seu equilíbrio rompido voltando no final à normalidade, e em Ruth Rocha há o gosto pela parábola, pela alegoria, portanto suas obras agradam a crianças, e segundo ela, “piscam os olhos para os adultos”

Quanto às ilustrações, é a própria Penteado quem as faz, enquanto Ruth Rocha conta em grande parte das suas produções com o ilustrador Walter Ono, que por sua vez possui um traçado hiperbólico e caricaturante, chegando a caricaturar os próprios procedimentos literários. Em Penteado as ilustrações se diluem no tecido verbal e, por vezes, se destacam como jogo complementar.

Afirma a pesquisadora, que em Penteado temos uma espécie de artesã que recupera o conto para crianças e em Ruth Rocha temos um recorte ousado para um tipo de público a quem tudo se indica e certamente se fixa como veículo de idéias.

Concluindo, Arruda afirma que em ambos os casos não se trata de comparar valores, pois onde Ruth Rocha ganha em termos de atualidade, de aposta em um mundo livre das convenções, pode perder devido ao utilitarismo apressado. Penteado pode perder por contribuir para a manutenção dos valores, mas ganha no cuidado de construir uma obra por inteiro. Em suma, “são dois caminhos nítidos, que não levam igualmente a Roma”, e privilegiar um ou outro não é a opção, sem que se considere motivos e conseqüências.



#### 4.3 “DEMOCRATIZAÇÃO” DA ARTE: A LITERATURA COMO MERCADORIA

Ruth Rocha se insere num momento de franca expansão capitalista e, conforme, já descrevemos, surgem instituições e programas voltados para o fomento da leitura e discussão da literatura-infantil. Neste íterim surgem a Fundação Nacional do Livro Infantil (1968) e o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973) entre outras. Durante os anos 70, O Instituto Nacional do Livro (1937) investe significativamente na produção de livros voltados para a população escolar. No plano da iniciativa privada, isto correspondeu ao investimento de grandes capitais, que, por sua vez, promoveram uma inovação na veiculação destas obras, que, então, se atrelavam a revistas, jornais, estes livros são vendidos em farmácias, bancas, supermercados etc.

O reflexo desta mudança desencadeou o desenvolvimento de um comércio especializado, que promoveu, por exemplo, a abertura de livrarias organizadas em torno deste novo público.

Essa “democratização” da obra para o público infantil incorreu por vezes na “pressa” decorrente das exigências do mercado. Alguns escritores lançam vários títulos por ano, que independentemente da sua qualidade têm seu consumo garantido.

Cumprir lembrar que neste período ocorre também uma proliferação das rádios FM e das emissoras de televisão, que sobrevivem da propaganda e, tal qual, uma mercadoria, as obras são divulgadas. Estas ocupam espaço nos jornais, bem como, nos demais meios de divulgação, surge então, uma crítica com vistas à venda do produto, não com o objetivo de lançar um olhar crítico sobre as obras, daí serem recorrentes as notas publicadas, sob o pretexto de informar o conteúdo de uma determinada obra, mas que cumpria antes de tudo a missão de persuadir o leitor a comprar, é a ditadura do consumo nos tempos da ascensão capitalista.

Percebemos durante o processo de coleta de dados que ampara esta pesquisa que a “geração de 70” está atrelada a esta crítica, que muitas vezes não se apresenta como especializada, fator este decorrente da urgente mercantilização da obra destinada ao público infantil, devido a fatores sociais e/ou políticos. Podemos constatar que uma vez que esse novo tipo de escritor desempenha inúmeras funções, são inúmeras as vezes em que a divulgação de lançamentos de livros e coleções estão ligados à mídia de uma maneira em geral, e muitas vezes esta crítica apresenta-se simplesmente com o objetivo de venda. A esta modalidade soma-se a postura de autores consagrados tais como os já citados, Marisa Lajolo, Fanny Abramovich, Edmir Perrotti, Tatiana Belinky entre outros, mas na maioria dos casos

encontramos artigos sem assinatura em jornais, revistas, cujo teor é sempre parecido e em alguns casos “iguais”.

Notamos também que neste período uma das formas de se conferir um valor estético a uma determinada produção é a recompensa em termos monetários e Ruth Rocha participa desta engrenagem, não somente como escritora e redatora, mas como uma empresária que organiza coleções, selecionando obras e fazendo sua apresentação, emitindo pareceres sem, contudo, que isso implique no barateamento daquilo que se está oferecendo ao público. A citar, por exemplo, a Coleção “Literatura em minha casa”, lançada pelo Ministério da Educação em 2003, onde de forma responsável e lúcida seleciona e apresenta obras de escritores do porte de Ana Maria Machado, Dorival Caymmi, Vicente de Carvalho etc., além de ter sua obra publicada em parceria com outros autores, como é o caso do título: *Meninos e meninas*, publicada na mesma coleção ao lado de textos de Ana Maria Machado e Sônia Robatto.

O que se pretende enunciar aqui é o fato de que a literatura em ritmo industrial abre margem para estas inúmeras funções do escritor, mas cumpre destacar que esta rápida “mercantilização”, não constitui uma total degeneração destas obras, pois se houve de um lado falhas na pressa em atender ao mercado, percebemos claramente que há cuidado na seleção e apresentação destas coleções.

Em artigo publicado no Jornal *O Globo*, em 24/10/76, o redator versa sobre *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo* e outras histórias e afirma que três histórias compõem esta obra da coleção Livros de *Recreio*. Segundo o ponto de vista do redator, são contos divertidos que agradarão plenamente as crianças recém alfabetizadas, pois retratam situações muito próprias do seu mundo.

Sobre Marcelo, a personagem da primeira história, o autor afirma ser um menino que não se conforma com o nome das coisas, e acaba de descobrir que estes são símbolos inventados pelo homem, por isso começa a renomear as coisas chamando, por exemplo, colher de *mexedor*, cavalo de *puxador* etc. Argumenta também o redator, que de início os pais se preocupam, mas depois procuram compreender o que ele diz, depois dessa mudança de atitude o convívio em família se torna bem melhor. Nesta sátira, Ruth Rocha procura situar o problema da linguagem da juventude, expondo muito bem qual seria a atitude dos pais: evitar falar como eles, mas procurar entender o que eles dizem. A segunda obra mencionada é *Terezinha e Gabriela*, duas meninas que se vêem obrigadas a mudar de atitude, pois se cansam de ouvir elogios uma a respeito da outra. Ao se encontrarem vêm-se refletidas uma na outra e percebem a situação ridícula em que estão metidas. Preservando suas reais

personalidades as duas se tornam amigas e percebem que cada uma lucra mais com o convívio e com as suas diferenças.

A terceira obra da Coleção é: *O dono da bola*, cuja personagem central é Carlos Alberto, um menino rico e cheio de vontade, que possui uma bola de futebol de couro, enquanto os demais meninos da rua jogam futebol com bola de meia. A cada pequeno desentendimento Carlos coloca a bola embaixo do braço e vai embora, até levar uma lição da turma, que resolve ignorá-lo. A lição funciona e o menino aprende que a camaradagem é mais importante que os ataques de voluntarismo. Ele se integra à turma e passa a ser chamado de Caloca.

O redator afirma que é a primeira vez que Ruth escreve textos maiores e que suas personagens são bem variadas, sendo os temas bem definidos, mantendo as mesmas qualidades de estilo encontradas em trabalhos anteriores: simplicidade, clareza, inventividade e humor, sempre usando uma linguagem coloquial que dá o seu recado, acrescentando sempre uma mensagem enriquecedora. A respeito das ilustrações de Adalberto Cornavaca, este afirma que são perfeitamente adequadas, vivas, movimentadas e alegres.

O jornal *O Globo* em 03/04/77 traz uma matéria sobre a obra *Nicolau tinha uma idéia* e nesta o redator afirma que se trata de mais um dos títulos de Ruth Rocha que vêm demonstrar a coerência do seu trabalho, no que se dirige a crianças ainda bem pequenas. Após breve resumo da história, o redator menciona que o texto é quase uma legenda bem despojada, clara e direto, que transmite exatamente a idéia da autora, que é realmente muito criativa. Suas ilustrações são cheias de elementos bem brasileiros que enriquecem a obra que se dirige à crianças pré alfabetizadas, e que será facilmente decifrado por aquelas que se iniciam no processo de aprendizado.

*O Globo* em 03/04/77 traz uma breve resenha sobre a obra *No caminho do Alvinho tinha uma pedra*. O artigo expõe brevemente o enredo mencionado que Alvinho tinha a mania de trazer tudo que encontrava na rua para casa. Um dia aparece com uma pedra redonda e a guarda debaixo da cama, da pedra nasce um avestruz que passa a morar escondido no quarto do menino para que a mãe não veja. O avestruz é enviado ao Jardim Zoológico, onde Alvinho vai visitá-lo todos os domingos. O texto mantém a clareza e a simplicidade dos livros precedentes, e ao estilo acrescentam-se as rimas ocasionais, suas ilustrações são caricaturais e bem coloridas acompanhando de perto as intenções do livro.

*Linguagem perfeita, num ritmo ágil* é o título de um artigo publicado em *O Globo*, na data de 06/11/77, por Laura C. Sandroni, onde esta afirma que Ruth Rocha é a mais atuante escritora na faixa de histórias para crianças bem pequenas, e comenta a publicação de alguns

contos destinados ao público que já domina melhor a leitura: a coleção *Histórias de Recreio* onde aparece *Catapimba e sua turma*. Em relação às obras, *A decisão do campeonato*, *Armandinho*, *o juiz*, e *A máquina maluca* Sandroni afirma que a autora utiliza-se de uma linguagem perfeita, divertida, num ritmo ágil como o de uma partida de futebol, desenvolvendo de maneira bem humorada um tema que sem ser original é muito pouco encontrado em nossa literatura.

Sobre *A máquina maluca*, Luciana Sandroni afirma ser esta a melhor história do livro, pois é lúcida ante a realidade tecnológica que nos afoga, partindo para a fábula, onde desmitifica essa realidade, constituindo um tema que na visão da redatora deveria ser mais explorado. Ruth Rocha segundo ela, dá a partida, abrindo um campo fecundo e vasto, sua máquina enlouquecida e enlouquecedora é bem um retrato de um mundo, onde se torna cada vez mais necessária a coragem de desligar a tomada.

Em nota publicada em 06/11/77 pelo Jornal *O Globo* sobre *Catapimba e sua turma*, o redator realiza um comentário sobre as obras da coleção “Catapimba e sua turma”. Afirma que *Catapimba* é o centro avante do Estrela D’ Alva Futebol Clube, e afirma que quando este pega a bola lá vem o gol. *Armandinho* é o juiz. O redator afirma que Ruth utiliza-se de uma linguagem perfeita, divertida, ágil como o de uma partida de futebol, desenvolvendo seus temas de forma sempre bem humorada. O artigo traz um breve comentário sobre as obras: *Como se fosse dinheiro*, *Armandinho*, *o juiz* e *A máquina maluca*.

Sobre *como se fosse dinheiro* este traz um breve resumo sobre o conteúdo da obra, menciona que, utilizando-se do mesmo estilo, Ruth Rocha critica e incentiva a reação das crianças diante do que está errado. Conclui afirmando que esta é uma proposta válida ao nível da criança.

Sobre *Armandinho*, *o juiz*, o redator se restringe a esboçar uma breve síntese sobre a narrativa onde *Armandinho*, que é o juiz de uma partida de futebol decide não mais exercer a função, pois está cansado de ser xingado por todo mundo. Na primeira partida sem árbitro estabelece-se uma confusão geral e o quadro volta a normalidade, com o menino ocupando outra vez o seu posto.

A respeito de *A máquina maluca*, após expor o resumo do conteúdo do texto, que versa sobre uma máquina construída para fazer o trabalho do homem e, que, se revolta passando a exigir coisas em demasia, Sandroni utilizando as mesmas palavras do artigo que o antecede, afirma que esta é a melhor obra das três, pois é lúcida ante a realidade tecnológica que nos afoga, sendo que a autora parte para a fábula, onde desmistifica essa realidade.

Sobre as ilustrações este afirma que elas são caricaturais e estereotipadas e frisam os

aspectos cômicos do texto, sem nada a acrescentar.

O Jornal *O Globo* em 11/12/77, em artigo denominado: *Romeu e Julieta em versão para crianças*, escrito também por Laura Constância Sandroni, informa que o conjunto é formado por quatro histórias independentes que têm em comum a graça e a comunicabilidade da linguagem.

Sobre *O Trezinho do Nicolau* esta afirma que é a melhor história do livro constituindo um tema lírico, tratado de forma poética.

Sobre a *Escolinha de mar* comenta que é uma história tradicional, mas de conteúdo bastante crítico, fator no qual reside sua maior qualidade. Ao colocar no fundo do mar figuras como a do Tubarão Barão e de seu filho Tubaronete a escritora leva o pequeno leitor a refletir sobre o absurdo da existência de “play peixes”, apresentando a escola como elemento democratizador.

Segundo Sandroni os nomes dados aos personagens são muito bem achados e o uso de versos e cantigas tradicionais brasileiras servem como elemento enriquecedor do texto.

O Jornal *O Estado de São Paulo* em 20/03/78, em breve artigo, divulga a obra *Catapimba e sua turma*, lançado pela Editora Abril, sendo este o primeiro volume de uma nova coleção infantil: Histórias de *Recreio*. O texto apresenta algumas características de Ruth Rocha e conclui que o resultado atingiu o alvo certo, que é a mente infantil. Sobre as ilustrações a nota informa que são de Alberto Linhares e César Sandoval, com saudáveis doses de bom humor.

A *Folha de S.Paulo* de 23/08/78 divulga a coleção Pinju, uma série de livros destinados ao público jovem e apresenta os nomes de alguns títulos como os de: *Marcus robô* de Maria Heloisa Penteadó, *O enigma do autódromo de Interlagos* de Stella Carr, *A sombra das bananeiras* de Lilia Malferrari, *O Reizinho mandão* de Ruth Rocha, *No dia em que os peixes pescaram os homens* de Jorge Medauar, *Uma estranha aventura em Talalai* de Joel Rufino dos Santos.

A nota publicada pelo *Jornal da Tarde* em 23/08/78 retoma as mesmas obras da coleção Pinju e esboça um breve parecer sobre cada uma das obras pertencentes ao conjunto.

A *Folha de S.Paulo* de 13/09/78 esboça um pequeno texto elogiando a obra *O Reizinho Mandão* de Ruth Rocha salientando, sobretudo, o humor e a criticidade presentes no texto.

O *Jornal do Brasil* em 20/01/79 apresenta um texto divulgando que cinco livros de autores infantis foram selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para concorrerem ao prêmio Janusz Korczak (educador e escritor polonês, vítima do nazismo),

criado pela seção polonesa da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil (IBBY). Sendo eles: *Pivete* de Henry Correa de Araújo da Editora Comunicação, *O menino de Palmares* de Isa Silveira Leal da Brasiliense, *Aventuras do escoteiro Bila* de Odete de Barros Mott também da Brasiliense, *A Casa da madrinha* de Lygia Bojunga Nunes editado pela Agir e *O Reizinho Mandão* de Ruth Rocha, da Pioneira e dos livros sobre criança o escolhido foi *Educação não é privilégio* de Anísio Teixeira.

O jornal *O Globo* em Notícias do IBBY, em 04/02/79 traz várias notas sobre livros infantis e juvenis, entre elas A criação de uma bibliografia de obras realistas, comentadas em inglês, reunindo 20 títulos de 29 países e ainda indicação de cinco obras de referência de cada um deles, as publicações do Guia Internacional de fontes para Literatura Infantil e os Anais do 16 Congresso do (IBBY).

Em relação ao ano Internacional da Criança o IBBY decidiu criar uma lista de Honra do Prêmio Hans Cristian Andersen e, concluindo, a nota apresenta os nomes dos títulos de autores brasileiros selecionados pela FNLIJ, dentre eles *O Reizinho Mandão* de Ruth Rocha.

Em nota publicada em 21/11/79, o *Jornal da Tarde* anuncia a publicação da Coleção Amarelinha a ser lançada pela Abril. O texto ressalta que a grande maioria dos títulos já saiu vendida da editora e, portanto, somente três mil exemplares estarão à venda exclusivamente em bancas de São Paulo .

Esclarece que *A amarelinha* é uma coleção de 12 títulos, a serem publicados semanalmente, sendo que o primeiro será *Nicolau tinha uma idéia*. Posteriormente sairão as reedições de *Palavras, muitas palavras, Bom dia todas as cores, De hora em hora, A primavera da lagarta, No caminho do Alvinho tinha uma pedra e A árvore do Beto*. Farão também parte da coleção quatro historietas de Maurício de Souza, uma de Joel Rufino dos Santos: *O curupira e o espantalho*, sendo de fácil acesso e bom preço, constituindo uma boa chance de pular amarelinha em literatura.

Em nota publicada no *Jornal de Alagoas* em 24/08/80, o redator limita-se a comentar o estilo da escritora Ruth Rocha, e o faz de forma simples e direta. Entre as menções que faz à autora este afirma que Ruth Rocha está preocupada basicamente em questionar o problema da dependência em toda a sua amplitude, e que escreve numa linguagem simples e objetiva, despindo-se de qualquer moralismo conformador presente em quase todas as obras infantis tradicionais.

Laura C. Sandroni em nota publicada pelo jornal *O Globo* em 08/03/82, sob o título: *Quatro títulos, série "Peixinho"* comenta que Ruth Rocha está com dois de seus melhores textos em reedição. Sobre *A máquina maluca*, esta afirma que a obra tematiza a dependência

cada vez maior do homem frente à tecnologia levando a um paroxismo, enquanto a autora propicia uma história engraçada que leva o leitor a questionar a realidade que o cerca.

Em *A árvore do Beto*, Ruth Rocha mostra a sua face poética num belo texto. Argumenta que poucos autores souberam mostrar o Natal com originalidade, tendo como ilustrador o competente Rogério Borges.

Tatiana Belinky em nota da *Folha de S.Paulo* da data de 08/03/82, afirma que a mentira é o tema do último livro de Ruth *As coisas que a gente fala*, lançado pela Editora Rocco. Belinky diz que colocaria como epígrafe do livro um provérbio russo que afirma que “uma palavra é como um pardal, se voar a gente não pega mais”, pois o tema do livro é exatamente o peso e a importância das palavras, as palavras que a gente diz sem pensar (ou por malícia), e que segundo ela, saem voando, se espalhando e aprontando.

Bia Cardoso em breve comentário, denominado “Respeito aos pequenos leitores” na *Folha de S.Paulo*, Seção Vida Infantil, em 09/07/83, esboça seu parecer sobre duas obras publicadas pela Nova fronteira: *Praga de unicórnio*, de Ana Maria Machado e *Faca sem ponta, Galinha sem pé*, de Ruth Rocha, e afirma que os dois livros são bem escritos uma vez que as autoras conseguem abordar questões que estão presentes no dia a dia das crianças sem, no entanto, cair num realismo extremo.

Sobre *Praga de Unicórnio*, Bia Cardoso se limita a fazer um resumo da obra. Conclui que a autora consegue adentrar o mundo das crianças, mostrando as diferenças da realidade dos adultos, argumentando que talvez com essa leitura, os pequenos possam entender melhor como funciona a cabeça de gente grande. Sobre as ilustrações de Humberto Guimarães, esta afirma que ele brinca com as transparências e diferentes escalas de tamanho com muito colorido, que saem da estereotipia de desenho para crianças.

Sobre a produção de Ruth Rocha, Cardoso aponta o trabalho com as diferenças dos papéis exercidos por homem, mulher enfocando as relações de família e a relação entre dois irmãos mencionando que Ruth com muito tato, descreve situações nas quais, surge a cobrança de se seguir um modelo dado, deixando transparecer os conflitos gerados em uma criança devido a estas cobranças.

A redatora afirma que este é um livro destinado a faixa dos 7/8 anos, pois é nesta fase em que meninos e meninas formam os seus clubes do Bolinha e da Luluzinha. Ruth ao inverter os papéis de Pedro e Joana, personagens do livro, permite à criança vivenciar outra realidade que é a do sexo oposto. Conclui dizendo que é um livro gostoso de ler, que Ruth Rocha tem a saudável mania de pôr as coisas estabelecidas de pernas para o ar e deixar que a criança, através de dados novos e de sua experiência de vida, conclua o que achar melhor.

Em nota publicada pelo jornal *O Globo*, na data de 22/01/1984 o redator refere-se a duas obras lançadas, então, recentemente, pela Editora Nova Fronteira *Dois Idiotas sentados cada qual no seu barril* e *Quando eu comecei a crescer*, qualificando-as como excelentes textos.

Pertencentes a gêneros distintos o redator primeiramente cita a obra: *Quando eu comecei a crescer* limitando-se a expor a linha temática da obra, em que uma criança em fase de descoberta do mundo percebe suas fantasias. Sobre *Dois Idiotas sentados cada qual no seu barril* o redator se restringe a fazer uma breve resenha do enredo.

Vivina de Assis Viana em breve comentário sobre a obra *Nicolau tinha uma idéia*, afirma que qualquer criança que ficar conhecendo Nicolau e suas experiências fantásticas, certamente viverá uma identificação imediata, como se a personagem fosse seu pai, irmão ou colega. Ressalta que a obra foi escrita há mais de trinta anos, e que seu nome é merecidamente consagrado na literatura-infantil brasileira. Comenta que a autora nos tempos de *Recreio* criou “Nicolau” que veio para ficar, o que não é nada mais do que justo, pois sua história é simples e verdadeira, o que faz dele uma personagem magicamente atual e enseja: “Que ele povoe para sempre bibliotecas e livrarias”.

Eliana Yunes afirma em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, em novembro de 1986, que Ruth Rocha deixou a experiência com suas rimas e seus reis, e embarcou na literatura para adolescentes. Em *De repente dá certo* a autora expressa sua sensibilidade para captar as situações, suas circunstâncias e expressar numa linguagem coloquial as questões de fundo existencial, sem no entanto, abdicar da opção de passar uma mensagem implícita em sua produção.

A Ruth Rocha de *O reizinho mandão*, escreve agora sobre a temática existencial de uma menina de doze anos, na cidade de São Paulo, no seio da classe média. As inseguranças da adolescente são captadas por uma linguagem muito segura e cheia de emoção. Yunes argumenta que esta constitui uma narrativa fluente em primeira pessoa, mas que não objetiva a mera preocupação de orientar pedagogicamente.

*Pra que serve?* é outra obra da autora, lançada pela Salamandra, que aborda os dramas familiares e afetivos da pré-adolescência. Segundo Yunes, Ruth contribui para que os adolescentes identifiquem-se com a narrativa “infanto-juvenil”.

Em nota publicada pelo jornal *O Globo* de 07/12/86 o redator esboça uma breve leitura sobre duas obras de Ruth Rocha: *Histórias de antigamente* e *De repente dá certo*.

Antes de adentrar na análise das obras propriamente ditas, o redator afirma que os papéis femininos sempre ocuparam um espaço muito pequeno nos livros infantis. Segundo a



psicóloga Fúlvia Rosemberg da Fundação Carlos Chagas, os protagonistas eram em sua maioria homens, e a figura feminina sempre ocupava um papel secundário na trama, e coube a “geração de 70” modificar este quadro, embora em poucos trabalhos as mulheres maduras aparecem em situação de trabalho fora do lar.

A respeito de *Histórias de antigamente*, o redator menciona que se trata de três belas lendas da Europa medieval nas quais as protagonistas rebelam-se contra um destino confinado no lar e mesmo vestidas com pesadas armaduras conquistam três belos cavaleiros, com quem compartilham a sua existência.

Em relação a *De repente dá certo*, afirma que Ruth trata de um assunto delicado que é o segundo casamento da mãe. Narrado em primeira pessoa, numa linguagem coloquial e simples mas, adequada ao personagem, seu texto desvenda pequenos problemas próprios da idade, tratando com coragem situações difíceis e cada vez mais comuns em nossos dias.

Eliana Yunes em artigo publicado na *Tribuna da Imprensa* em 21/09/89, discorre sobre a adaptação da obra de Ruth Rocha: *Dois Idiotas sentados cada qual no seu barril*, sob a direção do então, estreante, Dudu Sandroni. Comenta a escritora, que o texto da autora constitui um mero roteiro de idéias, que toma novo corpo em cena, e acrescenta que o trabalho em questão é criativo e muito vivo, com cenas que sucedem num crescendo, o que torna extremamente lúdico o resultado.

Yunes comenta que a partir das duas personagens: Mandão e Teimoso, Luis Carlos Persegani e Carolina Virguez, armam situações de confronto permanente, colocando simultaneamente um lado da insensatez idiota e um outro satírico, o próprio comportamento absurdo. Os seres nascem de dentro de um ovo-barril, o que causa já de primeiro momento um efeito de estranhamento.

O percurso do espetáculo, com poucos, mas bons recursos cênicos, conduz ao aprofundamento de uma crise que levará ao final a um momento de maturidade. Aproximação e repulsa vão ganhando intensidade pela acumulação de cenas que giram em torno do crescimento, reunião, conflito, reparação, nova disputa, acordo, etc, enquanto confere menos enfoque ao aprofundamento do tema, o que desviaria o rumo, a proposta do trabalho.

A autora comenta que o trabalho da direção foi bastante valorizado pela preparação dos palhaços de Dácio Lima, e comenta também, a colaboração da figurinista Lidia Kosovisk, da coreógrafa Gisela Saldanha e do diretor musical Ubirajara Cabral. Concluindo, Yunes afirma que no conjunto foi um trabalho desprezioso, coerente e lúcido no tratamento do tema “louco”, e que o trabalho do diretor iniciante foi bem conduzido apontando para um começo feliz, configurando-se um espetáculo para todas as idades.

Luiz Henrique Romagnoli inicia seu artigo sobre a premiação da obra *O rei que não sabia de nada*, de Ruth Rocha citando uma frase da própria autora. “Embora todos saibam que o país vive um momento difícil, a atitude mais comum das autoridades é fingir que não vêem as coisas mais gritantes, foi isso o que eu quis refletir na minha história”. Desta forma, o redator afirma que Ruth Rocha resume a idéia básica de seu livro, uma ficção com que acaba de obter o primeiro lugar do I Concurso Nacional de Contos Infantis, promovido pelo *Jornal Auxiliar*, órgão da Corporação Bonfiglioli.

Menciona posteriormente que a obra faz parte de uma trilogia, sendo que a primeira foi publicada com o título de *O reizinho mandão*, a segunda *O que os olhos não vêem*, e nas três os reis são marca registrada dos contos de fadas, argumenta que em palavras da própria Ruth Rocha, é com essas personagens que ela pretende mostrar a realidade de uma forma que não seja ultrapassada pelo tempo, e que seja entendida mesmo depois que a criança cresça e a situação seja outra, pois as figuras de reis conferem universalidade à história.

Em seguida, Romagnoli afirma que este o primeiro prêmio de Ruth em concursos de contos, mas salienta que a escritora é uma recordista em vendas tendo escrito e publicado 15 livros com tiragem de 300 mil exemplares.

Afirma ainda que Ruth Rocha não se julga um caso isolado, e que considera que a literatura-infantil é boa, sendo que toda a “geração de 70” é filha de Lobato, e dele sofreu máxima influência. Ainda sob a concepção de Ruth Rocha, Romagnoli afirma que a mesma procura fugir do realismo puro acreditando que a realidade pode ser apresentada numa parábola, numa história “non sense”, mas bem feita, de maneira que se perceba o elemento real do assunto tratado.

Concluindo o artigo, o redator cita as obras que ganharam os prêmios menores e anuncia que todos os trabalhos serão publicados pela Santo Alberto Artes Gráficas e Editora, de São Paulo.

Carmem Moretzsohn inicia seu artigo dialogando com diversas obras de Ruth Rocha, e afirma que a escritora aprendeu a subversão com Lobato, por isso, multiplica a irreverência, a graça, a insubordinação.

Comenta que Ruth Rocha seja talvez a autora de literatura infanto-juvenil de maior sucesso no país, e que seus cerca de 130 títulos já foram traduzidos para 25 idiomas entre as línguas mais conhecidas e outras, sendo a primeira representante da literatura infanto juvenil a ter livro lançado na Biblioteca Nacional, e que pode ser também a primeira a entrar na Academia Brasileira de Letras.

Moretzsohn afirma que este sucesso não sobe à cabeça da escritora, pois prefere saber

que está plantando aquela sagrada indignação na alma das crianças, fazendo-as não temer a autoridade arbitrária, tomar posições diante das injustiças, ter argumentos contra o racismo e toda sorte de preconceitos, a escritora quer dizer coisas e ser ouvida, contar histórias e entreter.

Moretzsohn esboça uma breve biografia de Ruth Rocha afirmando que foi com a publicação de *Romeu e Julieta* que a autora respondeu à pergunta de sua filha Mariana sobre o racismo, e salienta que as personagens de Ruth são sempre contestadoras, não se acovardam diante de reizinhos mandões, ministros desonestos, príncipes entediantes, pois ela acredita que o que educa é mesmo a literatura, é com ela que a criança aprende a lutar pelos seus direitos. Em suas obras os vilões não sofrem castigos físicos ou morais, o desfecho aponta sempre para o bom senso.

Afirma que Ruth Rocha é um agente das crianças, alguém que como Lobato, não lhes oferece um prato pronto, frio, de difícil digestão, ela ajuda a desvendar segredos, trocar intimidades, experimentar o mundo em liberdade, defendendo sempre o supremo direito à graça de viver.

Em nota publicada na *Tribuna de Santos*, intitulada *A vez das crianças*, o redator retoma a obra *Marcelo, marmelo, martelo*, e afirma que esta transcende o conceito pedagógico de que a história visa apenas informar e formar a criança. O redator comenta que a obra da autora visa transformar a criança sem, contudo, conformar, reformar, ou deformá-la. Em *Marcelo, marmelo, martelo* Ruth Rocha procura desenvolver especialmente uma das coisas mais importantes de todos os seres humanos: a independência para agir, pensar, criar conduzindo a criança ao amadurecimento.

Visando ampliar e divulgar ainda mais a proposta literária de Ruth Rocha o selo “DISQUINHO” lança a obra também em disco, e o faz de forma bastante oportuna e inteligente, apresentando uma série muito grande de possibilidades sonoras e brincadeiras com o som das palavras, sendo que as canções feitas para este disco pelo maestro e arranjador Sérgio Sá são gostosas, agradáveis, de fácil compreensão e comunicação.

O jornal *O Globo*, em 24/09/91, esboça um comentário sobre duas obras de Ruth Rocha, publicadas pela FTD: *Histórias das mil e uma noites* e *Mulheres de coragem*. Neste artigo o redator argumenta que desta vez a autora não se utiliza do recurso do humor encontrado em suas narrativas ágeis e engraçadas, as quais ela habituou os seus leitores, mas mostra sua faceta de contadora de histórias de contos tradicionais, que encantaram gerações e, que, ainda guardam a capacidade de conquistar as crianças de hoje.

*Histórias das Mil e Uma Noites* reúne apenas três narrativas: *Aladim e a lâmpada*

*maravilhosa, O pescador e o gênio e Ali Babá e os quarenta ladrões*. Mas, segundo o redator, é suficiente para deixar no leitor “aquele gosto de quero mais”, pois além de as histórias serem fascinantes, o estilo de Ruth Rocha é bem adequado ao jovem. A tática de Sherazade em contar toda noite uma história constitui uma metáfora para o trabalho da escritora, que se dispõe a criar continuamente e desta forma estar sempre no coração dos leitores.

A reedição de *Mulheres de coragem* conta com a ilustração de Claudia Scatamacchia e retoma mais uma vez figuras femininas fortes que, com coragem e audácia, destoavam dos costumes da época.

Breve nota publicada na revista *Claudinha* de número 209, apresenta um resumo sobre a obra *O reizinho mandão* e enfatiza que a obra e da autoria de Ruth Rocha, publicada pela Editora Pioneira

Maria José da Nóbrega em Láurea “Altamente recomendável para crianças da LNLIJ” DE 1997, comenta a obra: *Atrás da porta* e afirma que o livro tem como próprio tema a leitura. Um grupo de crianças descobre uma biblioteca e nas páginas dos livros um mundo extenso e variado, sobre os mais variados assuntos. Comenta que Elizabeth Teixeira cria ilustrações apropriadas para um ambiente, onde uma boa contadora de histórias aconchega as crianças para o ato da leitura. A construção do espaço nas ilustrações constitui-se algo dinâmico, sendo que a capa sugere o título, mas com um tom de mistério representado pela figura de uma vela acesa. A escritora ressalta que Ruth Rocha é um nome consagrado na literatura infantil, quer como produtora de obras infantis, quer como adaptadora, quer como tradutora. Suas histórias são marcadas por uma prosa ágil, entremeada de uma dialogicidade fluente.

Em *Atrás da porta* Ruth aborda um tema de fundamental importância que é o funcionamento das bibliotecas, que muitas vezes é o único contato da criança com o livro. Fica claro nesta obra o seu engajamento na luta pelo direito de ler dos meninos brasileiros e, enquanto, objeto o livro é um bom exemplo da qualidade editorial brasileira. Finaliza seu artigo afirmando que o nome de Ruth Rocha deve constar sempre numa biblioteca que represente a produção nacional para crianças e jovens.

## 5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DOS TÍTULOS DA AUTORA

### 5.1 OBRAS COM A DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

DATA	AUTOR	OBRA	
1976	ROCHA, Ruth	<i>Palavras, muitas palavras</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca. 14.ed. São Paulo: Quinteto , s.d.
1976	ROCHA, Ruth	<i>Bom dia todas as cores</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca.16. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1995, p.22
1976	ROCHA, Ruth	<i>De hora em hora</i>	São Paulo:FTD,1999, p.32.
1976	ROCHA, Ruth	<i>Marcelo, Marmelo, Martelo</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca. 2.ed. São Paulo: Cultura,1981, p.60
1976	ROCHA, Ruth	<i>A árvore do Beto</i>	Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: FTD, 2004, p.32. – A turma da nossa rua
1977	ROCHA, Ruth	<i>Nicolau tinha uma idéia</i>	Ed.? São Paulo: Quinteto Editorial,1985, p.24 ( Impresso pela Palmares Impressora Litográfica Ltda.)
1977	ROCHA, Ruth	<i>No caminho do Alvinho tinha uma pedra</i>	Ilustrações de Walter Ono. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos,1993, p.24. As aventuras de Alvinho.
1977	ROCHA, Ruth	<i>Romeu e Julieta</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.14. ed. São Paulo: Ática, 2000, p.40.
1977	ROCHA, Ruth	<i>Pedrinho, o pintor</i>	Ilustrações de Ivan Zigg. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.40 – Sambalelê.
1978	ROCHA, Ruth	<i>Uma história com mil macacos</i>	Ilustrações de Alcy Linhares. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.32 ( 30 anos de muita história pra contar)
1978	ROCHA, Ruth	<i>Faz muito tempo</i>	Ilustrações de Eva Furnari. 11.ed. São Paulo:Ática, 2000, p.32. ( 30 anos de muita história pra contar)
1978	ROCHA, Ruth	<i>O reizinho mandão</i>	Ilustrações de Walter Ono.2. ed. São Paulo: Quinteto Editorial,1995, p.32.
1979	ROCHA, Ruth	<i>A primavera da lagarta</i>	Ilustrações de Alcy Linhares. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.40. Sambalelê
1980	ROCHA, Ruth	<i>Davi ataca outra vez</i>	Ilustrações de Ivan Zigg. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999, p.40 – Procurando firme
1980	ROCHA, Ruth	<i>O rei que não sabia de nada</i>	Ilustrações de José Carlos de Brito.19. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, p.38. ( 25 anos de muita história pra contar)
1981	ROCHA, Ruth	<i>O que os olhos não vêem</i>	Ilustrações de José Carlos de Brito.15. ed. Rio de Janeiro: Salamandra,1985, p.36.
1982	ROCHA, Ruth	<i>Sapo – vira – rei – vira – sapo ou a volta do reizinho mandão</i>	Ilustrações de Walter Ono. 5.ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983,p.28.
1982	ROCHA, Ruth	<i>As coisas que a gente fala</i>	Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982, p.24.
1982	ROCHA, Ruth	<i>Elefante?</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.2.ed.São Paulo:Saraiva, 2005, p21

1982	ROCHA, Ruth	<i>A menina que aprendeu a voar.</i>	Ilustrações de José Roberto Graciano.6.ed. Rio de Janeiro: Salamandra,1984, p.30.
1983	ROCHA, Ruth	<i>Dois idiotas sentados cada qual no seu barril</i>	Ilustrações de Jaguar.2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984, p.24.
1983	ROCHA, Ruth	<i>Faca sem ponta, galinha sem pé</i>	Ilustrações de Walter Ono.6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986, p.28.
1983	ROCHA, Ruth	<i>Gabriela e a titia</i>	Ilustrações de Alberto Llinares.8.ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.16. (25 anos de muita história pra contar.
1983	ROCHA, Ruth	<i>Emoções</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Quantidades</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Formas</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Números</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>O meu corpo</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Palavras Opostas</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Indo e Vindo</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Cores</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>As horas do dia</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Tamanhos</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Fazendo, desfazendo e refazendo.</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>Pesos e volumes.</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1995, p.14 – Meu primeiro livro
1983	ROCHA, Ruth	<i>O velho, o menino e o burro</i>	Ilustrações de Cesar Landucci. 6.ed.São Paulo:Global,1988, p.17. Ruth Rocha conta
1983	ROCHA, Ruth	<i>Aladim e a lâmpada maravilhosa</i>	3.ed. São Paulo: Global, 1988, p.16. - Ruth Rocha conta
1983	ROCHA, Ruth	<i>Quando eu comecei a crescer</i>	Ilustrações de Walter Ono.9 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18
1984	ROCHA, Ruth	<i>Armandinho, o juiz</i>	Ilustrações de Ivan Baptista e Marcello Barreto. 2.ed. Rio de Janeiro,1986, p.22.
1984	ROCHA, Ruth	<i>A decisão do campeonato</i>	Ilustrações de Ivan Zigg. 4 ed. São Paulo: FTD,1997, p.22. A turma da

			nossa rua
1984	ROCHA, Ruth	<i>Como se fosse dinheiro</i>	Ilustrações de Marcello Barreto e Ivan Baptista.3.ed.Rio de Janeiro: Rocco,1986, p.20. A turma da nossa rua.
1984	ROCHA, Ruth	<i>A máquina maluca</i>	Ilustrações de Ivan Zigg. São Paulo: FTD,1992, p.22. A turma da nossa rua
1984	ROCHA, Ruth	<i>Procurando firme</i>	Ilustrações de Marcello Barreto e Ivan Baptista.4.ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986, p.33.
1984	ROCHA, Ruth	<i>Enquanto o mundo pega fogo</i>	Ilustrações de Walter Ono. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984, p.20.
1984	ROCHA, Ruth, ROTH, Otávio.	<i>Declaração universal dos direitos humanos</i>	Ed.? São Paulo: Quinteto Editorial,1986, p.42. (Impresso pelo círculo do livro).
1984	ROCHA, Ruth	<i>Pra vencer certas pessoas</i>	Ilustrações de Alcy. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.22.
1985	ROCHA, Ruth	<i>Cheirar</i>	São Paulo:FTD, 1998, p. 8 –O livro dos sentidos
1985	ROCHA, Ruth	<i>Comer</i>	São Paulo: FTD, 1998, p. 8 – O livro dos sentidos
1985	ROCHA, Ruth	<i>Ouvir</i>	São Paulo: FTD, 1998, p. 8 – O livro dos sentidos
1985	ROCHA, Ruth	<i>Pegar</i>	São Paulo: FTD, 1998, p. 8 – O livro dos sentidos
1986	ROCHA, Ruth	<i>Fábulas de Esopo</i>	Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. São Paulo: FTD, 1995, p.41 Coleção: Era outra vez.
1986	ROCHA, Ruth	<i>Mulheres de coragem</i>	Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. São Paulo: FTD,1995, p.32 Coleção: Era outra vez
1986	ROCHA, Ruth	<i>– Quem tem medo de dizer não?</i>	Ilustrações de Ivan e Marcello. Rio de Janeiro: Riográfica,1986, p12. – Quem tem medo de quê?
1986	ROCHA, Ruth	<i>Quem tem medo de quê?</i>	Ilustrações de Ivan e Marcello. Rio de Janeiro: Riográfica, 1986, p.12– Quem tem medo de quê?
1986	ROCHA, Ruth	<i>Quem tem medo de monstro?</i>	Ilustrações de Ivan e Marcelo. Rio de Janeiro: Riográfica, 1986, p. – Quem tem medo de quê?
1986	ROCHA, Ruth	<i>Quem tem medo de cachorro?</i>	Ilustrações de Ivan e Marcello. Rio de Janeiro: Riográfica, 1986, p12- Quem tem medo de quê?
1986	ROCHA, Ruth	<i>O piquenique do Catapimba</i>	Ilustrações de Ricardo Dantas. 1.ed.São Paulo: FTD, 2001, p 23. – Literatura em minha casa.
1986	ROCHA, Ruth, LORCH,Dora.	<i>Será que vai doer?.</i>	Ilustrações de Walter Ono.4 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18 –Os medos que eu tenho. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora	<i>Fantasma existe?</i>	Ilustrações de Walter Ono. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18 Os medos que eu tenho. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora	<i>Ninguém gosta de mim.</i>	Ilustrações de Walter Ono. 4 ed. São Paulo: Ática, p.18. 2000 – Os medos que eu tenho – 30 anos de muita história pra contar.

1986	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora	<i>Tenho medo mas dou um jeito</i>	Ilustrações de Walter Ono. 4.ed. São Paulo; Ática, 2000, p.18. – Os medos que eu tenho – 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth LORCH, Dora.	<i>As coisas que eu gosto</i>	Ilustrações de Walter Ono.3 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18 – As coisas que eu gosto. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora	<i>Sabe do que eu gosto?</i>	Ilustrações de Walter Ono. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18. – As coisas que eu gosto. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA. Ruth, LORCH, Dora	<i>Tem umas coisas que eu gosto</i>	Ilustrações de Walter Ono. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18 – As coisas que eu gosto. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora.	<i>Eu gosto muito</i>	Ilustrações de Walter Ono. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.18. As coisas que eu gosto. 30 anos de muita história pra contar.
1986	ROCHA, Ruth	<i>Este admirável mundo louco, Admirável mundo louco, Uns pelos outros, quando a escola é de vidro.</i>	Ilustrações de Walter Ono.15 ed. Rio de Janeiro: Salamandra,1986, p 78.
1986	ROCHA, Ruth	<i>De repente dá certo</i>	Ilustrações de Graça Lima.13. ed. Rio de Janeiro: Salamandra,1986, p. 84.
1987	ROCHA, Ruth	<i>Historinhas malcriadas: O dia em que eu mordi Jesus Cristo; Apanhei assim mesmo: Bom pra tosse; O dia em que meu primo quebrou a cabeça do meu pai.</i>	Ilustrações de Mariana Massarani. 3 ed. Rio de Janeiro:Salamandra,1999,p.26.
1987	ROCHA, Ruth	<i>Livro de números do Marcelo</i>	Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Repro, 1986, p.12.
1987	ROCHA, Ruth	<i>Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau</i>	Ilustrações de Ivan Zigg.3 ed. São Paulo: FTD, 1994, p.38
1987	ROCHA, Ruth	<i>Boi, boiada, boiadeiro</i>	Ilustrações de José Antonio da Silva. São Paulo: Quinteto, 1987.
1988	ROCHA, Ruth	<i>Que eu vou pra Angola ( Coleção Era outra vez)</i>	Ilustrações de Walter Ono. São Paulo:FTD,1999, p.32 – Era outra vez.
1988	ROCHA, Ruth	<i>O que é, o que é – volume I</i>	Ilustrações de Walter Ono. 3.ed. São Paulo: FTD,1999, p.24. – Enigma
1988	ROCHA, Ruth	<i>O que é, o que é? (volume II)</i>	Ilustrações de Walter Ono.São Paulo:FTD,1993, p.24 – Enigma
1988	ROCHA, Ruth	<i>O que é, o que é? Volume III</i>	Ilustrações de Walter Ono.3.ed. São Paulo: FTD,1999, p.24 – Enigma
1989	ROCHA, Ruth	<i>Uma história de rabos presos</i>	Ilustrações de José Carlos de Brito.8 ed. São Paulo :Salamandra,1995, p. 24. Coleção 25 anos de muita história pra contar.
1991	ROCHA, Ruth	<i>Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa</i>	3.ed. São Paulo: Moderna, 2004, p.30.
1991	ROCHA, Ruth	<i>O mistério do caderninho preto</i>	Ilustrações de Vera Azevedo. São Paulo: Melhoramentos,1991, p.56.



1991	ROCHA, Ruth	<i>Histórias das mil e uma noites</i>	Ilustrações de Claudia Scatamacchia. 7.ed. São Paulo:FTD, 1997, p.44. A turma da nossa rua Era outra vez
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro das letras</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992		<i>O livro dos gestos e símbolos.</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro dos lápis</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro das letras</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro das tintas</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro da escrita</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro do papel</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>O livro das línguas</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos,1992, p.32 – O Homem e a comunicação
1992	ROCHA, Ruth	<i>Nosso amigo ventinho</i>	Ilustrações de Ivar da Cool. 2.ed. São Paulo: Ática,1999, p.40 – Sambalelê
1992	ROCHA, Ruth	<i>Macacote e Porco Pança</i>	Ilustrações de Margarita Menéndez. 5.ed. São Paulo: Ática, 1999, p.32.
1992	ROCHA, Ruth	<i>A fantástica máquina dos bichos</i>	Ilustrações de Margarita Menéndez.3.ed. São Paulo: Ática, 1999,p.32.
1992	ROCHA, Ruth	<i>Um macaco pra frente</i>	Ilustrações de Xan López Domínguez. 2.ed. São Paulo: Ática.???.p.40. – 30 anos de muita história pra contar.
1992	ROCHA, Ruth	<i>A Escolinha de mar</i>	Ilustrações de Helena Alexandrino. 7.ed. São Paulo:Ática, 1999, p.40 – Sambalelê
1992	ROCHA, Ruth	<i>Eugênio, o gênio</i>	Ilustrações de Mariana Massarani.4. ed. São Paulo: Ática,1996,p.32.
1992	ROCHA,Ruth	<i>A cinderela das bonecas</i>	Ilustrações de Ivan Zigg. 3.ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 22. - A turma da nossa rua.
1993	ROCHA, Ruth	<i>Borba , o gato</i>	Ilustrações de Mariana Massarani.3. ed. São Paulo: Ática,1999, p.32.
1993	ROCHA, Ruth	<i>A arca de Noé</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.9. ed. São Paulo: Ática, 2000, p.24.
1993	ROCHA, Ruth	<i>O amigo do rei</i>	Ilustrações de Eva Furnari. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p.32.
1993	ROCHA, Ruth	<i>O trenzinho do Nicolau</i>	Ilustrações de Eliardo França. E São Paulo: Ática, 1983, p. 32. Sambalelê.
1993	ROCHA, Ruth, FLORA, Anna	<i>Coleção: Escrever e criar é só começar volume 5</i>	São Paulo: FTD, 1998, p.160. Didático – Disciplina Redação
1993	ROCHA, Ruth, FLORA, Anna	<i>Escrever e criar é só começar volume 6</i>	São Paulo: FTD, 1998, p.176. – Didático Disciplina: Redação
1993	ROCHA, Ruth, FLORA, Anna	<i>Escrever e criar é só começar volume 7</i>	São Paulo: FTD, 1998, p. 208 Didático – Disciplina Redação
1993	ROCHA, Ruth, FLORA, Anna	<i>Escrever e criar é só começar volume 8</i>	São Paulo: FTD , 1998, p.240 Didático Disciplina: Redação
1994	ROCHA, Ruth, Shua, Ana Maria	<i>A porta para sair do mundo</i>	São Paulo:Global,2001, p.40
1994	ROCHA, Ruth	<i>O coelhinho que não era da páscoa</i>	Ilustrações de Walter Ono. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p.30.
1994	ROCHA, Ruth	<i>Carmem</i>	Ilustrações de Cláudia

			Scatamacchia.São Paulo: Callis,1994, p.40 – Ópera para crianças.
1996	ROCHA, Ruth	<i>Lá vem o ano novo</i>	Ilustrações de Nicoletta Costa. 6. ed. São Paulo, 2000, p.40.
1996	ROCHA, Ruth	<i>Quando eu for gente grande.</i>	Ilustrações de Cláudio Martins. 3. ed. São Paulo: FTD,1999, p.22. As Aventuras de Alvinho
1996	Adaptação de ROCHA, Ruth	<i>O rato do campo e o rato da cidade</i>	Ilustrações de Regina Coeli Rennó.3. ed. São Paulo: FTD,1998, 21.
1996	ROCHA, Ruth	<i>Mil pássaros pelos céus</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.3. ed. São Paulo; Ática,1996.
2000	ROCHA, Ruth	<i>No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos</i>	São Paulo: FTD, 2000, p. 32.
2000	ROCHA, Ruth	<i>Ruth Rocha conta a Odisséia</i>	Ilustrações de Eduardo Rocha.2.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002, p.102
2002	ROCHA, Ruth, ROCHA, Eduardo, VALERO, Maria José	<i>Meus terríveis fantasmas</i>	São Paulo:Record, 2002, p.45 – Horripilantes
2002	ROCHA, Ruth, ROCHA, Eduardo, VALERO, Maria José	<i>Histórias de bruxas (Travessas)</i>	São Paulo: Record, 2002, p.45 – Horripilantes
2002	ROCHA, Ruth, ROCHA Eduardo, VALERO, Maria José	<i>Bichos monstruosos (asquerosos)</i>	São Paulo:Record, 2002, p.45 – Horripilantes
2002	ROCHA, Ruth, ROCHA, Eduardo, VALERO, Maria José	<i>Múmias e outros mortos ( muito vivos)</i>	São Paulo:Record, 2002, p.45 – Horripilantes
2003	ROCHA, Ruth	<i>Rubens, o Semeador</i>	Ilustrações de Fernanda Barreto. São Paulo: Nova Fronteira: São Paulo, 2003, p. 10 - Literatura em minha casa.
2003	ROCHA, Ruth	<i>Marília Bela</i>	Ilustrações de Fernanda Barreto. São Paulo: Nova Fronteira, 2003, p.8. Literatura em minha casa.
2003	ROCHA, Ruth	<i>Leila Menina</i>	Ilustrações de Fernanda Barreto. São Paulo: Nova Fronteira, 2003, p.7 - Literatura em minha casa
2004	ROCHA, Ruth	<i>Joãozinho e o pé de feijão</i>	Ilustrações de Suppa. São Paulo: FTD, 2004, p.29 - Lê pra mim.
2003	Adaptação de ROCHA, Ruth da obra de TWAIN, Mark	<i>Tom Sawyer</i>	Ilustrações de Pinky Wainer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.70 - Literatura em minha casa.
2004	ROCHA, Ruth	<i>O patinho feio</i>	São Paulo:FTD, 2004, p32 - Lê pra mim
2004	ROCHA, Ruth	<i>Os músicos de Bremen</i>	São Paulo:FTD, 2004, p.32 Lê pra mim
2004	ROCHA, Ruth	<i>O barba azul</i>	São Paulo:FTD, 2004, p.32 Lê pra mim
2004	ROCHA, Ruth	<i>Joãozinho e Maria</i>	São Paulo:FTD, 2004, p.32 Lê pra mim
2004	ROCHA, Ruth	<i>Ruth rocha conta A Ilíada</i>	Ilustrações de Eduardo Rocha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004, p. 144.
2004	ROCHA, Ruth	<i>Almanaque Ruth</i>	São Paulo:Ática ,2004, p.136

		<i>Rocha</i>	
2005	ROCHA, Ruth	<i>Pois é, poesia para jovens</i>	São Paulo:Global, 2005, p.63
2005	ROCHA, Ruth, ZIRALDO	<i>Um cantinho só pra mim.</i>	Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Melhoramentos, 2005, p.40.
2006	ROCHA, Ruth	<i>O jacaré preguiçoso</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.Rio de Janeiro:Salamandra, 2006, p.32.
2006	ROCHA, Ruth	<i>O dia em que Miguel estava muito triste</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.24.
2006	ROCHA, Ruth	<i>A menina que não era maluquinha e outras histórias</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.40
2006	ROCHA, Ruth	<i>O menino que quase virou cachorro.</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.15.
2006	ROCHA, Ruth	<i>Meu amigo dinossauro</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.16.
2006	ROCHA, Ruth	<i>Meu irmãozinho me atrapalha</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.24.
2006	ROCHA, Ruth	<i>Meus lápis de cor são só meus</i>	Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.24
2006	ROCHA, Ruth.	<i>Quando o Miguel entrou na escola</i>	Ilustrações de Eduardo Rocha. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2006, p.24.

## 5.2 OBRAS CUJA DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO NÃO FOI IDENTIFICADA

	Texto original de VOOLF, Virginia, tradução de ROCHA, Ruth.	<i>A Cortina da Tia Bá</i>	Ilustrações de Julie Vivas. São Paulo : Ática, 1993, p.32.
	ROCHA, Ruth	<i>Você é capaz de fazer isso?</i>	Ilustrações de Cláudio Martins. 3.ed. São Paulo: FTD,1999, p. 21. – As aventuras de Alvinho
	Tradução de ROCHA, Ruth, texto original de John Lennon com introdução de Yoko Ono.	<i>Amor de verdade: desenhos para meu filho</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>O dia em que Miguel estava triste</i>	Ilustrações de Cláudio Martins.São Paulo: Callis, 1995, p.25 – Comecinho
	ROCHA, Ruth. ROCHA, Eduardo	<i>Quando Miguel entrou na escola</i>	São Paulo: Callis,1999, p.25. – Comecinho.
	ROCHA, Ruth	<i>O menino que Quase morreu afogado no lixo</i>	Ilustrações de Alcy Linhares. São Paulo: FTD, 1999, p.32.
	Tradução de ROCHA, Ruth, texto original de Ivar da Cool	<i>Não, não fui eu</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Alvinho, a apresentadora de TV e o campeão.</i>	Ilustrações de Cláudio Martins. São Paulo: FTD, 2004, p.32. – As aventuras do Alvinho
	ROCHA, Ruth	<i>Alvinho e os presentes de natal</i>	Ilustrações de Cláudio Martins. São Paulo: FTD,1996, p.24.
	ROCHA, Ruth	<i>Atrás da porta</i>	São Paulo: Moderna, 2002, p.96 – Literatura em minha casa.
	ROCHA, Ruth	<i>O barbeiro de Sevilha</i>	Ilustrações de Claudia Scatamacchia. São Paulo: Callis, 2000, p.40 – Ópera para crianças.

	ROCHA, Ruth	<i>A coisa.</i>	Ilustrações de Walter Ono.10.ed. São Paulo: Melhoramentos,1993, p.32 - As aventuras do Alvinho
	ROCHA, Ruth	<i>As coisas que a gente fala</i>	Ilustrações de Walter Ono.3.ed.São Paulo: Moderna,1997, p.24.
	ROCHA, Ruth	<i>Contos de Perrault Coleção</i>	4.ed.São Paulo: FTD,1996, p.44 – Era outra vez
	ROCHA, Ruth	<i>Os direitos da criança segundo Ruth Rocha</i>	São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.48.
	ROCHA, Ruth	<i>Escrever e criar...uma nova proposta! Redação, jogos, literatura volume 1</i>	São Paulo: FTD, 2001, p. 80 – Didático – Disciplina: Redação
	ROCHA, Ruth	<i>Escrever e criar...uma nova proposta ! Redação, jogos, literatura volume 2</i>	São Paulo: FTD, 2001, p. 96 – Didático – Disciplina: Redação
	ROCHA, Ruth	<i>Escrever e criar...uma nova proposta ! Redação, jogos, literatura, volume 3</i>	São Paulo: FTD, 2001, p. 104 – Didático Disciplina: Redação
	ROCHA, Ruth	<i>Escrever e criar...uma nova proposta! Redação, jogos, literatura, volume 4</i>	São Paulo: FTD, 2001,p. 136 – Didático – Disciplina: Redação
	ROCHA, Ruth	<i>A família do Marcelo</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca. São Paulo:Moderna,2001,p.24 –Série: Marcelo, Marmelo, Martelo
	ROCHA, Ruth	<i>A escola do Marcelo</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca.São Paulo: Moderna, 2001, p.09 – Série Marcelo Marmelo, Martelo
	ROCHA, Ruth	<i>O bairro do Marcelo</i>	Ilustrações de Adalberto Cornavaca. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2001, p.24 Série : Marcelo, Marmelo, Martelo
	ROCHA, Ruth	<i>A flauta mágica</i>	Ilustrações de Cláudia Scatamacchia.São Paulo:Callis,1994, p.40 – Óperas para crianças
	ROCHA, Ruth	<i>O Guarani</i>	Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. 3.ed.São Paulo:Callis,1996, p.40 – Ópera para crianças
	ROCHA, Ruth	<i>Microdicionário Ruth Rocha</i>	São Paulo: Scipione,1997, p.310.
	ROCHA, Ruth	<i>Pesquisar e aprender</i>	São Paulo:Scipione,1997,p.48.
	ROCHA, Ruth	<i>Quem vai salvar a vida?</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>O último golpe de Alvinho</i>	Ilustrações de Mariana Massarani. 4.ed.São Paulo:FTD,1997, p.24 – Aventuras de Alvinho
	ROCHA, Ruth	<i>Viva o ano novo!</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Por nome de passaredo</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Pra que serve?</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>O menino que aprendeu a ver</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>A flauta mágica</i>	

	ROCHA, Ruth	<i>Minha turma</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Entrevistando seus amigos</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Entrevistando seus ídolos</i>	
	ROCHA, Ruth, Cuellar Olga, REYES, Yolanda	<i>A pior hora do dia</i>	
	ROCHA, Ruth	<i>Minidicionário Ruth Rocha</i>	
	ROCHA, Ruth, ROTH, Otávio	<i>A história do livro</i>	

## 6 CONCLUSÃO

Quando do início deste trabalho fizemos uma proposta de elencar dados sobre a escritora Ruth Rocha que viessem atender às necessidades de professores, pesquisadores e profissionais da área no que tange à literatura-infantil, com o objetivo de melhor conhecer a autora, bem como o momento no qual ela se insere. Esta pesquisa cuidou, num primeiro momento, de estabelecer um estudo sobre caminhos percorridos pela arte, desde os seus primórdios, em seu estado “aurático”, até a contemporaneidade, quando se tornou “mercadoria”.

Concluimos que esta primeira parte do trabalho foi de fundamental importância para a compreensão do restante da pesquisa, pois nos ofereceu subsídios para levantarmos dados e interpretá-los à luz das teorias que envolvem o mercado como fator decisivo e determinante, no que se refere à circulação e à comercialização de obras, sobretudo as de literatura-infantil, uma vez que estas constituem um alvo certo do mercado, pois delas as escolas se abastecem. O livro produzido para crianças não estanca nas livrarias, é muito comum procurarmos determinadas obras e estas encontrarem-se esgotadas. O estado investe maciçamente neste “produto” e, se podemos ver uma luz no fim do túnel, é o fato de que ao contrário do que ocorria há algum tempo, percebemos um maior cuidado nas seleções e aquisições de obras para crianças pelo estado. Haja vista a coleção “Literatura em minha casa”, distribuída pelo governo federal em 2003, composta por inúmeros títulos, cuidadosamente escolhidos e organizados por pessoas especializadas da área. A coleção oferece ao pequeno leitor uma enorme variedade de títulos, constando desde os poetas românticos e prosadores ingleses do século XVIII até os títulos consagrados pela “geração de 70”, da qual Ruth Rocha faz parte.

Conhecer os fatores que levaram a esta “democratização” é fundamental, pois o termo “atrofia da aura” carrega consigo um sem número de determinantes que expressam as profundas modificações pelas quais a sociedade passou desde o século XV. Esta democratização traz implícito um processo, talvez ainda mais excludente, em que a vulgarização do objeto artístico, o seu esvaziamento, não são gratuitos, pois isso implica formar uma cultura de massa que unifica os gostos e aliena as pessoas. Distinguir, pois, o que é bom do que não é, pode ser a possibilidade de conferir ao ser humano a liberdade de escolha e de ação. A tessitura do primeiro capítulo deste trabalho objetivou elucidar esta questão. Sem sermos “apocalípticos”, a perda da “aura” não é o fim do mundo, mas a “massicultura” pode, ao nosso ver, contribuir para a continuidade do capitalismo frio e tardio.

Sobre a biografia de Ruth Rocha, constatamos que existe uma vastidão de informações

às quais não tivemos acesso. Utilizamo-nos dos recursos mais imediatamente disponíveis para chegar aos dados biográficos, dentre eles o já mencionado livro *Ana & Ruth*, organizado pelo jornalista Dau Bastos. Além deste, buscamos em jornais, revistas, artigos e muitas entrevistas concedidas pela escritora, a matéria prima para o nosso texto. Como o objetivo deste trabalho não é analisar obras da escritora, não encontraremos nada que pertença a esta natureza, mas durante a catalogação dos dados podemos perceber uma jovem estudante de Ciências Sociais perdida e encantada dentro de uma biblioteca, interagindo com os pequenos leitores. Este contato deu origem à Orientadora Educacional, que foi a Ruth Rocha que primeiro se manifestou como escritora nos tempos da revista *Recreio*.

No final da década de 70, a ditadura amordaça a palavra e Ruth Rocha solta o verbo. A orientadora cede lugar à socióloga. É a hora e a vez dos “reizinhos”, de denunciar as histórias de rabos presos, enquanto o mundo pega fogo. Enfim, surge a Ruth Rocha madura, mais preocupada com a dinâmica interna do texto, porém não menos educadora, não menos militante. Em suma, parafraseando Ana Maria Machado, Ruth Rocha é uma trança de gente, que vale a pena ser lida estudada e repassada.

Sobre o “atual estado da questão” em relação à obra de Ruth Rocha, procuramos rastrear tanto a crítica especializada quanto a não especializada e reiteramos o que Tânia Pellegrini afirma em *A imagem e letra* (1999), quando diz que a crítica especializada quase inexistente em relação à vida excessiva da televisão. No arcabouço teórico que elencamos no corpo desta pesquisa, percebemos que, apesar de a literatura infanto-juvenil ter crescido consideravelmente nas últimas três décadas, existe pouco material relevante para um trabalho desta natureza, embora os críticos que tratam do assunto o façam sempre de forma responsável. Em meio ao trabalho sério de Regina Zilbermann, Marisa Lajolo, Edmir Perrotti, Fanny Abramovich e outros, encontramos um sem número de críticas que não se ocupam em analisar a obra, mas apenas em fazer a exaltação vazia desta, com o objetivo de estimular a venda, daí os textos encontrados em jornais, revistas etc.

Vale ressaltar que com esta crítica ligeira, encontramos pareceres de gente especializada no assunto, pois o “novo” escritor ganhou espaço na mídia, saiu do gabinete. Desta forma fez-se necessário ler com atenção, selecionar e dispor os textos que melhor puderam atender os nossos objetivos.

Quanto ao levantamento das obras de Ruth Rocha, o trabalho foi penoso, pois esta atende ao mercado, é escritora, empresária, coordena coleções, escreve em parceria, faz adaptações, traduções. Um dia sem pesquisa pode significar um livro a menos na bibliografia. Com tudo isso percebemos que ela não só escreve, mas lê vorazmente, criticamente, sente

gosto em contar histórias. Resenhar todas as suas obras seria um trabalho inesgotável, daí a nossa opção em selecionar alguns títulos que compreendem os vários estilos de Ruth Rocha. Oferecer uma visão geral sobre sua obra foi o objetivo destas resenhas. Analisar o conjunto da obra da escritora pode ser um próximo passo.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. 5.ed. São Paulo: Summus, 1983.

ANA & RUTH / organização Dau Bastos; textos de Carlos Moraes e Marisa Lajolo. - Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

ANTUNES, Letizia Zini. *Teoria da narrativa: o romance como epopéia burguesa*. In: \_\_\_\_ (org). *Estudos de Literatura e Linguística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: Curso de Pós Graduação em Letras-UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira, 1882/1982*. São Paulo: Quíron, 1983.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. In: \_\_\_\_\_ et alii. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grunnewald. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil*. Séculos XIX e XX. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea* : Mercado das letras, São Paulo, 1999.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor no literatura infantil*. São Paulo: Icone, 1986.

RICHE, Rosa Maria Cuba. *Histórias de reis e questionalismo ideológico de Ruth Rocha*. Revista Perspectiva de Santa Catarina, 1982.

SANT'ANA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. E ed. São Paulo: Ática, 1995.

YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura-infantil*. 2.ed. São Paulo: FTD,1989.

WELLERSHOFF, Dieter.*Humboldt*. Hamburgo, Trad. Tereza Balté,n.22,p.44-48,1978

ZILBERMAN, Regina & CADEMARTORI, Lígia . *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina & LAJOLO Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4 ed. São Paulo: Global, 1993

**ANEXOS**

## Anexo 1: RESENHAS OU RECENSÕES DE OBRAS DE RUTH ROCHA

- 1) ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. Ilustrações de Adalberto Cornavaca. 2.ed.São Paulo: Cultura, p.60.

### A) Marcelo, Marmelo, Martelo

Narrado em terceira pessoa a obra se constitui daquilo que Perrotti denominou como utilitarismo às avessas, pois embora apresente um narrador mirim munido de curiosidade e coragem, que questiona entre outras coisas o uso da linguagem criando um conflito, a obra revela toda a assimetria Adulto X Criança, pois o impasse continua a ser resolvido pelo adulto que tem a função de ordenar os acontecimentos.

Marcelo vive em uma família constituída de pai, mãe, avó, cachorro etc. Surge, então, o conflito inicial, o narrador começa por questionar o seu próprio nome. Porque ao invés de Marcelo, não poderia ser martelo ou marmelo. Esta indagação se estende ao nome convencional de todas as coisas e objetos, causando um transtorno aos pais que, nem sempre encontram respostas lógicas para suas perguntas. Um dia a casa de Latido, o cachorro de Marcelo, pega fogo e este entra em desespero. Entra para pedir socorro e diz: \_ Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo! O pai não consegue entender o que o menino diz e a casa se transforma em cinzas, a partir daí os pais passam a entender o vocabulário de Marcelo e solucionam-se, então o conflito. Ruth sugere ao final do livro que o leitor também escreva uma história e mostre a sua professora.

### B) Terezinha e Gabriela

Esta obra narra a história de duas meninas muito diferentes, Gabriela, que é sapeca, levada, bem humorada, gosta entre outras coisas de pular corda, brincar de amarelinha, pegador, usa roupas de meninos e é muito querida pelos colegas, todos querem brincar com ela. A segunda personagem é Terezinha, o oposto de Gabriela, “loirinha”, “bonitinha”, “arrumadinha”, estudiosa e usa sempre roupas cor de rosa, vestidos de “rendinha”, cachos no cabelo, tem caixinha de música e é muito “boazinha”. As duas meninas ouvem sempre os maiores elogios a respeito da outra. Os amigos elogiam Gabriela e dizem que ela é quem sabe pular corda e coisa e tal, e de Terezinha dizem que ela é boazinha. As meninas começam a ter uma crise de identidade e passam a

dotar o comportamento uma da outra, o que soa muito estranho a todos.

Um dia as duas se encontram e se olham com desconfiança e depois riem porque acham a situação engraçada, daí em diante tornam-se amigas e aprendem muito com suas diferenças. Ao final da história a escritora sugere que os leitores inventem um amigo com qualidades e com defeitos também, salientando que ninguém é perfeito.

Nesta obra Ruth Rocha preserva a preocupação didática e o ensinamento, como é comum a todas as obras escritas nesta fase.

### C) O dono da bola

Caloca é o dono da bola, motivo da narrativa, que descreve a personalidade de um menino mimado e arrogante que sempre queria fazer prevalecer suas vontades. No decorrer da narração percebemos o ensinamento implícito na produção, o de que as pessoas têm que aprender a ouvir e respeitar a opinião dos outros.

Carlos Alberto como gosta de ser chamado pelos amigos, é apresentado pelo narrador onisciente como um menino legal, mas que nem sempre foi assim. Dirigindo-se ao leitor, num tom de diálogo, o narrador afirma que Caloca era enjoado, pois morava numa casa bonita da rua e tinha brinquedos caros. O time da rua chamado Estrela - D'Alva Futebol Clube, sempre jogava usando bolas de meia e, somente, Caloca tinha uma bola de verdade, mas toda vez que alguém contrariava a sua vontade, ele pegava a bola e ia embora, deixando os colegas desprovidos.

Cansados do seu comportamento os amigos resolvem ignorá-lo por algum tempo, o que fez com o que o menino se sentisse sozinho e procurasse se adaptar ao grupo, mas agora sem utilizar-se de caprichos. No final do campeonato o time da rua venceu e todos ficaram felizes. Caloca tinha aprendido a trabalhar em grupo. No final do livro Ruth sugere que o leitor escreva um diário e conte como a personagem se sentia desde que ganhou a bola até doá-la ao time e fecha com a pergunta: Você já deu alguma coisa sua a seus amigos?

2) ROCHA, Ruth. *Nicolau tinha uma idéia*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1985, p. 24.

*Nicolau tinha uma idéia* é uma obra inteligente, voltada ao público de 4 a 8 anos, portanto em fase de alfabetização, rico em ilustrações de Walter Ono. Um livro com poucas palavras, mas de um conteúdo denso que leva o leitor a refletir sobre a sua necessidade de se comunicar, de expressar seus pontos de vista e entrosar-se com o meio em que vive.

O enredo é simples. Conta a história de Nicolau que chega a uma cidade, na qual cada pessoa tinha uma idéia, mas a mantém guardada para si. A personagem principal traz a inovação e conta sua idéia a outra pessoa e, assim por diante, até que todas as pessoas do lugar estão repletas de idéias, ou seja houve uma real comunicação, um entrosamento que propiciou uma nova tomada de posições por parte daqueles que estão envolvidos no processo.

O livro possui frases curtas, mas bem distribuídas, o apelo gráfico é maior do que a escrita e no final do livro Ruth Rocha sugere que o leitor também desenhe a sua idéia.

Embora fique evidente o tom utilitário da obra, pois esta se presta a trabalhar com crianças em fase de alfabetização, no entanto seu conteúdo é rico e denso, podendo levar o leitor a reflexão sobre a necessidade de expor e aceitar idéias alheias, num processo democrático que conduza ao bem estar de todos.

3) ROCHA, Ruth . *No caminho do Alvinho tinha uma pedra*. 10.ed.Ilustrações de Walter Ono.São Paulo: Melhoramentos, 1993, p.24.

Pertencente a *Coleção As aventuras de Alvinho*, publicada pela Melhoramentos pela primeira vez em 1984, traz um enredo simples, onde um narrador em terceira pessoa conta que Alvinho, um menino “gorduchinho” e comilão, tinha a mania de trazer para casa tudo que achava na rua e vive a receber broncas de sua mãe, Dona Branca.

Um dia o menino encontra uma pedra e esconde debaixo da cama. Todos os dias ele confere se seu “tesouro” ainda está no lugar, até que dentro da pedra, que na verdade era um ovo, nasce um avestruz. Com medo de que mãe de fim no animal ele o esconde causando os maiores transtornos, pois está sempre a arranjar desculpas para que sua mãe não entre no seu quarto. Finalmente o animal é descoberto e mandado para o jardim zoológico e todos os domingos Alvinho vai visitá-lo.

Narrado em forma de poesia a obra brinca com as rimas, possui um tom coloquial e se utiliza de palavras do cotidiano, onomatopéias, além do uso do discurso direto em alguns recortes.

4) ROCHA, Ruth. *Romeu e Julieta*. Ilustrações de Cláudio Martins. 14.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.40.

Esta obra de Ruth Rocha estabelece uma relação intertextual com a obra *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, uma vez que trabalha as diferenças de ideologia entre duas classes que se mantêm separadas. O enredo é simples, trata do caso de uma borboleta amarela e um borboleto azul que, apesar, de terem nascidos e sido predestinados a ocuparem os seus devidos lugares sem misturarem-se a outras classes, rompem as barreiras. Romeu visita o canteiro de flores amarelas em que Julieta passeava, e se identifica com ela. Juntos desafiam os limites impostos e adentram pela floresta desbravando um mundo desconhecido para os dois, com seus prazeres e perigos. Embora possua um forte apelo contra-ideológico esta obra recai no “utilitarismo às avessas”, pois as borboletas perdidas na noite são socorridas por seus pais, ostentando o poder que se estabelece de cima para baixo.

A obra, no entanto, traz as marcas de um discurso estético, é um texto lúdico, onde Ruth Rocha brinca com as rimas, com a imaginação e utiliza-se de recursos da tradição oral apelando para os ditos populares como em: “Não Julieta cada borboleta no seu canteiro”(ROCHA?)



5) ROCHA, Ruth. *Uma história com mil macacos*. Ilustrações de Alcy Linhares. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.32.

Esta obra de Ruth Rocha trabalha de forma divertida “os ruídos da comunicação”. O doutor Eduardo Quaresma resolve fazer uma experiência científica com o intuito de descobrir cura para várias doenças. Resolve mandar um telegrama a um amigo que vive na tranzamazônica e pede dois macacos, no entanto o telegrafista digita 102 macacos e os bichos começam a aparecer aos montes. Cansado da experiência, Eduardo resolve telegrafar novamente dizendo para o amigo parar de enviar macacos. O telegrafista envia mais uma vez ao mensagem truncada dizendo “Não pare de mandar macacos”, os bichos vão chegando às centenas até que Eduardo resolve deixar cidade e escreve uma carta a todos onde deixa seus “bens”, ou seja seus macacos para o Zeca telegrafista.

6) ROCHA, Ruth. *Faz muito tempo*. Ilustrações de Eva Furnari. 11.ed. São Paulo: Ática, 2000, 32.

Esta obra exerce um processo intertextualidade com a história oficial do descobrimento do Brasil. A narrativa se reduz a apresentar uma personagem criança, que morando em terras portuguesas sonha em ser marinheiro, um dia a convite do padrinho resolve embarcar na comitiva de Pedro Álvares Cabral e acaba chegando ao solo brasileiro. De tom utilitário a obra se limita a recontar a história oficial, sem propor nenhuma indagação a respeito do processo de colonização do Brasil pelos portugueses, mas apresenta uma realidade ufana onde o jovem marinheiro português brinca pacificamente com os meninos indígenas. Entre as cenas se intercalam informações históricas, tais como o acontecimento da primeira missa em solo brasileiro e atribuição de nomes aos lugares encontrados pelos colonizadores como por exemplo: Monte Pascoal, Terra de Vera Cruz etc. Enfim a obra é uma adaptação dos conteúdos dos livros de História do Brasil do ponto de vista dos portugueses ao público infantil.

7) ROCHA, Ruth. *O reizinho mandão*. Ilustrações de Walter Ono. 2.ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1995, p.32.

O Reizinho Mandão, assim como as demais referentes à “Tetralogia dos Reis”, é uma narrativa que pertence a linha do maravilhoso satírico, pois utiliza-se elementos literários do passado ou situações, facilmente reconhecíveis, para denunciá-las como erradas, superadas e transformá-las em algo ridículo. O humor, a graça, as situações inesperadas ou satíricas são fatores básicos dessa diretriz. Ruth Rocha inaugura a linha que hoje se conhece como a *Série dos Reizinhos ou a Tetralogia dos Reis*. Utilizando o recurso da sátira ou da paródia que contestam pelo riso a prepotência dos fortes, gera situação exemplar (em que o reizinho mandão é totalmente ridicularizado), satirizando o autoritarismo despótico vivido pelo país.

Entretanto, a seriedade da proposta temática fica oculta pelo ludismo da narrativa, pelo bom humor e pela vibração de liberdade que percorre a narrativa. E para exemplificar a sua originalidade estilística em primeiro plano, manifesta-se por meio da voz narradora no artifício do cordel:

A saga do Reizinho é retirada do seu caminho “natural”, e, através do poder de uma criança, desviada para outro desfecho. Fica clara a preocupação da autora em valorizar o leitor mirim. Neste plano ele deixa de ser apenas um leitor passivo como quer o discurso utilitário, que visa à transmissão de valores com vistas a perpetuação da ordem estabelecida. A criança é um ser capaz de opinar, de interferir, de jogar com a situação, acima de tudo de mudar os rumos da situação.

Através desta obra, conforme já mencionado, a autora produz outros três livros que formam um eixo no qual o Reizinho se mostra como uma figura antipática, ora boba, ora cega, mas sempre cometendo arbitrariedades, ou se omitindo das responsabilidades de ser representante do “povo”. São três os volumes que se seguem; “*O rei que não sabia de nada*”, “*O que os olhos não vêem*” e finalmente “*Sapo vira rei vira sapo ou a volta do reizinho mandão*”. Com esta “tetralogia” Ruth denuncia o que de mais despótico o país está atravessando durante o auge da ditadura militar. Sua obra é marcada por essa irreverência, pelo aspecto contra-ideológico que permeia toda a sua narrativa. A Série dos reis proporciona ao leitor criança ou adulto uma nova perspectiva de se ver o mundo, através dos olhos da crítica, da audácia com que os personagens infantis ou adultos de Ruth Rocha agem, interagem e procuram soluções para os seus conflitos.

8) ROCHA, Ruth. *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*. Ilustrações de Jaguar. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.24.

Misto de prosa e poesia esta produção de Ruth Rocha é altamente crítica e manda um recado claro ao poder dominante. Cria duas personagens: o Teimosinho e o Mandão que estão “comodamente” sentados cada um sobre um barril de pólvora. Ambos começam em tom educado uma discussão pedindo um ao outro que apague a vela que traz na mão, como em todo poder arbitrário os dois acabam se por se desentenderem-se e se agredirem-se mutuamente. Após xingos, agressões e palavrões e com muita munição estocada, Mandão solta um espirro assustando Teimosinho, que deixa cair a vela de sua mão causando um grande explosão, e se vão pelos ares o Teimosinho e o Mandão.

9) ROCHA, Ruth. *Faca sem ponta, galinha sem pé*. Ilustrações de Walter Ono. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 28.

Este livro segue a linha do contra-ideológico utilizada por Ruth Rocha em grande parte de suas obras. Narrada a história de Pedro e Joana, dois irmãos que sofrem, pois são muito conscientes das imposições dos papéis sociais que lhe são impostos e, por isso, sempre a questioná-los.

Pedro e Joana desempenham seus papéis de homem e mulher, mas esbarram em convenções do tipo, “homem não chora e mulher não joga futebol”, é a partir daí, que surge o conflito. Um dia ambos estão voltando da escola e passam debaixo do arco-íris, trocando de papéis. Desta forma podem se ver um na pele do outro, a troca gera muitas angústias, pois agora as cobranças se invertem, Pedro que agora é uma menina, sente vontade de chutar tampinhas na rua e é repreendido pela irmã que agora é Joana. Joana quer chorar, mas é corrigida por Pedro, pois menino não chora. O impasse é resolvido, pois os dois concluem que para voltar a ser como eram, deviam passar outra vez debaixo do arco-íris, e depois de uma longa espera pela chuva eles voltam a ser Pedro e Joana, mas agora conscientes de que devem respeitar seus desejos e diferenças. As ilustrações de Walter Ono acompanham a narrativa de forma harmônica, não atuam simplesmente como adereço, mas conferem vida à obra, trabalhando o imaginário e o abstrato.

10)ROCHA, Ruth. *O velho, o menino e o burro*. Ilustrações de César Landucci. 6.ed. São Paulo: Global,1988, p.17.

Conto da sabedoria popular, narrado em forma de poesia, trata de uma questão importante, que é a força da opinião alheia sobre o comportamento humano.

A narrativa se resume em contar como um menino e um velho chegaram a conclusão de que somos verdadeiros “burros”, quando ignoramos nossas próprias opiniões e agimos em função de agradar aos outros.

Vinha pela estrada um velho, um menino e um burro. A princípio o velho e o menino andavam, ambos a pé, puxando um burro, ao verem a cena dois homens comentam que é um despropósito, pois ao invés de montarem o burro, os dois estavam a puxar o animal, imediatamente o velho montou no burro e tomaram a estrada. Em seguida duas mulheres ao verem a cena comentam que aquilo é um desfrute, um velho no bem-bom, e o menino a pé e logo os dois trocam de lugar, mas em seguida uma velha e uma menina vêem a cena e falam que aquilo é uma absurdo, um velho que nem se agüenta nas pernas a pé, e o guri em cima do burro. Cansados os dois resolvem carregar o burro e chegam em casa extenuados, e concluem que como diz o ditado: “Quem quer agradar a todos, a si próprio não faz bem, pois só faz papel de burro e não agrada a ninguém”.

11) ROCHA, Ruth. *Como se fosse dinheiro*. Ilustrações de Marcello Barreto e Ivan Baptista. 4.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p.20.

O livro *Como se fosse dinheiro* possui um forte tom de utilitarismo, destina-se à criança, que se encontra na faixa etária dos 8 anos. O enredo é simples e trabalha uma questão fundamental, que é exercício da cidadania.

*Como se fosse dinheiro* narra a história de Catapimba, que todos os dias leva dinheiro a escola para comprar lanche, e recebe como troco, do Senhor Lucas, balas como troco e ao dizer que quer receber o troco em dinheiro, recebe a resposta de que bala é como se fosse dinheiro.

Cansado de ouvir sempre a mesma resposta Catapimba resolve dar o troco “na mesma moeda”, um dia compra um lanche e coloca em cima do balcão, como forma de pagamento, uma galinha, o que causa grande alvoroço entre as crianças. Para acabar com a confusão Sr. Lucas aceita galinha e ainda dá o troco em moedas para Catapimba.

Nos dias que se seguiram todas as crianças passaram a levar coisas exóticas, como forma de pagamento do lanche e, quando, o homem reclamava eles respondiam: “Ué Seu Lucas é como se fosse dinheiro” até o dia em que Caloca resolver trazer um bode, chateado o vendedor chama a diretora e expõe a situação. A diretora concorda que galinha e bode realmente não são dinheiros, mas conclui que bala também não é.

A mulher o aconselha que quando não tiver troco, marque e pague no dia seguinte. A atitude dos meninos causa grande impacto sobre todos, pois a história se espalhou e os demais comerciantes mudaram de atitude, não mais devolvendo trocos com mercadorias.

12) ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Ilustrações de Walter Ono. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.20.

Trata de um assunto universal, a falta de solidariedade e a cobiça desenfreada. No tom de contador de causos e em forma de poesia, o narrador inicia a história apresentando dois compadres, amigos e cúmplices: o Zé e o Mané. Um dia ganharam um dinheirinho e compraram um pedaço de terra e começaram a plantação, logo acharam melhor dividir o terreno e delimitar quem era dono do quê

Feita a divisão logo começam os conflitos, pois um não podia avançar a cerca do outro, se a galinha do Zé botava no terreno do Mané, este guardava o ovo argumentando que o terreno era dele, e o Zé reivindicava seus direitos argumentando que a galinha era dele. Se a mangueira do Mané atravessava os galhos para o outro lado o Zé cortava e o compadre reclamava. Desta discórdia nasce a rivalidade entre os dois. Um dia O Zé faz uma grande festa e não convida o vizinho que vai dormir. No final da festa Zé solta um rojão para acordar o outro, e este vai parar justo do telhado do compadre. A casa pega fogo e os dois começam a discutir, as labaredas se estendem e queimam as duas casas. No dia seguinte desanimados os dois decidem limpar os terrenos juntos.



13) ROCHA, Ruth. *O homem e a galinha*. Ilustrações de Walter Ono. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.10.

Recontagem adaptada do conto da tradição oral *A galinha dos ovos de ouro*, o narrador parte do chavão “Era uma vez” e conta que um homem possuía uma galinha, que certa ocasião pôs um ovo de ouro. Feliz com o acontecido este foi contar a novidade para a esposa, afirmando que iriam ficar ricos. A mulher passou a tratar a galinha com pão de ló, o marido discordou e disse que aquilo era um luxo, e que a mulher a tratasse com farelos. Assim ela o fez, e a galinha continuou a botar ovos de ouro. Daí em diante, o marido exigia que a esposa sempre diminuísse a qualidade do alimento oferecido ao animal até chegar ao ponto de não alimentá-la mais. A galinha que procurasse o que comer. Dizia ele.

A galinha não deixou de pôr seus ovos de ouro, no entanto um dia achou o portão aberto e foi embora, e o narrador conclui dizendo que corre o boato de que ela agora está morando numa boa casa, onde é tratada a pão de ló.

14) ROCHA, Ruth. *Declaração universal dos direitos humanos*. Ilustrações de Nelson Mielnik. São Paulo: Quinteto Editorial, 1986, p.42.

Escrita em parceria com Otávio Roth, *A Declaração Universal dos Direitos Humanos*, não possui os pré – requisitos necessários que possam enquadrá-la como uma obra literária. Compõe-se de um pequeno texto introdutório, onde os autores explicam quais foram as circunstâncias que levaram a ONU a elaborar tal documento. O narrador onisciente explica que foi depois de uma guerra, que uma porção de pessoas, com características muito diferentes se uniram em torno de um objetivo comum e escreveram a declaração, e numa linguagem adaptada à criança, vai descrevendo que todas as pessoas nascem iguais e, por isso, possuem o mesmo direito etc.

Sendo uma obra destinada a ensinar, possui uma linguagem bem simples sem a inserção de metáforas e/ou alegorias e, no final, traz uma mensagem dizendo que apesar de fazer muitos anos que essa declaração foi escrita, ainda existem países que não a obedecem e, que, para isto aconteça é necessário que todos aprendam nas escolas o seu conteúdo.

As ilustrações são feitas por Nelson Mielnick, em formas de desenhos abstratos que variam entre o marrom e o branco, sempre fugindo à figuratividade, sugerindo a universalidade dos direitos do homem. A última página consta de um breve comentário sobre os autores.

15) ROCHA, Ruth. *Pra vencer certas pessoas*. Ilustrações de Alcy. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.22.

*Pra vencer certas pessoas*, é uma obra de forte conteúdo crítico que de forma irônica e divertida abrange temas como a vaidade, a esperteza, o abuso da autoridade e do poder.

Conta a história de Pedro, um vaqueiro simples, e sem cultura que trabalha num convento, e gosta especialmente de um clérigo: Frei Damião, porque é inteligente e sempre tem histórias para contar, a fama do Frei chegou até o rei, que o convida para ir até a sua corte, para responder três perguntas. Neste ponto o narrador conversa com o leitor e diz que os reis naquele tempo tinham essa mania de fazer perguntas complicadas, e, que quando as pessoas não sabiam responder eram castigadas. Pedro sabendo disso, se oferece para ir no lugar do frade, que se opõe à idéia, mas o vaqueiro insiste e sai bem cedo, dirigindo-se ao reino, onde é bem recebido. Com astúcia responde as perguntas, sempre saindo pela tangente, ou inflamando o ego do rei, e quando finalmente este lhe pergunta o que estaria pensando, ele responde que o rei está pensando que ele é o Frei Damião, mas na verdade, ele é o vaqueiro dele, todos caem na risada e o monarca não encontra outra saída a não ser liberá-lo para voltar. Em seguida volta ao chegar no convento encontra Frei Damião, preocupado e já se aprontando para ir procurá-lo.

16) ROCHA, Ruth. *Quem tem medo de quê?* Ilustrações de Ivan e Marcello. Rio de Janeiro: Riográfica, 1986.

Este livro questiona os medos internos e latentes que moram dentro do inconsciente do ser humano. Fica claro o tom “utilitário” desta obra, visto que a personagem, cujo nome não é identificado, mas fica claro por meio das ilustrações, que se trata um menino, dialoga com o leitor sobre seus medos infundados, medo de escuro de lobo mau, de bruxa e de fantasmas, sempre realçando que seus medos são imaginários. É notória a preocupação da escritora em salientar que os medos são sempre menores que os seres humanos. “Esses medos estão na cabeça da gente, nos sonhos da gente. Mas nós somos mais fortes do que os nossos sonhos. Nós podemos mandar neles. então, não precisamos ter medo!”(ROCHA, 1986).

Este livro foi escrito em parceria com Dora Lorch, Mestre em Psicologia Clínica e pesquisadora da área relacionada à psicossomática .

17) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *Será que vai doer?* Ilustrações de Walter Ono. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p.12.

Mais um volume da coleção “Os medos que eu tenho”, esta obra também escrita em parceria com Dora Lorch, trata de uma questão específica, que é o medo de ir ao dentista. O ponto de vista apresentado, é o do narrador protagonista, que expõe seus medos e dificuldades em enfrentar uma situação nova, no momento em que a mãe está distante, ou seja, é a primeira experiência de reconhecimento de si mesmo, enquanto ser dotado de autonomia. O narrador expõe e afirma que possui todos os medos possíveis quando tem que enfrentar um dentista, mas por outro lado pondera que a situação não é pior que a própria dor de dente, ou seja, na verdade, este narrador questiona o medo do medo e, conclui, que embora não seja nada confortável para ele essa situação, é necessário saber enfrentá-la, além de salientar que quando mais se cuida dos dentes, menos temos que enfrentar situações como esta.

18) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora *Fantasma existe?* Ilustrações de Walter Ono. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 14.

Livro escrito em parceria com Dora Lorch pertencente a coleção “*Os medos que eu tenho*”, esta obra possui um tom utilitário, pois se destina a um público a faixa etária de 04 a 08 anos, e tem como objetivo principal atenuar os medos que assolam as crianças em fase de formação de sua personalidade. Narrado em primeira pessoa, o enredo do livro é basicamente simples, apresentando uma linguagem direta que se adapte a capacidade de compreensão de seu público alvo.

Este narrador personagem narra seus medos citando coisas como o receio do barulho, de fantasmas, de bruxas, de monstros, de lobo mau, do escuro, etc. Por outro lado situa-se a voz do autor implícito que direciona o discurso no sentido de ajudar a controlar os medos, que são comuns a todas as crianças. Esta obra torna-se útil à medida que, a autora direciona a mensagem no sentido de levar o leitor a questionar seus próprios receios e, desta forma, superar seus conflitos internos.

É porque estes medos estão na cabeça da gente, nos sonhos da gente. Mas nós somos mais fortes que os nossos sonhos. Nós podemos mandar neles. Então podemos mandar neles. Então não precisamos ter medo!(ROCHA, 2000).

19) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *Ninguém gosta de mim*. Ilustrações de Walter Ono. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p.12

Pertencente também a coleção “*Os medos que eu tenho*”, esta obra irá trabalhar a sensação de desamparo, de solidão e carência afetiva .

A personagem reflete sobre seus medos, medo de perder o pai, medo que o pai leve outra criança para a escola, medo de perder a mãe por isso, sente ciúmes do pai. A personagem, que claramente, se apresenta em fase de formação de personalidade, sente medo de perder tudo e se questiona o tempo todo, no sentido de saber se é amada ou não, pois às vezes sente que ninguém gosta dela.

Tem vezes que eu me sinto tão sozinho..acho que ninguém gosta de mim, mas ai a gente se junta e brinca e conversa e quando eles vão embora eu não me sinto mais sozinho, pois eles agora estão no meu coração( ROCHA, 2000)

20) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *Tenho medo mas dou um jeito*. Ilustrações de Walter Ono. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p.14.

Pertencente a coleção “*Os medos que eu tenho*”, esta obra também possui um fundo utilitário. Trata também do medo. Narrado em primeira pessoa, este livro não discute os medos imaginários e abstratos, mas sim os medos reais, os perigos que toda criança corre e a necessidade de saber enfrentá-los. O título da obra já aponta para uma solução. A personagem protagonista passa por situações de perigo tais como ter que atravessar a rua sozinho, medo de se queimar ao mexer no fogão, medo de altura etc, mas por outro lado ao viver suas próprias experiências, conclui que existem perigos e que preciso ter cautela para não se machucar no entanto, não se percebe no discurso da autora a voz implícita que direciona moralmente a história de forma a passar uma “mensagem”. Não há a predominância da voz do adulto como dono do saber a apontar caminhos a serem trilhados, ou ainda impor seu ponto de vista sobre o leitor mirim. Ele por si próprio aprende com suas experiências, agindo como ser inteligente, capaz de superar suas próprias barreiras. Mas afinal, ter medo serve para alguma coisa? Serve sim, porque tem coisas que são perigosas. Mas a gente pode aprender como mandar nos medos (ROCHA,2000).



21) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *As coisas que eu gosto*. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Ática, 2000, p. 12.

Também escrita em parceria com Dora Lorch, esta obra apresenta um personagem que se delicia conhecendo as coisas à sua volta. Encontra-se sua fase de reconhecimento tátil do mundo. Como toda criança nesta fase, a personagem-narrador afirma que gosta de revirar as coisas, de jogar tudo para o alto e para fora, mas gosta mesmo é de mexer na bolsa da mãe. A autora utiliza-se de uma língua fluente, dialogante e coloquial, e usa o verbo “panelar” para se referir aos atos da criança ao mexer nos utensílios domésticos. Fica clara a intenção da obra de se dirigir a um público que está descobrindo as coisas do mundo. A personagem afirma que adora comer papinha, mas que não gosta só do sabor, gosta de pegar, de esfregar, de cheirar e de brincar com ela.

22) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *Sabe do que eu gosto?* Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Ática, 2000, p.12.

Na mesma linha utilitária de *Tem umas coisas que eu gosto*, a obra apresenta-se sem um personagem nomeada, que está em fase de formação de personalidade. Apela para a universalidade trabalhando com símbolos. Escrita em parceria com Dora Lorch, a obra denota a preocupação mais uma vez entre meninos e meninas, trabalhando desta vez o complexo de Electra. A personagem afirma, num tom coloquial e dialogante, que prefere brincar com meninas, pois os meninos são “muito chatos”, identifica-se com a mãe, mas “namora o papai”. Também se sente um heroína, possui curiosidades sobre a gravidez da mãe e pergunta: “O que será que tem dentro”, quando percebe o tamanho de sua barriga, também afirma que meninos e meninas são diferentes até na hora de brincar, mas conclui dizendo que “até tem meninos que são bonzinhos”(ROCHA, 2000).

23) ROCHA, Ruth, LORCH, Dora. *Tem umas coisas que eu gosto*. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Ática, 2000, p.14.

Esta obra escrita por Ruth Rocha em parceria Dora Lorch, trabalha as diferenças entre os sexos. Um menino reflete sobre as suas preferências, seus gostos pessoais. Afirma gostar de brincar com meninos, se identifica com seu pai e “namora” a mamãe, deixando claro a preocupação de Dora com Lorch o trabalho sobre “Complexo de Édipo”. A personagem se sente dotada de poderes mágicos, e se identifica com o super homem ao proteger a mãe, é curioso e comenta que meninos e meninas são diferentes até na hora de brincar, “mas até que tem meninas” que são legais (ROCHA, 2000).

24) ROCHA, Ruth. *O menino que aprendeu a ver*.

O menino que aprendeu a ver apresenta um enredo simples, onde um menino chamado Joãozinho olha o mundo e não “vê”. Curiosa, a personagem olha para as placas e letreiros e reconhece os desenhos, mas ainda não sabe decodificar as letras e os números. Ao reclamar para mãe que não consegue entender direito as coisas, esta afirma que está na hora de Joãozinho ir para a escola. Assim que começam as aulas, o menino muda a sua percepção e começa a reconhecer as letras que aprende em todos os lugares, até que aprende a ler. Ao comentar com o pai o acontecido, o pai feliz afirma que o filho tinha aprendido a ver.

Nesta obra podemos perceber traços e preocupações da educadora Ruth Rocha. O livro apresenta uma visão estereotipada da professora, ao descrevê-la sempre de óculos e também uma visão puramente tradicional da escola, baseada apenas no conhecimento do alfabeto como forma de conhecimento do mundo.

25) ROCHA, Ruth. *Alvinho, o edifício city of Taubaté e o cachorro Wenceslau*. Ilustrações de Ivan Zigg. 3. Ed. São Paulo: FTD, 1994, p.18.

Este livro foi publicado pela Editora Melhoramentos em 1987. Possui ilustrações de Ivan Zigg, narra a história de um menino, personagem central, chamado Alvinho, que mora em um edifício onde é proibido ter animais. Alvinho sonha em ter um cachorro, mas esbarra nas normas do prédio. Dona Violeta, a síndica do prédio, proíbe expressamente a permanência de animais no edifício e isso deixa a personagem frustrada. Como elemento de subvenção da ordem surge no condomínio o neto de dona Violeta, que como todas as crianças também adorava animais.

A partir da chegada de Marcos instaura-se o conflito, pois Dona Violeta sente afeição pelo neto, e este traz para o apartamento um cachorro peludo chamado Wenceslau, que acaba sendo descoberto pelos demais moradores. A partir do incidente todos passam a ter animais e o edifício City of Taubaté passa a se chamar Arca de Noé.

Em suma, o enredo do livro é simples e tem uma preocupação óbvia que é a de dar o “recado”. Ao analisar esta obra percebemos o estilo dialogante e informal de Ruth Rocha. Ela se dirige ao leitor mirim, e com ele dialoga, respeitando a sua capacidade de compreensão dos dados em torno de sua realidade. No entanto percebemos uma Ruth Rocha com menores preocupações estilísticas, do que as encontradas em outras obras de maior relevo e apuro estético. A narrativa flui no ritmo do diálogo, sem rimas, ou uso de demais figuras de estilo, o que se observa é uma clara tendência à produção industrial. Constitui uma obra de fácil digestão, sem mensagens implícitas, que exijam um maior esforço em sua decodificação. Fica claro que a obra não possui um tom didático e moralizante, no entanto constitui-se uma obra utilitária, pois presta-se a ensinar como uma criança inteligente deve portar-se frente aos desafios encontrados pela vida a fora.

Percebemos a assimetria Escritor Adulto e Leitor Criança, pois a voz que enuncia os fatos é uma voz de adulto, um narrador onisciente que apresenta os fatos e o desfecho da narrativa.

26) ROCHA, Ruth. *Macacote e Porco Pança*. Ilustrações de Margarita Menéndez. São Paulo:Ática,1999, p. 32.

Ruth estabelece uma paráfrase com a obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*, e cria duas personagens: Macacote, um macaco atrapalhado e lunático, e seu fiel companheiro, um porco gordo, chamado Pança. Macacote vive a se meter em trapalhadas e de tanto apanhar resolve fazer para si uma armadura com restos de panelas velhas que encontra. Como não sabe usa-lo, o acessório acaba caindo e despertando risos de toda a bicharada e mais uma vez é protegido pelo amigo. Resolve sair pela floresta com o objetivo de proteger os animais e sua amada Macaquéia. Propõe-se a lutar contra seu mais terrível inimigo: o elefante, no entanto acaba atacando uma roda d'água. Pança propõe que Macacote volte para casa e trabalhe. O macaco resolve mudar de vida e retoma a sanidade casando-se com Macaquéia. Macacote e Pança têm filhos, que por sua vez, tornam-se amigos. Zé Mico e Pancinha brinca juntos e tudo leva a crer que ambos também irão se meter nas maiores confusões.

27) ROCHA, Ruth. *A fantástica máquina dos bichos*. Ilustrações de Margarita Menéndez. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1999, p.32.

Ruth Rocha retoma a história de Macacote e Porco Pança. Os dois casaram e tiveram filhos, que se tornaram amigos. Um dia seus filhos resolvem construir uma máquina que não sabem ao certo para que serve. Juntaram as mais diversas “bugigangas” e quando a máquina estava pronta, os animais da vizinhança se aproximaram movidos pela curiosidade, e ligaram a máquina. A máquina, como se fosse um aspirador de pó, começou a sugar todos para dentro de si. Entravam por um lado e saíam pelo outro modificados, tendo suas características físicas modificadas, por exemplo de dentro do invento saiu o cabrelho, uma cabra com as orelhas de coelho. Zé Mico e Pancinha ficaram preocupados, mas começaram a rir do acontecimento. Os bichos ficaram agitadíssimos e os dois fogem com medo, enquanto são perseguidos pelos animais enfurecidos. De tanto correr passam de novo pela máquina e voltam a sua forma original. Zé Mico e Pancinha desta vez também sofrem transformações, no entanto logo tratam de passar novamente pela máquina. O invento começa a zunir a estalar e, de repente, estoura jogando ambos para o alto, que por sua vez, prometem nunca mais se meter em outra.

28)ROCHA, Ruth. *Um macaco pra frente*. Ilustrações de Xan López Domínguez.2. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 40.

O enredo traz a história de um macaco que possui a habilidade de falar como os seres humanos. Vive na floresta e é encontrado pelo professor Serapião, que decide trazê-lo para a cidade. Simão decide ser igual aos humanos e parte em procura de um emprego, mas se perde fazendo “macaquices” e estripulias. Serapião conclui que Simão tem vocação para ser macaco de circo. Quando o circo vai embora, o professor vai se despedir de Simão, que conclui que não é um humano, mas é pelo menos “um macaco pra frente”. O professor encerra a narrativa afirmando que não basta saber falar para ser um humano de verdade.

A obra possui um tom questionador, e ao apresentar a personagem Simão revela a natureza do ser humano, enquanto ser irracional que se limita a falar, sem questionar o seu próprio discurso, transformando-se em objeto manipulado pela vontade alheia, não configurando um cidadão, mas apenas um animal melhorado.



29) ROCHA, Ruth. *Eugênio, o gênio*. Ilustrações de Mariana Massarani. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1996, p. 32.

A obra em questão traz uma personagem central, Eugênio, o gênio, um burro inteligente, genial, mas que, por vez empaca, como é da natureza de todo burro. Um dia surge um concurso de talentos na floresta e Eugênio é incentivado a participar. A pergunta chave é: Que cor era o cavalo branco de Napoleão, os animais concorrentes seguem sua intuição e respondem de acordo com seus limites, sua visão restrita de mundo. Eugênio, que era um burro genioso, acaba respondendo a pergunta e ganha o concurso. Esta obra trabalha valores como a dependência afetiva dos filhos em relação aos pais. Eugênio é extremamente mimado, mas se vê numa situação, onde tem que resolver seus problemas sozinho e vence esta barreira, transformando-se de um burro de mau gênio e empacado, em um burro genial sendo conhecido como “Eugênio, o bom gênio”.

30) ROCHA, Ruth. *A cinderela das bonecas*. Ilustrações de Ivan Zigg. 3.ed. São Paulo: FTD, 1994. p 22.

Esta obra contém uma dedicatória da autora a todas as crianças com quem brincou na infância. Possui um tom saudosista e um tanto melancólico, contendo uma breve autobiografia de Ivan Zigg, ilustrador da produção.

O enredo lembra as reminiscências contidas nas obras de Lobato, apresentando uma personagem idosa, chamada Dona Neném, que lembra Dona Benta, pois concentra em torno de si muitas crianças, que são seduzidas pelo seu poder contar histórias.

O enredo é linear e narrado em terceira pessoa, traz a tona temas como o consumismo e a valorização da aparência em detrimento da essência. Dona Neném é uma exímia contadora de histórias, meio atrapalhada, que mistura sempre o enredo dos contos de fadas. Um dia resolve promover uma festa para as meninas, onde todas devem levar suas bonecas. Marina fica triste, pois sua boneca está velha e a mãe não pode comprar uma nova e, então, a velha Senhora, num tom de ensinamento pergunta a menina: “\_ E nossos filhos quando ficam feios ou doentes, nos também jogamos fora?”. E arrumam a boneca com maravilhas que estão escondidas num velho baú de Dona Neném, que atua como uma fada. Finalmente a boneca é elogiada por todas as meninas e recebe o nome de Cinderela.

31) ROCHA, Ruth. *Borba, o gato*. Ilustrações de Mariana Massarani. 3.ed. São Paulo: Ática,1999, p.32.

A narrativa traz a história de duas personagens, o gato Borba e o cachorro Diogo. De alto tom utilitário, a obra se presta a questionar os lugares ocupados pelos indivíduos na sociedade, que, por sua vez, são apresentados como imposições ideológicas a serem respeitadas pelas pessoas. O enredo traz uma personagem, Borba, o gato, que encontra-se em desacordo com a ideologia dominante e sonha exercer a profissão do amigo, Diogo, que é cão policial. A mãe tenta dissuadi-lo da idéia, pois segundo ela a natureza dos gatos é outra. Inconformado com a situação Borba discorda da mãe e continua a sonhar com a profissão de policial. Um dia numa ronda noturna os amigos encontram um ladrão que tenta fugir por um telhado. Diogo por ser cão não tem aptidão para subir em telhados e Borba se dispõe a fazê-lo. Assusta o ladrão que cai e recebe voz de prisão pelo cachorro. No final da história Borba é condecorado policial pela sua bravura, realizando assim seu grande sonho.

Esta obra questiona valores impostos pela sociedade e estimula os pequenos leitores a buscarem sua verdadeira identidade, por meio do livre questionamento das idéias.

32) ROCHA, Ruth. *A arca de Noé*. Ilustrações de Cláudio Martins. 9.ed. São Paulo:Ática,2000, p. 24.

Recontagem do mito bíblico da Arca de Noé. Ruth Rocha conta em forma de poesia a história bíblica, utilizando-se de recursos poéticos para construir a musicalidade, prender a atenção do leitor. A autora faz algumas inferências, num tom fluente de contador de casos, sempre retomando os dados bíblicos.

33) ROCHA, Ruth. *O amigo do rei*. Ilustrações de Eva Furnari. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 32.

Esta obra, de Ruth Rocha, versa sobre duas personagens Matias, que era escravo, e seu dono Ioiô, as duas crianças, da mesma faixa etária, se dão muito bem, pois nasceram na mesma época e brincavam juntas. Matias diz a Ioiô que um dia vai ser rei, pois seu avô tinha sido rei há muito tempo atrás numa terra distante, onde os negros eram livres. Matias, na qualidade de escravo, sempre se submetia às ordens do amigo, no entanto, um dia o pai de Ioiô se zanga e dá uma surra nos dois. Estes resolvem fugir e enfrentam todos os perigos de uma floresta adentro. A personagem Matias é corajosa e estimula o amigo a seguir adiante, até que um dia chegam a um quilombo e Matias é reconhecido como rei. Os dois convivem no lugar e Iodo se torna “o amigo do rei”, até que sente saudades de casa e resolve voltar, os dois se despedem com tristeza. Matias volta para casa e se torna um homem a lutar pela liberdade do seu povo. A autora encerra o livro afirmando que muitos homens lutaram pela abolição da escravatura, entre eles negros, mulatos e brancos, entre eles Ioiô, o amigo do rei.

34) ROCHA, Ruth. *O trenzinho do Nicolau*. Ilustrações de Eliardo França. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1993, p.24.

Esta obra de Ruth Rocha, trabalha com conceitos, símbolos universais e situações problemas sobre as quais a criança possa refletir, discute o tema da senilidade, da sensação de inutilidade do idoso perante a vida. A obra é narrada em forma de poesia, com forte carga sinestésica e aliterativa que faz lembrar *O trem* de Carlos Drummond de Andrade.

A história de Nicolau, um homem que, manobra um trenzinho, e vê toda gente passar ,toda agitação do mundo, e um dia cansado resolve se aposentar, passa a cultivar flores, levar uma vida típica de trabalhador aposentado, mas sente com o passar do tempo a angústia crescer e resolve comprar o seu trenzinho, que já esta todo enferrujado, e com ele se interage abandonando o sentimento de solidão. A velha máquina passa a ser instrumento de brincadeira para as crianças que lhe fazem companhia.

35) ROCHA, Ruth. *O coelhinho que não era da páscoa*. Ilustrações de Walter Ono. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 30.

A obra, *O coelhinho que não era da páscoa*, relata a história de Vivinho, um coelhinho filho de “família” tradicional de coelhos da páscoa, no entanto Vivinho não deseja ter essa profissão, enquanto os irmãos treinam para seguir a tradição dos ancestrais, Vivinho se diverte fazendo amizades com outras espécies de animais. Na véspera da Páscoa, os pais de Vivinho saem à procura de ovos de páscoa para comprarem e distribuírem às crianças. Voltam decepcionados, pois todo o estoque já havia sido vendido. Vivinho, por sua vez, havia aprendido com a borboleta Julieta, a arte de fazer o mel, e com a borboleta Melinda, a fazer todos os tipos de doces. Todos se reúnem e conseguem preparar os ovos a tempo. Ruth Rocha de forma lúdica brinca com o significado das palavras, tecendo um discurso poético, permeado de sinestésias, rimas e, mais uma vez, apelando para a intenção claramente contra-ideológica do texto, ao sugerir que cada ser humano tem direito de escolher sua profissão e seu caminho, sem a interferência de outras pessoas.

36) ROCHA, Ruth *Lá vem o ano novo*. Ilustrações de Nicoletta Costa. 2.ed. São Paulo,1997, p.40.

A obra é uma alegoria do surgimento do Ano Novo. As horas, os segundos, os minutos todos os elementos que representam o tempo, são personificados. A obra apela para um conteúdo moral. Apresenta a mensagem explícita de que todos os seres humanos, no calor dos festejos, e das emoções prometem melhorar no próximo ano, mas continuam a cometer os mesmos erros. A Senhora meia noite revoltada com essa realidade resolve fazer greve e não comparecer, o tempo a convence que o ano Velho está cansado demais e, que, talvez o Ano Novo, que é jovem, possa trazer uma nova realidade, em face disso ela resolve trabalhar e assim nasce mais um ano para a alegria de todos.



37) ROCHA, Ruth. *Mil pássaros pelos céus*. Ilustrações de Cláudio Martins. São Paulo:Ática,1996. p.30.

Texto narrativo em tom poético, conta a história da cidade de Arvoredo, que vivia cheia de pássaros a voar pelos céus. Um dia estes alçam vôo e desaparecem. Os moradores ficam preocupados e resolvem consultar o sábio da cidade que se chama Andrade, este se empenha em sua pesquisa e descobre que as aves foram embora, porque não existe música na cidade. Os moradores logo começam a tocar variados instrumentos e eles voltam enchendo novamente a cidade de alegria e beleza.

38) ROCHA, Ruth. *Joãozinho e o pé de feijão*. Ilustrações de Suppa. São Paulo: FTD, 2004, p29.

Joãozinho e sua mãe eram muito pobres e não tinham mais o que comer. Então, o garoto saiu para vender o único bozinho que tinham. Ludibriado, trocou-o por três grãos de feijão, que a mãe, zangada, atirou pela janela. Ali brotou um pé de feijão enorme. O garoto escalou a planta até o alto e encontrou o reino do malvado Gigantão Grandão. Entrou no castelo dele e fugiu com uma galinha que botava ovos de ouro. Chegando em casa, cortou o pé de feijão. O gigante despencou lá de cima e morreu. Joãozinho e a mãe nunca mais passaram fome.

39) ROCHA, Ruth. *O patinho feio*. São Paulo: FTD, 2004, p.32.

Dona Pata teve lindos patinhos, mas um deles era bem esquisito e passou a sofrer humilhações por sua feiúra. Até que um dia, cansado daquela situação, o patinho fugiu para bem longe. Passou por muitos apuros: tiroteio de caçadores, ataque de animais, brincadeiras de crianças malvadas. No verão, encontrou belos cisnes num lago e aí descobriu sua verdadeira origem.

40) ROCHA, Ruth. *O barba azul*. São Paulo: FTD, 2004, p. 32

Este livro pertence a coleção *Lê pra mim*, publicada pela FTD, que consta de 12 títulos entre fábulas e contos de fadas, recontados por Ruth Rocha e Ana Maria Machado. O Barba Azul, clássico da tradição oral, adaptado por Charles Perrault, faz parte da coleção. Ruth Rocha narra de forma musical a obra, com todo o encanto das rimas, num tom coloquial e sempre dialogando com o leitor-ouvinte, num típico livro escrito, para ser lido em voz alta.

O Barba Azul narra a história de uma jovem e ingênua donzela, que se encanta por homem misterioso, embora saiba que sua fama não é das melhores, pois corre o boato de que este some com as esposas. Mesmo contra todas as circunstâncias a moça, apaixonada, opta pelo casamento. Logo depois das bodas o marido a deixa sozinha e a entrega um molho de chaves dizendo que poderia abrir todos os cômodos, menos um do qual ela deveria manter distância.

Movida pela curiosidade a moça não se contém e abre a porta descobrindo que o esposo mata todas as suas esposas e as guarda naquele local. Chegando de viagem o marido descobre que foi traído pela esposa e tenta matá-la também. A moça reluta com todas as suas forças, e quase sucumbi quando, finalmente, é salva pelos irmãos que chegam para resgatá-la.

Como todo conto de fada fica evidente a preocupação moralizante da história, pois ao ler o clássico percebemos conselhos indiretos do tipo. A curiosidade pode ser benéfica, mas também pode ser perigosa.

41) ROCHA, Ruth. *Joãozinho e Maria*. São Paulo: FTD, 2004, p.32.

Joãozinho e Maria, deixados pelos pais, que não tinham dinheiro para criá-los, na floresta, encontraram uma casa feita de doces. Famintos, começaram a devorá-la. Não sabiam que ali morava uma velha bruxa que, comia criancinhas, e gostava principalmente das gordinhas. A bruxa prendeu Joãozinho numa gaiola e lhe dava muita comida para que ele engordasse. Quando chegou o dia, acendeu o forno, mas Maria conseguiu prendê-la lá dentro. Soltou o irmão e os dois acharam na casa muitas moedas de ouro. Voltaram para a casa dos pais e nunca mais passaram dificuldades.

42) ROCHA, Ruth. WOOLF, Virginia. Tradução de Ruth Rocha. *A cortina da Tia Bá*. Ilustrações de Julie Vivas. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.

O livro *A Cortina de Tia Ba* é pertencente a escritora Virginia Woolf, e traduzido por Ruth Rocha. O enredo conta a história de Tia Bá, uma velha senhora, que bordava em tecido animais de toda espécie, os quais viviam “aprisionados” dentro do tecido. Ocorre que esta senhora adormeceu e estava roncando sentada defronte à lareira, com o dedo esticado, com o dedal na ponta e no seu colo uma grande peça de bordado azul de tecido com várias figuras.

Enquanto a velha senhora ronca os animais bordados se movimentam por toda parte ganhando vida própria. O desenho do tecido representa uma paisagem com bandos de animais selvagens, sendo que um pouco abaixo há um lago e uma ponte, e também uma aldeia com telhados redondos e homens e mulheres que espiam pelas janelas e que passam a cavalo por sobre a ponte. O azul do tecido se transforma em ar e pode-se ver as pessoas movendo-se na ponte e acenando das janelas. Os bichos começam a se mover. À medida que os bichos descem ao campo para beber, o azul ia transforma-se grama, rosas e margaridas, em pedras brancas e pretas, com poças de trilhos de carroça e sapinhos que pulam.

E na aldeia, que se chamava Milpassinhópolis, chega a rainha do Carnaval na sua liteira, o general da banda, o primeiro ministro o carrasco e as pessoas importantes da cidade. Ninguém se importa com a presença dos bichos, pois consideram que uma grande feiticeira do lugar mantinha todos em seu poder. Os homens e mulheres contemplam Tia Bá, e sua face parecia a encosta de uma montanha, e nas falhas destas estavam os seus olhos, seu cabelo, seu nariz e seus dentes. De repente a velha senhora acorda com o som de um besouro que zumbia em seus ouvidos. Ela endireita e espeta a agulha e volta seu tecido. E a cortina volta a ficar quietinha nos seus joelhos.

43) ROCHA, Ruth. *Quando eu comecei a crescer*. Ilustrações de Walter Ono.9.ed.São Paulo:Ática, 2000, p.30.

Ao ler a obra *Quando eu comecei a crescer*, percebemos um forte apelo autobiográfico, sentimos claramente a Ruth Rocha criança, que há por detrás da escrita, sem contudo tornar a obra um instrumento de ensinamento apenas. Narrada em primeira pessoa por uma personagem que não se identifica, mas que é uma menina, o enredo se constitui da contagem de um fato que desencadeou na personagem a sensação de que ela estava “crescendo”.

A personagem fala de um passado em que tudo era diferente, pois acreditava em coelhinho da páscoa, papai Noel, cegonha etc, mas queria muito brincar com crianças maiores, que andavam de bicicleta e a excluía do grupo. A menina conclui que se tivesse também uma bicicleta seria gente grande igual às outras crianças. Numa noite de Natal, tipicamente burguesa, a menina vê suas crenças desmoronando, pois descobre que são seus pais mesmos é que dão os presentes. Sente uma grande sensação de perda, mas supera a crise, pois é chegado outro momento de sua vida. No dia seguinte, feliz, sai às ruas andar de bicicleta com os outros.

44) ROCHA, Ruth. *A rua do Marcelo*. Ilustrações de Adalberto Cornavaca. São Paulo: Moderna, 2001, p.22.

Esta produção de Ruth Rocha, apresenta um forte cunho didático, inclusive com sugestões de exercícios para serem feitos em sala de aula. Pode-se sentir paralelamente a escritora e a educadora agirem juntas.

Narrado em primeira pessoa, por Marcelo, o enredo destina-se a descrever o ambiente em que Marcelo reside, mais propriamente a sua rua, com suas as mais diversas peculiaridades. O narrador se refere há vários personagens que integram as coleções de Ruth. A descrição do local é sempre feita salientando as diferenças entre uma casa e outra, por exemplo: a calçada da casa da Terezinha é de pedrinhas brancas e pretas, a da frente do apartamento do Alvinho é feita de uns quadrados cheios de quadrinhos etc.

Além das descrições de moradias, a personagem descreve também os quintais e a iluminação pública e, num tom de diálogo com o leitor, explica que soltar pipas perto da iluminação elétrica pode ser perigoso, ou seja, Ruth Rocha conserva o utilitarismo na obra, esta se destina a passar ensinamentos, embora, use um tom coloquial percebe-se claramente a voz implícita do adulto sobre a criança.

No final da obra a autora sugere alguns exercícios para os “leitores-alunos”, e os convidam para brincar. São quatro jogos denominados: Jogo do apito, O que eu vejo na minha janela, A quadra do Marcelo, Enquete da rua.



45) ROCHA, Ruth. *Atrás da porta*. São Paulo: Moderna, 2002, p.96.

Narra a história de Carlinhos, que mora num casarão dividido em duas partes, sendo que em uma delas funciona a Escola Dona Carlotinha de Araújo Cintra, nome da avó do menino, que tinha o hábito de lhe contar as mais incríveis histórias. Com a morte da avó Carlinhos sente muitas saudades e passa muito tempo brincando sozinho no seu quarto, até que um dia descobre uma passagem secreta, que dá para um quarto escuro, e lá dentro a personagem encontra um verdadeiro tesouro, lá estão todos os pertences de sua avó. Em pouco tempo várias crianças estão freqüentando o tal quartinho secreto para desfrutar dos livros, o que desencadeia o boato de que a casa seja mal assombrada. Os pais de Carlinhos vão sondar e revelam que ali na verdade era a biblioteca da escola e que é bom que todos leiam.

A biblioteca é novamente inaugurada com grande festa. O ambiente vive cheio e quando Carlinhos sente saudade da avó, vai ler os seus livros.

Com o ocorrido Antonio, o pai de Carlinhos, descobre que os livros que o menino tanto gostava tinham sido feitos à mão por Dona Carlota e os envia para a Editora Salamandra, que o publica com Ilustrações de Walter Ono, Carlos de Brito, Ivan Zigg etc. Na ocasião também são lançados livros de Ana Maria Machado, Sylvia Orthoff, João C. Marinho, Anna Flora e Edy Lima e o narrador, que não se identifica, também se faz presente e ganha o prêmio “Jacaré”.

46) ROCHA, Ruth. *A coisa*. Ilustrações de Walter Ono. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993, p.32.

Pertencente a Coleção As aventuras de Alvinho, *A coisa* apresenta um enredo simples. Alvinho está na casa de seus avós, uma casa grande, antiga, de dois andares, com um velho portão. Um dia o menino resolve descer para procurar uns patins, pegou uma lanterna e foi, mas voltou aos berros, dizendo que havia lá embaixo uma coisa horrível, de cabelo vermelho e com uma luz hedionda saindo da barriga, com uns tufos espetados na cabeça. O seu tio Gumercindo resolve resolver o impasse, mas logo volta horrorizado com o que havia visto.

Para desvendar o enigma, Dona Julinha, a avó de Alvinho, desce ao porão para ver o que estava acontecendo e descobre que se trata de um espelho que ela havia coberto por causa da chuva, uma vez que tinha medo de raios, o pano que o cobria caiu e cada um que descia no escuro via uma coisa diferente no espelho. O narrador termina a história perguntando: Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

## ANEXO 2: REPRODUÇÃO DE ENTREVISTAS, ARTIGOS E DEPOIMENTOS SOBRE A AUTORA.

**JORNAL DO BRASIL 25/04/76.**

Por Ana Maria Machado

### **Dicionário Para Crianças Em Estado de Poesia**

*PALAVRAS, MUITAS PALAVRAS* (Dicionário Infantil), Ruth Rocha, Ed. Abril (Coleção Beija-Flor), ilustrações de Adalberto Cornavaca, São Paulo, 1976, 26 páginas.

A idéia de um dicionário infantil não é nova. No exterior, há vários exemplos desse tipo de publicação, desde os clássicos *Golden Books* e as variantes do *Larousse* até um recente (e muito bem feito) *Charlie Brown Dictionary*, do próprio Schulz em colaboração com a Universidade de Indiana. No Brasil, até agora, salvo engano, o que se tinha era apenas um arremedo de fora, meras listas de poucas palavras para acompanhar ilustrações relativas a cada letra, sem nada a ver diretamente com nossa cultura e o dia-a-dia da criança brasileira. Assim, o Z era sempre mostrado pela Zebra, o X era um eterno Xilofone alternando com Xadrez. Só o fato de agora encontrarmos nesse caso uma quadrinha falando em xavante, xerem e xará (e esclarecendo os respectivos significados) já demonstra que estamos diante de algo bem diferente. De uma obra que é pura poesia – e para nossas crianças.

Trata-se de *Palavras, muitas palavras*, de Ruth Rocha, para a Coleção Beija-Flor da Abril.

Do início (“A é a letra de Avião/ De Amarelo/ E de Atenção/ De Automóvel/ E Assombração...” ao fim, (em que a letra Z “Vem Zanzando, vem Zoando,/ Como um Zangado Zangão/ Vem Zangando, vem Zunindo, / Vem Zoando, vem Zumbindo...”)) o livro sugere as crianças uma mágica e encantatória brincadeira com as palavras, sublinhando justamente esse ludismo verbal, que tem estado tão marcadamente ausente de nossa literatura infantil, e que é uma inegável característica do convívio entre as crianças e a linguagem. Basta compararmos o casticismo consciente de Monteiro Lobato com a borbulhante criatividade linguística de Lewis Carroll ou A. A. Milne para termos uma dimensão do fenômeno.

Pois Ruth Rocha, se dispõe a pegar as palavras, jogá-las para cima, virá-las pelo avesso, olhá-las sem óculos de professor, mas com olhar de criança e de povo. Então,

ressurgem lembranças folclóricas (na letra P “Pedro Pereira Pinto; Pobre Pintor Português, Pintava Portas, Paredes, Pontes, Painéis com seus Pincéis”, na letra R, “O Rato Roeu a Roda do Carro do Rei da Rússia Povo). E alguns”, na letra T, “O Tempo perguntou ao Tempo/ Quanto Tempo o Tempo Tem,/ O Tempo respondeu ao Tempo/ Que o Tempo Tem Tanto Tempo/ Quanto Tempo/ O Tempo/ Tem”. Aparecem deliciosos toques de humor a partir das próprias estruturas de paralelismo da poética popular (como nas letras M e S) ou pela exploração de sonoridades engraçadas (caso da letra I). A confiança na inteligência infantil inclui conceitos mais abstratos, mas de importância inquestionável (verbetes H e O, por exemplo, que introduzem História, Homem e instantes são da mais pura poesia, tendo até despertado em uma criança o comentário deslumbrado: “É bonito que nem flic!” como a letra V (“Vento Venta no quintal, / Seca as roupas do Varal”) e, sobretudo, o L (“Lá.../No Longe, / A Luz/ Da Lua/ Alumia...”). As rimas se mexem, as alterações se sucedem, a bitola da letra inicial se rompe (muito expressivo o exemplo da letra E, que inclui palavras começadas com E, que têm E no meio e que acabam em E), o ritmo se mantém.

Enfim, um livro pequeno, desprezioso, mas de inquestionável importância. Uma obra de arte para todas as idades valorizada pela diagramação e pelas ilustrações de Adalberto Cornavaca e prejudicada apenas por alguns imperdoáveis desleixos de revisão, inconcebíveis em um livro desse tipo tão pequenino, de uma editora tão grande, e destinado a ajudar as crianças na descoberta das palavras, acionando um processo para toda a vida.

AMM é jornalista.

**O GLOBO 24/10/76**

*MARCELO, MARMELO, MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS.* Ruth Rocha. II. Adalberto Cornavaca. São Paulo: Abril Cultural. 62p.

Três histórias compõem este *Marcelo, marmelo, martelo* com que a Abril amplia, na coleção Livros de Recreio, os títulos de autores brasileiros. Por sinal o nome da coleção é bem adequado; São contos divertidos que agradarão plenamente a crianças recém-alfabetizadas, especialmente porque retratam situações muito próprias do seu mundo.

Assim Marcelo, o herói da primeira história, não se conforma com o nome das coisas. Ele acaba de descobrir que eles são símbolos, são invenções do homem e que cada coisa poderia se chamar de outra forma. Leva essa teoria ao extremo e cria seu próprio código: os outros que o decifrem. Então ele passa a chamar a colher de mexedor; leite, suco de vaca, carroça, carregadeira; cavalo, puxador. Os pais a princípio se preocupam, mas não procuram compreender o que ele diz. Depois mudam de atitude e as relações da família melhoram bastante.

Nesta sátira, Ruth Rocha procura situar o problema da linguagem da juventude e expõe muito bem qual deveria ser a atitude dos pais: evitar falar como eles, mas procurar entender o que eles dizem.

Terezinha e Gabriela, a segunda história, mostra como duas meninas, de temperamentos completamente diversos, são levadas a mudar de gosto e de jeito para agradar a um grupo de amigos.

Uma é vaidosa e cheia de não-me-toques; a outra brinca na rua como um menino. De tanto ouvirem exaltar as virtudes uma da outra, vão mudando, imitando os estilos opostos. Finalmente, ao se encontrarem, vêm uma caricatura de si mesmas e sentem o ridículo da situação. Tornam-se amigas e cada uma lucra muito com o convívio, preservando, entretanto, as respectivas personalidades.

*O dono da bola* é o Carlos Alberto. Menino rico e cheio de vontade, possui uma bola de futebol de couro, cobiçada pelo time da rua, que só treina com bola de meia. Quando joga no time, Carlos Alberto empresta a bola, mas a qualquer aborrecimento coloca-a debaixo do braço e dá o fora.

Cansados de agüentar o dengoso, a turma dá-lhe um gelo. A lição funciona e o menino aprende que a camaradagem é mais importante que os ataques de voluntarismo. Agora, ele está integrado e os amigos até o chamam de Caloca.

Ruth Rocha escreve pela primeira vez textos mais longos, em que a história se desenvolve em todas as suas possibilidades; os personagens são variados e os temas bem definidos. E mantém as mesmas qualidades de estilo encontradas em trabalhos anteriores: simplicidade, clareza, inventiva e bom humor.

Numa linguagem coloquial muito bem empregada, dá o seu recado, acrescentando sempre uma mensagem enriquecedora.

As ilustrações de Adalberto Cornavaca são perfeitamente adequadas: vivas, movimentadas e alegres. Chamam atenção especialmente as páginas de guarda, em laranja vivo, apresentando e despedindo os principais personagens. A página de rosto também é muito bem diagramada.

A impressão é boa, os tipos grandes e o uso da cor laranja, apenas, em nada diminui o tom alegre do livro.

**A CRIANÇA****RUTH ROCHA*****Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias***

Um grande sucesso de Ruth Rocha, a autora que escreve com graça e clareza para a criança de hoje.

Marcelo, o menino curioso que cisma com o próprio nome: *Teresinha e Gabriela*, duas meninas, uma levada e outra boazinha: o garoto que é ‘dono da bola’ e quer mandar no timinho de futebol: eis os deliciosos personagens das três histórias deste livro. Um conteúdo sem deslizes e uma bonita apresentação gráfica, com ilustrações em cores de Adalberto Cornavaca.

*64 págs. 18,8 X 25,4 cm.*

Edição ilustrada em cores

**O GLOBO 03/04/77**

*NO CAMINHO DO ALVINHO TINHA UMA PEDRA* – Ruth Rocha. II Ennio L. Possebon. São Paulo: Editora Abril. 32p.

No caminho do Alvinho tinha uma pedra, da Coleção Conte um Conto, fala de um menino que cultivava a mania muito comum de carregar para casa tudo o que encontrava na rua, para desespero de sua mãe. Um dia traz uma linda pedra redonda, a qual guarda debaixo da cama. Passados alguns dias, da “pedra” nasce um avestruz, que fica morando no quarto do menino para mamãe não ver.

Dona Branca se espanta da quantidade de comida que Alvinho está ingerindo e resolve examinar o quarto. Evidentemente manda o avestruz para o Jardim Zoológico, onde Alvinho vai agora todos os domingos visitar seu novo amigo.

O texto bem maior que no livro precedente, mantém as mesmas características de clareza e simplicidade, a elas se acrescentando a utilização ocasional da rima.

As ilustrações caricaturais e bem coloridas acompanham de perto as intenções do texto. Agradará certamente às crianças acima de seis anos.

Distribuídos em bancas de jornal, estes livros são agora também encontrados em livrarias.



**NICOLAU TINHA UMA IDÉIA. Ruth Rocha II. Walter Ono. Editora Abril 26p.**

**O GLOBO 03/04/1977**

Mais um dos títulos de Ruth Rocha vêm demonstrar a coerência do trabalho que essa autora desenvolve no campo da literatura dirigida às crianças bem pequenas.

*Nicolau tinha uma idéia*, da coleção Beija Flor, fala de um lugar onde cada pessoa só tinha uma idéia na cabeça. Nicolau chega e vai contando aos demais a sua idéia e assim as pessoas vão ficando com várias idéias na cabeça, as próprias e as dos outros. As idéias vão se misturando e dessa mistura nascem outras diferentes. Assim, naquele lugar, tornou-se um divertimento alegre trocar as idéias que cada um tinha na cabeça.

O texto, quase legenda, é absolutamente despojado. Claro e direto, transmite exatamente a idéia da autora, que é realmente muito criativa.

Ótimas ilustrações, cheias de elementos bem brasileiros, enriquecem esse livrinho que deve ser lido para as crianças pré-alfabetizadas e será facilmente decifrado por aquelas que se iniciam no processo de aprendizado

**O Globo de 06/11/77**

**Linguagem perfeita, num ritmo ágil (por Laura Constância Sandroni)**

Certamente a melhor e a mais atuante escritora na faixa de histórias para crianças bem pequenas, Ruth Rocha publica agora alguns contos destinados aos que já dominam melhor a leitura. Na Coleção “Histórias de Recreio” aparece *Catapimba e sua turma*.

Em *A decisão do campeonato*, *Armandinho, o juiz* e *A máquina maluca*, a linguagem é perfeita, divertida, ritmo ágil como o de uma partida de futebol, desenvolvendo de maneira bem humorada um tema que sem ser original é muito pouco encontrado em nossa literatura.

A máquina maluca. Essa é sem dúvida a melhor história do livro. Lúcida ante a realidade tecnológica que nos afoga, a autora parte para a fábula, onde desmitifica essa realidade.

Eis um tema que deveria ser bem mais explorado: a desmitificação das máquinas. Ruth Rocha dá a partida, abre um campo que é fecundo e vasto. Sua máquina enlouquecida e enlouquecedora é bem um retrato de um mundo em que se torna cada vez mais necessária a coragem de desligar a tomada.

## O GLOBO 06/11/77

*Catapimba e sua turma.* Ruth Rocha. II. Alberto Llinares e César Sandoval. Abril / MEC. 62p.

Certamente a melhor e a mais atuante escritora na faixa de histórias para crianças bem pequenas, Ruth Rocha publica agora alguns contos destinados aos que já dominam melhor a leitura. Na Coleção Histórias de Recreio aparece *Catapimba e sua turma*.

“Catapimba” é o centro-avante do Estrela D’Alva Futebol Clube que funciona no campinho pegado à casa do Seu Manuel. Ele é o verdadeiro astro do time. Cada vez que pega na bola dribla todo o mundo e lá vai gol. Armandinho é o juiz. E de repente no meio do jogo ouve-se um apito sem quê nem porquê. Juiz ladrão! A turma berra. Mas Armandinho não tinha apitado. A cena se repete e novamente o apito soa na hora em que Catapimba vai marcar. Todos se revoltam até que percebem: quem estava apitando era Bicão, o papagaio de Seu Manuel.

Linguagem perfeita, divertida, ritmo ágil como o de uma partida de futebol, desenvolvendo de maneira bem humorada um tema que sem ser original e muito pouco encontrado em nossa literatura.

*Como se fosse dinheiro* critica os comerciantes que têm a mania de dar às crianças (e também aos adultos) o troco em balas alegando; “é como se fosse dinheiro”. Catapimba, muito esperto, mesmo fora do campo de futebol, resolve driblar o “seu” Lucas. Leva para o colégio uma galinha e na hora de comprar o sanduíche usa do mesmo argumento: é para pagar o sanduíche-galinha é como se fosse dinheiro.

A moda pega e o resto da meninada passa a levar as mais variadas coisas para pagar o lanche. E assim “seu” Lucas é agora obrigado a dar o troco em dinheiro vivo.

O mesmo estilo desta vez usado para a crítica e o incentivo à reação diante do que está errado. Uma proposta válida, ao nível da criança.

Armandinho, o juiz dos jogos da rua, se cansa de ser chamado de ladrão cada vez que apitava uma falta. Resolve que agora vai jogar com os outros em vez de ficar ali numa atitude de árbitro, sempre antipática ao punido. E assim começa o segundo tempo, sem juiz. Pra quê! A cada falta a confusão é geral e há mais de meia hora que se perde na discussão, até recomeçar o jogo.

De repente alguém grita: também, essa droga de jogo não tem nem juiz...E volta tudo ao que era antes. Inclusive o grito: Juiz ladrão!

“**A máquina maluca**” foi inventada pelo Professor Batista e simplesmente faz tudo. Isto é, substitui o homem em todas as suas funções. Ela começa a funcionar, ninguém mais tem que trabalhar.

No começo todo mundo fica na maior felicidade, os cinemas ficam cheios, os parques de diversão também. Mas de repente a máquina começa a ficar exigente. Quer lhe dêem coisas: 20.000 latas de goiabada, uma fantasia de carnaval, 1.000 litros de perfume francês e assim por diante. Todo mundo começa a trabalhar de novo para satisfazer a máquina. E muito mais do que antes.

As pessoas pensam em se reunir para fazer alguma coisa, para reagir. Mas a máquina é muito esperta: não manda os telegramas que convocam a reunião, prende todo mundo nos elevadores ou nas conduções. Até que o sobrinho do cientista resolve a questão desligando a tomada.

Essa é sem dúvida a melhor história do livro. Lúcida ante a realidade tecnológica que nos afoga, a autora parte para a fábula, onde desmitifica essa realidade.

Eis um tema que deveria ser bem mais explorado: a desmitificação das máquinas. Ruth Rocha dá a partida, abre um campo que é fecundo e vasto. Sua máquina enlouquecida e enlouquecedora é bem um retrato de um mundo em que se torna cada vez mais necessária a coragem de desligar a tomada.

Ilustrações caricaturais e estereotipadas frisam os aspectos engraçados do texto, sem nada a acrescentar.

## **ROMEU E JULIETA E OUTRAS HISTÓRIAS**

Quatro lindas narrativas, Romeu e Julieta são duas borboletas cuja amizade une velhos inimigos: Ventinho é a brisa que ajuda o pai a tocar os barcos e afastar a chuva: “Seu” Nicolau faz pipocas na caldeira de uma locomotiva; e o peixinho Peixoto acha a pérola perdida de Dona Ostra.

Desta vez, autora de *Marcelo, marmelo, martelo* usa a rima, provérbios, canções folclóricas. E se comunica com a criança sem nenhuma pieguice ou falsa pretensão didática.

*72 págs. 18,5 X 25,5 cm*

*Edição Ilustrada em cores.*

**O GLOBO – 11.12.77**

Por Laura Sandroni

## **ROMEU E JULIETA EM VERSÃO PARA CRIANÇAS**

**Ruth Rocha: Romeu e Julieta e outras histórias, ilustrações de Maria Cecília Marra / Abril Cultural / MEC 63 páginas**

Formado por quatro histórias independentes, *Romeu e Julieta* tem como atrativo comum, a graça e a comunicabilidade da linguagem, características dos trabalhos de Ruth Rocha.

Na história título a trama de Romeu e Julieta se repete entre borboletas de diferentes cores que não admitiam qualquer contacto entre si. Ventinho, personagem que conduz a ação, tenta Romeu a dar um passeio fora do seu canteiro e apresenta-lhe Julieta. Os dois se encantam um com o outro e depois de algumas aventuras levam à confraternização geral.

A trama é bem desenvolvida embora a mensagem de paz e amor seja explícita demais.

Em *Nosso amigo Ventinho*, agora o protagonista, gosta de olhar as crianças da escola, enquanto preparam uma representação. Isto além das obrigações diárias, quais sejam, secar roupas na corda ou girar o cata-vento da igreja.

No dia da festa, Ventinho, muito animado, aprecia o entusiasmo da criançada quando percebe seu primo Vento Noroeste, armando uma tempestade. Não tem dúvida, pede ajuda a todos os ventinhos seus amigos: brisas, aragens, virações, vento encanado, golpe de vento e assim consegue carregar a chuva para bem longe e salvar a festa.

A trama explora a dicotomia bem/mal representada pelo vento Noroeste, que coitado, torna-se o bandido sem querer. Uma proposta pobre para uma autora em geral tão aberta.

Já *O trenzinho do Nicolau* é a melhor história do livro: um tema lírico, tratado de forma poética. Um maquinista envelhece e se aposenta. Fica morando perto da estação de estrada de ferro, mas sente-se muito só.

Até que o trem, também envelhece e é vendido como ferro velho. Nicolau compra-o e transforma-o em máquina de fazer pipoca. Vive agora cercado de crianças e é novamente feliz.

A solidão vencida pela vontade de proporcionar alegria aos outros. A velhice que reencontra a infância perdida.

*A Escolinha de mar* é uma história tradicional, mas de conteúdo bastante crítico, no que

reside sua principal qualidade. Colocando no fundo do mar figuras como a do Tubarão Barão e a de seu filho Tubaronete, Ruth Rocha leva o pequeno leitor a refletir sobre o absurdo da existência de “play-peixes”. A ênfase dada à escola como elemento democratizador é a meu ver positiva.

Os nomes dados aos personagens são muito bem achados e juntamente com o uso de versos e cantigas tradicionais brasileiras enriquecem o texto.

Destinado às crianças acima de sete anos podendo ainda ser lido em voz alta para os menores, o livro é bem impresso e bem diagramado como de resto o é toda a Coleção “Histórias de Recreio”.

As ilustrações de Maria Cecília Marra são de nível desigual. Destaca-se a figura de menina lendo, que separa as histórias, pela qualidade do traço. A capa utiliza uma das ilustrações da história título, justamente as mais fracas.

Uma falha a ser destacada é a baleia que dá mamadeira ao filhote à página 54, quando o texto é claro ao dizer: dá de mamar, pois são aparentadas com o homem. A informação errada é sempre prejudicial às crianças, seja ela transmitida pelo texto ou pela ilustração.

Nos postos de gasolina está à venda por Cr\$ 50,00, um livro acompanhado de fita cassete como o título Fábulas Sonoras. As histórias do que tenho em mãos, são *Branca de neve* e *A gata borralheira*. Bem apresentado, dentro de envelope plástico inviolável, o livro, tem a 1a. e a 4a. capas com desenhos coloridos de Walt Disney. Qual a surpresa porém ao abrir-se o invólucro e verificar-se que o interior do livro é apenas de texto corrido, sem nenhuma ilustração como a capa deixa supor.

Ao ouvir-se a fita o espanto é ainda maior: *A gata borralheira* é apenas teatralizada, sem nenhuma das músicas tradicionais, inseridas no texto. E, de repente, surgem *João e Maria* e *Peter Pan*, sequer mencionadas, estas sim musicadas. Talvez sejam o brinde.

Entre tantos enganos, não há crédito para a Editora, Produtora, adaptação, e nem mesmo Disney merece ser citado, sendo reconhecido pelo traço inconfundível.

Os irmãos Grimm aparecem como autores das histórias. Há apenas uma informação além dessa: Composto e Impresso em Coregraf – Comunicações e Reproduções Gráficas Ltda. – São Paulo.

Aos pais que forem tentados a comprar esse livro/fita, levados pela atraente capa colorida, aqui fica a advertência: o miolo do livro e a fita não são o que deles se espera.

**O ESTADO DE SÃO PAULO – 26/03/78**

### **IMAGINAÇÃO E BOM HUMOR**

*Catapimba e sua turma*, de Ruth Rocha, Editora Abril, Cr\$ 20,00. Este é o primeiro volume de uma nova coleção infantil: Histórias de Recreio. A autora, que já foi orientadora educacional, entende, e muito, de texto de criança. O resultado não poderia ser outro: seus livros atingem o alvo e acertam a mente infantil, explorando o que ela tem de mais rico, que é a imaginação. O leitor vai encontrar, além disso, situações próximas de sua realidade (como o futebol, por exemplo), que contribuem para aumentar ainda mais esta difícil integração livro-criança. As ilustrações, com saudáveis doses de bom humor, são de Alberto Llinares e César Sandoval.

Cotação; ótimo.



**FOLHA DE S. PAULO – 23/08/78**

## **PANORAMA**

### **A “PINJU” A TODO VAPOR!**

Eu não disse, outro dia, que o pessoal está, mesmo, querendo dar coisas boas para os jovens lerem? Já num segundo movimento a Livraria “Pioneira” Editora, lançou uma série de livros da coleção “Pinju”. São trabalhos excelentes de gente muito boa. Vejam, por exemplo: “*Marcus robô*”, de Maria Heloisa Penteadó – aventura de uma menina que achava que “as mães dão muito trabalho”.

“*O enigma do Autódromo de Interlagos*”, de Stella Carr – onde aos heróis do automobilismo misturam-se, cientistas, criminosos internacionais e espiões, numa habilidosa trama policial.

“*À sombra das bananeiras*”, de Lilia Malferrari – história de uma adolescente confusa com as mudanças que essa fase da vida traz.

“*O reizinho mandão*”, de Ruth Rocha – que mostra como agem as pessoas autoritárias e sugere o “jeitinho” de se lidar com elas.

“*No dia em que os peixes pescaram os homens*”, de Jorge Medauar – em que Juca Alemão e seus amigos resolvem fazer uma pescaria e são “pescados”.

“*Uma estranha aventura em Talalai*”, de Joel Rufino dos Santos – que conta a história de uma comunidade fechada e dominada que recebe a visita de um estranho que deseja apenas ensinar uma técnica de aumentar a velocidade das jangadas mas acaba mudando a vida na ilha de Talalai.

**JORNAL DA TARDE 23.08.78****PARA AS ESTANTES INFANTIS**

A coleção Pinju – livros infantis da editora Pioneira – ganhou, recentemente, seis novos títulos, já a venda nas livrarias da cidade. 1) *Marcus robô*, de Maria Heloisa Penteadó – história de uma menina que achava que as mães dão muito trabalho e ganha um robô especial. 2) *O enigma do Autódromo de Interlagos*, de Stella Carr – três Irmãos briguentos, Isabel, Marco e Eloísa se envolvem numa intriga internacional, que começa com um acontecimento real, o Grande Prêmio Brasil Fórmula 1. 3) *À Sombra das bananeiras*, de Lilia Malferrari – a heroína é Patina, adolescente confusa diante das mudanças dessa fase. 4) *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha – O título do livro já indica o tipo de gente que é o herói: aquele que quer mandar em tudo. 5) *No dia em que os peixes pescaram os homens*, de Jorge Madauar – meninos, pescaria, aventura e sustos. 6) *Uma estranha aventura em Talalai*, de Joel Rufino dos Santos, - realidade e fantasia se confundem a partir do momento em que um estranho visita a ilha de Talalai.

**FOLHA DE S. PAULO 13/09/78**

**PANORAMA**

**“CALA A BOCA!”**

Coisa mais gostosa de se ler (e com um conteúdo pra lá de bom!) o último livro de Ruth Rocha: “*O reizinho mandão*”.

Faz parte da Coleção “Pinju” – de livros infantis e juvenis – da “Pioneira”, mas é para ser lido por “criança de qualquer idade”. É a história de um reizinho que, como o título revela, queria mandar, mesmo, e para isso, mandava que todos no seu reino calassem a boca, até que... Bom, mas pra saber é preciso ler o livro. Por enquanto, conheçam este trecho, que é quando o reizinho quer que o sábio resolva seu problema. Vai daí, o sábio diz:

“-Olha aqui, mocinho. Esse negócio de ser rei não é assim, não ! Não é só ir mandando pra cá, ir mandando pra lá. Tem que ter juízo, sabedoria. As coisas que um rei faz fazem acontecer outras coisas. Veja só o seu caso: mandou que mandou! Inventou uma porção de leis bobocas. Mandou todo mundo calar a boca, calar a boca, calar a boca! Decerto, com medo que todo mundo dissesse que você estava fazendo bobagens. Pois todo mundo calou! Não era isso que você queria?”

É, Ruth como isso é verdade! Eu conheço tanta gente mandona que, cedo ou tarde, acabou se dando mal! Parabéns pelo seu “Reizinho”!

**JORNAL DA TARDE 21/11/79**

### **UMA NOTÍCIA QUE VAI PROVOCAR A CORRIDA ÀS BANCAS**

Esta notícia é tão boa, sugere sair correndo e, logo na primeira banca de revistas, comprar rapidinho cada livro da “Coleção Amarelinha” que a Abril está soltando por Cr\$ 20,00. Como a edição foi praticamente toda vendida antes de sair da tipografia, só três mil exemplares de cada título é que estarão à venda só em bancas de São Paulo.

A “Amarelinha” é uma coleção de 12 títulos, que serão publicados semanalmente. O primeiro é *Nicolau Tinha uma idéia*, obra-prima de Ruth Rocha e Walter Ono, imprescindível em qualquer estante infantil (e de gente grande também). Da própria Ruth sairão também as reedições de *Palavras Muitas Palavras*, *Bom Dia Todas as Cores*, *De Hora em Hora*, *A Primavera da Lagarta*, *No Caminho do Alvinho Tinha uma Pedra* e *A Árvore do Beto* (todos da maior gostosura, plenos de inventiva, graça, crítica, irreverência e bom humor). Haverá também quatro historietas de Maurício de Souza, uma de Joel Rufino dos Santos – *O Curupira e o Espantalho* – um autor sempre inventivo, lúdico, ligado às raízes mais profundas e que sabe contar uma história como poucos. Pelos autores, pelo preço (de revista), pelo fácil acesso, uma chance de pular amarelinha em literatura.

**O ESTADO DE SÃO PAULO 30/12/79****PRÊMIOS DO CONCURSO INFANTIL**

O conto *O Rei que não sabia de nada*, da escritora Ruth Rocha, de São Paulo, ganhou o prêmio e 100 mil cruzeiros do 1o. Concurso Nacional de Contos Infantis, promovido pelo Jornal Auxiliar, órgão de divulgação das empresas da Corporação Bonfiglioli. Ruth Rocha obteve a unanimidade dos votos dos jurados Edy Lima, Tatiana Belinky, Fanny Abramovich, Gilberto Mansur e Gaudêncio Torquato, que classificou em segundo lugar – 60 mil cruzeiros – o conto *Bililaque*, de Antonio Carlos Bezerra de Menezes de Souza Pacheco, também de São Paulo; em terceiro – 30 mil cruzeiros – *Jonas, o Macaquinho*, escrito por Júlio Borges Gomide, de Belo Horizonte; e em quarto – 15 mil cruzeiros – *Porquinho-da-índia*, de Antonio César Drumond Amorim, de Brasília. Os contos premiados, juntamente com mais seis selecionados, serão publicados em livro pela Santo Alberto Artes Gráficas e Editora.

**JORNAL DO BRASIL 01.12.79**

## **REIZINHO SURDO GANHA PRÊMIO DE CR\$ 100 MIL**

Por Luiz Henrique Romagnoli

São Paulo – “Embora todos saibam que o país vive um momento difícil, a atitude mais comum das autoridades é fingir que não vêem as coisas mais gritantes. Foi isso o que eu quis refletir na minha história “. Assim Ruth Rocha expõe a idéia básica de *O Rei que não Sabia de Nada*, ficção com que acaba de obter o primeiro lugar (Cr\$ 100 mil) do I Concurso Nacional de Contos Infantis, promovido pelo Jornal Auxiliar, órgão da Corporação Bonfiglioli.

Escrita há algum tempo, a história faz parte de uma trilogia. A primeira parte já foi publicada em livro com o título de *O Reizinho Mandão*; a segunda, *O Que os Olhos Não Vêem*, permanece inédita. Nas três histórias, os personagens são reis, marca registrada dos contos de fada. “Mas é com eles que pretendo mostrar a realidade”, explica a escritora, acrescentando: “Quero mostrar a realidade, mas de uma forma que não seja ultrapassada pelo tempo. Que seja entendida mesmo quando a criança cresça e a situação seja outra. Além do mais, figuras de reis dão universalidade à história”.

Apesar de ser seu primeiro prêmio em concursos, Ruth é uma recordista em vendas. Escreveu e publicou 15 livros, com tiragem de 300 mil exemplares. “É uma tiragem fantástica, da qual eu mesma me admiro. Sei que escrevo bem, que meus livros são adotados por professores: mas boa parte do sucesso devo creditar a distribuição da editora Abril, que é muito agressiva”.

Ruth Rocha, contudo, não se julga um caso isolado. “a literatura infanto-juvenil é boa. Desde o surgimento da geração que saiu da sombra de Monteiro Lobato, até Edy Lima e João Carlos Marinho, com suas obras de vanguarda. A minha geração literária é filha de Lobato, uma sombra que nos inibia. Sua influência era enorme. Alguns simplesmente se puseram a escrever como ele. Outros, tentando fugir dele, fizeram má literatura. Mas houve quem achesse o seu próprio caminho”.

Depois de afirmar que a distribuição através das livrarias continua deficiente e de dizer que é favorável, embora com restrições, à indicação de leitura nas escolas (é contra a cobrança do tipo: “O que aconteceu com tal personagem na página 18?”), a autora manifesta-se sobre a querela realismo x fantasia: “A realidade pode ser representada numa parábola, numa história

nonsense, mas bem feita, de maneira que se perceba o elemento real do assunto tratado. O realismo mágico fiou-se no Brasil muito mais na literatura infantil do que na adulta”.

Nascida em São Paulo e por 15 anos orientadora educacional do Colégio Rio Branco, Ruth Rocha escreve contos para a revista *Recreio* há dez anos, mas só há três lançou o seu primeiro livro, *A Nossa Ilha*, didático, ao qual se seguiram outros 14, todos de literatura para criança.

Fanny Abramovich, Gilberto Mansur e Galdino Torquato – foram escolhidos, além da história de Ruth Rocha, os seguintes:

Segundo lugar – *Bililaq*, de Antonio Carlos B.M. de Souza (Cr\$ 60 mil). Terceiro – *Jonas, o Macaquinho*, de Julio Borges gomide (Cr\$ 30 mil). Quarto – *Porquinho da Índia*, de Antonio César Drumond Amorim (Cr\$ 15 mil). E mais: Everaldo Moreira Veras; *O Menino que Descobriu o Sol*, de Roberto Goms; *Quatro Operações Sem Dor*, de Maria Angélica Carvalho; *O Menino*, de Lula Vasconcelos; e *O Pé Chato e a Mão de Fada*, de Silvia Orthof

Todos esses trabalhos reunidos em livro que será publicado pela Santo Alberto Artes Gráficas e Editora, de São Paulo.

**CLAUDINHA NO 2 – REVISTA CLAUDIA NO. 209****JORNAL DO BRASIL – 20/01/79**

Cinco livros infantis de Autores brasileiros foram selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil a fim de concorrerem ao Prêmio Janusz Korczak (educador e escritor polonês vítima do Nazismo), criado pela seção polonesa da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil (IBBY). Foram indicados: *Pivete*, de Henry Corrêa de Araújo (Comunicação), *O Menino de Palmares*, de Isa Silveira Leal (Brasiliense), *Aventuras do Escoteiro Bila*, de Odette de Barros Mott (Brasiliense), *A Casa da Madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes (Agir) e o *Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha (Pioneira). Dos livros sobre a criança, foi escolhido *Educação não é privilégio*, de Anísio Teixeira.



**NOTÍCIAS DO IBBY – O GLOBO – 04/02/79**

- O 16o. Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil (IBBY) realizado em Wurzburg em outubro passado teve por tema “O realismo nas modernas histórias para crianças e jovens”. Um de seus resultados objetivos mais importantes me parece ser a adição de uma bibliografia de obras realistas, comentadas em inglês, que reúne 20 títulos de 29 países e ainda a indicação de cinco obras de referência de cada um deles. Essa bibliografia é do maior interesse sobretudo para os editores que estão atentos ao que de melhor se faz no exterior.
- Outras publicações necessárias são o Guia Internacional de fontes para Literatura Infantil e os Anais do 16o. Congresso do IBBY. Todo esse material pode ser consultado na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil ou encomendado diretamente a Seção Alemã do IBBY.
- Em comemoração ao Ano Internacional da Criança, o IBBY decidiu criar excepcionalmente uma Lista de Honra do Prêmio Hans Christian Andersen. Essa lista é indicada por cada país membro e circula internacionalmente como indicação para tradução. Este ano os títulos escolhidos serão exibidos em um stander do IBBY na Feira de Bolonha em abril próximo.
- A FNLIJ selecionou os seguintes livros de autores brasileiros: O índio brasileiro de Ofélia Fontes: *O rei de quase tudo*, de Eliardo França; *O menino de asas*, de Homero Homem; *A escada de nuvens*, de Orígenes Lessa; *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato; *Flicts*, de Ziraldo; *Pantanal, amor-baguá*, de José Hamilton Ribeiro; *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha; *Uma estranha aventura em Talalai*, de Joel Rufino dos Santos; *Três garotos na Amazônia*, de Antonieta Dias de Moraes.
- A Seção Polonesa do IBBY criou o prêmio Janusz Korczak em comemoração ao centenário de nascimento desse educador e escritor mártir do nazismo. Dividido em duas medalhas o prêmio destina-se ao melhor livro para crianças e ao melhor livro sobre um problema das crianças. A FNLIJ remeteu para concorrerem pelo Brasil os seguintes textos: *Pivete*, de Henri Correia de Araújo; *O menino de Palmares*, de Isa Silveira Leal; *Aventuras do Escoteiro Bila*, de Odette de Barros Mott; *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes e *O Reizinho mandão*, de Ruth Rocha.
- Para concorrer à segunda medalha foi escolhido *Educação não é privilégio*, de Anísio Teixeira.

**BOOK BIRD 04/79**

“O Melhor para o Jovem” (The best for the young):

Lygia Bojunga Nunes: *A casa da Madrinha* (the godmother’s house).

III. by Regina Yolanda. Rio de Janeiro:

AGIR 1978. 94 pp.

(See Bookbird 1/1979, p.40)

Highly commended:

Maria Heloisa Penteadó: *Lúcia já vou indo* (Lúcia, I am coming).

Fernanda Lopes de Almeida: *A curiosidade premiada* (Curiosity Awarded).

Ruth Rocha: *O reizinho mandão* (The bossy little king).

Clarice Lispector: *Quase de verdade* (Almost true).

Marta Pannunzio: *Veludinho* (Little velvet).

Joel Rufino dos Santos: *Uma estranha aventura em Talalai* (A strange adventure in Talalai).

Fausto Cunha: *O lobo do Espaço* (The wolf in space).

Série Para gostar de ler (series “Pleasure in reading”) with texts by Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos and Fernando Sabino.

**FOLHA DA TARDE 04/12/79****Por Alik Kostakis**

A escritora Ruth Rocha, de São Paulo, ganhou o prêmio de Cr\$ 100 mil do I Concurso Nacional de Contos Infantis, promovido pelo Jornal Auxiliar, órgão de divulgação da Corporação Bonfiglioli. Ela é autora de *O rei que não sabia de nada* que, por unanimidade de votos, foi considerado o melhor trabalho inscrito.

Aliás, Ruth Rocha deve estar se sentindo extremamente feliz não só pela “erva” que recebeu como, também, por ter conseguido aplauso unânime de um júri que tinha Edy Lima, Tatiana Belinky, Fanny Abramovich, Gilberto Mansur e Gaudêncio Torquato.

**Jornal de Alagoas de 24/08/80**

Em *Marcelo, Martelo, Marmelo*, percebe-se uma Ruth Rocha preocupada basicamente em questionar o problema da dependência em toda sua amplitude. Escrito numa linguagem clara, simples e objetiva revela-se, no entanto, despidido de qualquer moralismo conformador presente praticamente em todas as obras infantis tradicionais.

## **A Tribuna de Santos de 31/08/80**

### ***A vez das crianças***

*Marcelo, Martelo, Marmelo*, transcende o conceito pedagógico de que história na educação devem apenas formar e informar a criança. Sua proposta literária visa, além disso, transformar a criança sem contudo, conformar, reformar ou deformá-la. Mesmo porque, Ruth Rocha, a exemplo de todas as suas obras, concebeu *Marcelo, Marmelo, Martelo* para desenvolver especialmente uma das coisas mais importantes de todos os seres humanos: a independência para agir, pensar, criar e que possa levar necessariamente ao amadurecimento.

E agora, visando ampliar e divulgar ainda mais a proposta literária de Ruth Rocha, o selo "DISQUINHO" lança *Marcelo, Marmelo, Martelo*, em disco.

Essa nova dimensão da mais importante obra de Ruth Rocha é explorada de forma bastante oportuna e inteligente, visto apresentar uma série muito grande de possibilidades sonoras e brincadeiras com o som das palavras. E as canções feitas especialmente para esse disco pelo maestro e arranjador Sérgio Sá, são gostosas, agradáveis, de fácil compreensão e comunicação.

## **VALE A PENA LER ESTE LIVRO**

O Reizinho Mandão é um livro muito divertido. Conta a história de um menino que era rei e que só sabia fazer bem uma coisa: mandar nas pessoas. Mandava e todo mundo tinha que obedecer, gostasse ou não, pois ele era o rei. Até o dia em que uma menina resolveu dar um basta na mandonice dele.

O Reizinho Mandão é escrito por Ruth Rocha, editado pela Pioneira.

**O GLOBO 17/01/82**

*O que os olhos não vêem.* Ruth Rocha. II. José Carlos de Brito. Rio de Janeiro: Salamandra. 32p.

A riqueza verbal, o lúdico das rimas, a descoberta de que se pode brincar com os fonemas ao sabor da imaginação são algumas das inúmeras qualidades que encontramos nos textos de Ruth Rocha e que apontam todas no mesmo sentido, o da valorização da palavra como fonte de prazer.

*O que os olhos não vêem* continua a trilogia iniciada com *O reizinho mandão* e *O rei que não sabia de nada* na qual se propõe, à criança que se inicia na literatura, uma reflexão sobre as estruturas de dominação.

Um rei atacado por doença estranha não consegue ver nem ouvir seus súditos a não ser aqueles grandalhões que falam muito alto:

“Pessoas grandes e fortes, o rei enxergava bem, mas se fossem pequeninas e se falassem baixinho, o rei não via ninguém”. E como “o que os olhos não vêem, o coração não sente”, os pequenos, os fracos, os pobres não tinham mais vez naquele reino distante. O pior é que a doença, além de grave, era contagiosa: todos os que cercavam sua majestade também não viam nem ouviam senão a eles mesmos.

Mas o povo reunido decide subir em pernas de pau e ir gritar ao balcão do palácio real suas reivindicações. Apavorados, rei e nobreza fogem, enquanto o povo queda espantado com a confusão causada, pois pretendia apenas ser ouvido.

O desfecho da narrativa é aberto: “Eu vou parar por aqui, a história que estou contando, o que se seguiu depois, cada um vá inventando”. Mas as pernas de pau ficam muito bem guardadas para uso futuro, se necessário for.

Como se vê, um texto rico em matéria para reflexão, estruturado em versos simples e saborosos que bem exemplificam as propostas teóricas que identificamos na autora e que a colocam entre os melhores escritores contemporâneos do gênero.

As ilustrações de José Carlos de Brito, em apenas uma cor, são perfeitas e demonstram mais uma vez que a beleza de um produto gráfico depende muito mais de um bom traço e da diagramação inventiva do que da policromia. Edição extremamente cuidada com o selo de qualidade da Salamandra.

Prêmios:

- Prêmio Ofélia Fontes, O Melhor para a Criança / 1981, da FNLIJ;
- APCA / 1981 nas categorias infantil (autor) e ilustração.

**Folha de S. Paulo de 08/03/82**

**A mentira é o tema do último livro da excelente Ruth Rocha (por Tatiana Belinky)**

Para *As coisas que a gente fala*, de Ruth Rocha (Editora Rocco), eu poria como epígrafe o velho provérbio russo que ele me fez lembrar: “Uma palavra é um pardal, se voar não se pega mais”. O tema deste delicioso livro é justamente este: o peso e a importância da palavra, a palavra que a gente diz sem pensar (ou por malícia), e que sai voando, se espalhando e aprontando...



**VIDA INFANTIL 09/07/83**

## **RESPEITO AOS PEQUENOS LEITORES**

**Por Bia Cardoso**

A Nova Fronteira acaba de lançar dois livros muito interessantes, que, apesar de tratarem de assuntos totalmente diversos, têm alguns pontos em comum. O primeiro deles é que, além de serem extremamente bem escritos, suas autoras conseguem abordar questões que estão presentes no dia-a-dia das crianças destas gerações mais recentes sem cair num realismo extremo.

O livro *Praga de Unicórnio*, de Ana Maria Machado, tem como cenário um prédio de apartamentos, e, aí ela consegue sintetizar a vida das crianças da cidade. Fala com extremo bom humor, das necessidades das crianças, que não cabem em um condomínio fechado, principalmente se o síndico é um chato, com idéias próprias. É um livro que não dá receitas, pelo contrário, resolve tudo da forma mais fantástica possível. Ela não sugere uma solução única para os problemas, mas prova que, usando a cabeça, de alguma forma eles serão resolvidos. Neste prédio o síndico resolveu proibir a entrada de bichos. Mas as crianças não deixam barato, encontrando um bicho que não cheira mal, que não faz barulho, que se enquadra perfeitamente em todas as exigências que o síndico havia feito: o unicórnio. Através desta história, a autora consegue retratar como são diferentes os interesses do mundo infantil e os do mundo adulto.

Com esta leitura talvez a criança consiga entender um pouco mais da cabeça de gente grande. Ao mesmo tempo, o livro valoriza muito a capacidade dos pequenos e mostra a força que eles podem ter ao se reunirem. Outro aspecto que torna a leitura agradável são as ilustrações de extremo bom gosto, de Humberto Guimarães. O ilustrador brinca com transparências e diferentes escalas em trabalhos com muito colorido que saem completamente da estereotipia, de desenhos para crianças.

O outro livro é *Faca sem Ponta, Galinha Sem Pé*, da conhecida Ruth Rocha. Ela trata neste livro de um daqueles problemas sempre atuais: as diferenças dos papéis sociais desempenhados pelo homem e pela mulher. Ela retrata bem as relações de uma família, enfocando basicamente a relação entre dois irmãos. Com muito tato, a autora descreve situações nas quais surge a cobrança de se seguir um modelo dado, de como ser menino e como ser menina. Ao mesmo tempo que deixa transparecer o conflito que isto gera em uma

criança, entre o que ela quer fazer e o que ela deve fazer. É um tema escolhido a dedo para crianças com 7/8 anos de idade, pois nesta fase elas estão justamente buscando a compreensão das diferenças de papel social, dadas pelas diferenças sexuais. É nesta idade que se formam os clubes do bolinha e da Luluzinha. Eles se agrupam com seus semelhantes para compreender o modelo social existente. Ruth Rocha, depois de retratar a situação, penetra no mundo da fantasia e as crianças têm a oportunidade de viver junto com Pedro e Joana a troca de papéis. Os dois irmãos, ao voltarem da escola, passam debaixo de um arco-íris, o que faz com que troquem de sexo, então viram Pedra e Joano. O leitor certamente vai trocar sua identidade junto com os dois irmãos e vai ter a oportunidade de por algumas horas de ser menino ao invés de menina, e vice-versa. É um livro gostoso de ler como a maioria das histórias escritas por Ruth Rocha, que parece ter a saudável mania de pôr as coisas estabelecidas de pernas para o ar, e deixar que a criança, através destes dados novos e de sua experiência de vida, conclua o que achar melhor.

### **PRÍNCIPE, NÃO. DE SAIAS, QUEM SABE?!**

Procurando Firme, de Ruth Rocha, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

Ruth Rocha, uma das mais festejadas escritoras brasileiras atuais de literatura para crianças, tem “batalhado firme” no sentido de fazer chegar ao público infantil os ecos da luta feminista por novas concepções sociais do masculino e do feminino. Procurando Firme, seu novo título, com ilustrações de Ivan e Marcelo, não foge à regra.

Desde pequeno, um príncipe era treinado para sair dos muros do castelo em que vivia e correr mundo “como todo príncipe que se preza faz”. Nem mesmo um terrível dragão, que guardava zelosamente a entrada do reino, impedindo a saída de quem quer que fosse, seria capaz de detê-lo. O príncipe passava por todo tipo de treinamento para enfrentar os perigos do mundo e nada podia amedrontá-lo.

Sua irmã, ao contrário, era educada para aguardar a vinda de um pretendente com quem casaria, teria muitos filhos e seria feliz para sempre. A princesa, todavia, escapa às previsões e não quer porque não quer, ora bolas – seguir o destino reservado a todas as donzelas reais. Assume, então, sua vontade e, para escândalo real, aprende as artes reservadas apenas para o irmão, corta os longos cabelos, marca do “eterno feminino real”, sai pela vida, “procurando firme” o que desse e viesse, tal qual seu irmão, segundo o modelo dele.

Ruth Rocha é uma hábil contadora de estórias. Sua narrativa é ágil, fluente, pontuada

de humor, neste caso decorrente sobretudo da postura adotada: a história dentro da história. Todavia, a feliz carpintaria literária não consegue esconder posições que o feminismo mais crítico rejeita hoje, ou seja: as princesas (leia-se: as mulheres) não desejam, ao que se sabe, tornar-se príncipes de saias, partir para o mundo “procurando firme”, segundo o padrão masculino dominante.

Este (triste papel!) pertence a um tempo que se quer modificado. E neste tempo, todos poderão “procurar firme”, claro, mas livres para produzirem seus próprios modelos e não para seguirem o e um modelo masculino que, no livro, acaba se mostrando como exemplo a ser seguido. Não se trata, convenhamos, de assimilar padrões privilegiados até hoje, mas da construção de novos padrões: plurais, diferenciados, discordantes. Sobretudo, sem receitas.

Edmir Perrotti

## O ESTADO DE SÃO PAULO 03/03/84

### TOQUES FEMINISTAS, NUM BELO LIVRO INFANTIL

Procurando Firme – de Ruth Rocha – ilustr. Ivan & Marcelo Ed. Nova Fronteira

Se eu quisesse citar todas as atividades nas áreas educacional, didática, pedagógica, jornalística, editorial e literatura no campo da produção cultural para crianças, desse dinamismo humano que se chama Ruth Rocha, acabaria com o espaço desta matéria sem chegar a falar do livro em epígrafe (apenas o do título publicado da autora, sem contar os “ milhões” de coleções, revistas, traduções, adaptações, palestras, seminários, etc, etc, etc). Então, só direi, a título de curiosidade, que Ruth Rocha é um dos poucos escritores no Brasil que conseguiu romper a barreira do um, isto é, a marca do milhão de exemplares de livros vendidos – sem constar os didáticos, bem entendido. E em falar nos nem-sei-quantos prêmios...

Isto posto, convém acrescentar que “apesar” de serem best-sellers (o que nem sempre é uma recomendação), os livros para crianças – de várias faixas etárias – de Ruth Rocha, são sempre interessantes, renovadores, instigantes, enriquecedores e, divertidos: fazem rir e fazem pensar, confiam na inteligência da criança, não tentam “ fazer-lhe a cabeça”, mas procuram ajudá-la a desenvolver a observação, o senso crítico e o senso de humor. Abrir-lhe os olhos para a vida e para o mundo, despertando-lhe a atenção para problemas importantes, como injustiça, autoritarismo, opressão – e a necessidade de resistir-lhe e combatê-los. Tudo numa linguagem que é uma atração por si mesma, seja em prosa, diálogo solto, verso livre, redondilha, “cordel” ou o que for.

Mas vamos a este último (ou melhor, penúltimo: o próximo já deve estar saindo do forno...) livro de Ruth Rocha. *Procurando Firme* é “uma história que parece história de fadas, mas não é. Também parece história para criança pequena mas não é”, avisa a autora na página de rosto. E, num diálogo imaginário com o leitor, que reclama quando ela lhe diz tratar-se da história de um príncipe e de uma princesa, com castelo, rei, rainha e tudo (até dragão), porque “já não agüenta aquelas histórias chatíssimas”, ela lhe diz: “Ah, vá, deixa eu contar. Depois você vê se gosta...”

Pois eu garanto que o leitor – de qualquer idade – vai gostar e muito: aqui se trata de uma princesa muito especial, que se revolta contra a sua educação principesca, com aulas de canto, bordado e tricô, um pouquinho de piano...flores de marzipã, cursinhos de iniciação de Castro Alves...Enfeitar bolos, fazer crochê com fios de cabelo...frivolitê...Tudo isso à espera

da chegada de um príncipe encantado, deixando até crescer umas tranças à Rapunzel... Enquanto o príncipe seu irmão tinha aulas de esgrima, corrida, alpinismo, de berro (para assustar o inimigo), de línguas estrangeiras, e uso de cotovelo (para cutucar quem ficasse na frente), e outras coisas úteis. Tudo isso entremeado de conversas com aquele leitor questionador, misturando as coisas mais antigas com as mais atuais, numa sucessão de anacronismos engraçadíssimos sempre “colocando as coisas no lugar”, com um humor e uma crítica à la Emília-de-Monteiro-Lobato que é uma delícia.

Ruth Rocha diz que teve a idéia de escrever esta história, quando leu o livro *Complexo de Cinderela*, da jornalista americana Colette Dowling, que fala de coisas interessantes, como o medo do sucesso, endêmico entre as mulheres).

Bem, para resumir, a nossa princesa, depois de recusar vários pretendentes, se prepara às escondidas do rei e da rainha, “masculinamente”, a fim de sair e correr mundo, como os príncipes fazem... e fazer sua própria escolha. E a princesa se mandou, “e foi pelo mundo procurando não sei o quê, mas procurando firme!”

Brincando-brincando, o livro resume, de modo bastante radical, as reivindicações feministas do nosso tempo. E cá pra mim, o que a princesa está procurando é a síntese entre o machismo e o “eterno feminino”. (Corrija-me, Ruth Rocha, se estou errada...)

O livro é também bonito. Texto e ilustrações entrosadíssimos, num todo integrado papel cor-de-marfim, letras e desenhos em Havana, com toques amarelo-diretas para animar. E todo o humor da autora captado nos desenhos, caricaturas e hilariantes, com seus castelos e dragões medievais e personagens de tênis e jeans, e quejandos.

**Tatiana Belinky**

**O Globo de 30/06/85**

*Quatro títulos, série “Peixinho”* (por Laura Constancia Sandroni)

A própria Ruth Rocha está presente com dois de seus melhores textos em reedição. *A máquina maluca*, com ilustrações de Walter Ono, tematiza a dependência cada vez maior do homem à tecnologia. Levando ao paroxismo essa idéia, a autora cria uma história engraçada e que certamente faz pensar.

*A árvore de Beto* mostra a faceta poética de Ruth Rocha. Um belo texto e um dos poucos entre nós a abordar o Natal com originalidade. Ilustrações do competente VogRogério Borges.

**VEJA 03/09/86**

**PRA QUE SERVE?**

**RUTH ROCHA, NOVA FRONTEIRA, 120 PÁGINAS**

Em sua primeira investida junto à tênue faixa etária que separa a infância da adolescência, a escritora Ruth Rocha consegue repetir o talento que demonstra ao escrever livros apenas para crianças. Ela conta a história da adolescente Marina durante sua estada numa colônia de férias. O mesmo acampamento de todos os anos torna-se uma fonte de emoções inéditas. A menina descobre o valor da amizade, a alegria do amor e as dores da separação e, através da experiência, amadurece suavemente. *Pra que Serve?* É um livro de prosa atraente, destinado às crianças que já sabem ler bem, pois o livro é longo.

**O GLOBO 07/12/86**

## **PAPEL DA MULHER NO MUNDO FANTÁSTICO**

Por Laura Sandroni

Ruth Rocha, *Histórias de antigamente*; José Olympio, 50 páginas, Cr\$ 88,00

*De repente dá certo*; Salamandra, 48 páginas, Cr\$ 30,00

*Prá que serve?* Nova Fronteira, 148 páginas, Cr\$ 58,90

Em pesquisa realizada para o Inep anos atrás sobre os papéis femininos nos livros infantis, a psicóloga Fúlvia Rosemberg, da Fundação Carlos Chagas de São Paulo, verificou que, com raras exceções, a mulher pouco atuava nos textos examinados. Os protagonistas eram na sua maioria homens, e o elemento feminino representava papéis passivos, sempre secundários na trama.

A mudança dessa situação veio com os novos autores da década de setenta, e cada vez mais surgem hoje histórias em que meninas conduzem a ação, embora ainda sejam poucos os textos em que mulheres maduras apareçam em situação de trabalho, fora do lar.

Ruth Rocha, cujo primeiro livro publicado data de 1976 e hoje já alcança a casa dos dois milhões de exemplares vendidos, publicou recentemente três novos títulos nos quais as jovens têm papel principal: *Histórias de antigamente*, *De repente dá certo* e *Prá que serve?*

No primeiro Ruth reúne três belas lendas, originárias da Europa medieval nas quais as protagonistas têm em comum a coragem e a rebeldia contra um destino confinado ao lar, fiando e tecendo, e optam por atividades masculinas como cavalgar e lutar com lanças e espadas. Mesmo vestidas com pesadas armaduras, essas jovens conquistam belos e nobres cavaleiros com quem compartilharão suas existências.

A narrativa flui em atmosfera de sonho e encantamento não fosse a autora uma excelente “contadora de histórias”, acompanhada de perto pelo belo trabalho de Rogerio Borges em desenhos de traço vigoroso e cores vibrantes.

Em *De repente dá certo* Ruth Rocha aborda, de modo especialmente feliz uma temática muito atual” as novas relações que surgem na vida de uma adolescente quando sua mãe se casa novamente. Narrada na primeira pessoa numa linguagem coloquial muito adequada ao personagem, o texto desvenda pequenos problemas típicos da idade e trata com coragem de situações difíceis cada vez mais comuns em nossos dias. Ilustrações a traço de Graça Lima compõem o pequeno volume que marca a estréia da autora em textos destinados à



juventude.

O recém lançado *Prá que serve?* passa-se num acampamento de jovens, com a narrativa de conflitos e diversões que ocorrem nessa situação. Em linha semelhante a de *De repente dá certo* é destinado ao mesmo público, não alcança no entanto seu nível de qualidade.

Ao abordar um universo ficcional mais amplo, com personagens que se entrecruzam, a autora perde a espontaneidade narrativa, tão característica de sua obra. As ilustrações do mesmo Graça Melo ficam igualmente muito aquém do seu trabalho anterior.

**O ESTADO DE SÃO PAULO 07/02/87**

NAS LIVRARIAS

**DE REPENTE DÁ CERTO**

Ruth Rocha ocupa lugar privilegiado entre os criadores da moderna literatura infantil brasileira. Desde os anos 70, quando sua obra começou a ser gestada, tanto público quanto crítica identificaram qualidades na autora, capazes de distingui-la e de colocá-la em evidência no panorama de nossas letras para crianças e jovens.

Inquieta, incansável, Ruth Rocha parte agora para a exploração de novas searas: a da novela juvenil. Assim, para adolescentes, acaba de lançar dois títulos: *De repente dá certo* (Ed Salamandra) e *Pra que Serve?* (Ed. Nova Fronteira).

*De repente dá certo* relata as dificuldades sentidas pela garota narradora, quando do segundo casamento de sua mãe com um homem também divorciado e pai de um rapaz pouco mais velho que a garota. Tendo de compartilhar o espaço doméstico com pessoas até a pouco estranhas, a menina resiste, ocasionando diversos dissabores para a nova família. Com o tempo, a situação acomoda-se de forma inusitada: os dois jovens apaixonam-se e começam a namorar. Mas, para azar deles, isto acontece quando o garoto deve partir para os Estados Unidos para estudar, o que efetivamente ocorre.

*Pra que serve?* Trata de problemas de jovens também, só que reunidos num desses acampamentos juvenis de férias. O título refere-se à pergunta sempre presente na boca de uma das personagens, a qual quer entender o sentido de todas as coisas. Se tal atitude gera dificuldades, por outro lado possibilita ao autor reflexões sobre questões de interesse dos adolescentes, como namoro, casamento, divórcio, maternidade, etc.

Narradora hábil, Ruth Rocha sabe como dirigir-se a seu público. Solta, fluida, sua linguagem procura não ser um complicador a mais na vida de leitores que supostamente experimentariam dificuldades semelhantes às relatadas. Aliás, comunicação fácil, sem banalização, foi sempre um dos grandes méritos da autora. Num tempo de poucos encontros para conversas desinteressadas, é difícil resistir às delícias do charme narrativo de Ruth Rocha. Ela sabe contar uma história, um “causo”, fazer do narrar uma festa.

Por outro lado, retrato dos novos tempos, dos tempos “cada-um-na-sua”, ambos os textos enfocam problemas pequenos de uma classe média não tão pequena e incapaz de viver a vida em dimensões mais amplas. As questões pertencem sempre ao âmbito do privado e quase nunca alçam vôos capazes de questionar o modelo social que reduziu os jovens a meros

coadjuvantes da cena brasileira. Como diria Hanna Arendt, o universo retratado mostra adultos e jovens que trocaram a participação social e política pelo conforto que a sociedade de consumo pode oferecer. Daí a dúvida: os caminhos apontados pelos textos poderão “de repente dar certo” ou serão indicação de que certo neo-romantismo anda fazendo a cabeça de muitos de nós?

**Edmir Perrotti**

## O ESTADO DE SÃO PAULO - 11.7.87

### UMA FELIZ IDÉIA. COM TEXTO DE RUTH ROCHA

Por Clóvis Garcia

O Grupo Persona que tem apresentado espetáculos para adultos e para crianças há bastante tempo, mas distanciados entre si, teve a feliz idéia de aproveitar um texto de Ruth Rocha para sua encenação no ALS Teatro Câmara de Arte – mais um dos auditórios particulares de instituição de ensino a serviço do teatro – de *O Rei que Não Sabia de Nada*, adaptação de Pamela Duncan e direção de Reynaldo Puebla.

Escritora de grande sucesso, com mais de dois milhões de livros vendidos, com 60 títulos publicados no Brasil e no Exterior Ruth Rocha é uma das iniciadoras da literatura infantil, que teve um verdadeiro “boom” nos últimos anos, tornando-se uma das mais rentáveis atividades editoriais do País. O segredo de seu sucesso está, possivelmente, porque gosta de criança – e ninguém pode fazer literatura, cinema, ou teatro infantil sem gostar de crianças – como ela mesma declara: “Gosto muito de criança-criança. Que dá risada fora de hora, que se impacienta quando gente grande fala demais, e que grita quando o rei está nu”. Por gostar do público jovem, Ruth Rocha escreve histórias deliciosas, com mensagens sérias mas sem didatismo. Neste texto transposto para o teatro, há um rei, isolado pelos seus ministros, que lhes mostram uma situação cor-de-rosa. A realidade, porém, é outra, que o rei vai descobrir quando entra em contato com o povo descontente. Mas a solução não é o simplismo do rei se modificar e, sim, a participação do povo.

O texto, que foi premiado e publicado, primeiro numa antologia e depois numa edição própria, já teve uma adaptação teatral da autora e de Flávio de Souza, com o título *O Sapo que Vira Rei que Vira Sapo*, estreada em setembro de 1983, no Teatro Anchieta. A atual adaptação de Pamela Duncan, apesar de retomar o título original, é mais livre, numa forma musical. Mantém, porém, a temática básica e a linha fundamental da história, permitindo um espetáculo variado e interessante. A produção procurou cercar a encenação dos cuidados necessários para um espetáculo bem apresentado, inclusive com grande elenco, que Reynaldo Puebla soube aproveitar na direção. Com cenários e figurinos de Márcio Tadeu, na linha teatralista, com direção musical de Gisele Correa, coreografia de Juçara Amaral, iluminação de Vicente de Paula Souza, a montagem resulta numa boa apresentação, digna do público infantil.

No elenco, Ivan Correa faz um rei pançudo e alienado, com dois valiosos ministros,

Adilson Azevedo e Hugo Villavicencio. Celso Rorato, Keisa Blaske, Alzira Paiva, Benjamin Meneses e a própria Pâmela Duncan, representando o povo, completam os personagens, com a vantagem de cantar, ao vivo, com a flauta de Cláudia Kizzeli.

**FOLHA DE S. PAULO 19/03/88**

**ACERTOS VALORIZAM *PROCURANDO FIRME***

**Por Thales de Menezes**

*Procurando Firme*. De Ruth Rocha. Adaptação e direção de Neyde Veneziano. Com o grupo Pinta o 7 & Cia. Espaço Mambembe Rua do Paraíso, 494, tel. 287-2782. Paraíso, zona sul). Sábados e domingos, às 15h30. Ingresso: Cr\$ 250,00

Trazendo na bagagem quatro prêmios em festivais de teatro pelo Estado de São Paulo, o grupo santista “Pinta o 7 e Cia.” Está a partir de hoje no Espaço Mambembe apresentando o espetáculo “Procurando Firme”. Adaptada de um texto da escritora Ruth Rocha, a peça não é perfeita, mas compensa seus erros com um número maior de acertos.

Em mais uma história de princesas, dragões e castelos, a autora retrata a diferença entre a educação recebida pelas mulheres e a recebida pelos homens. A primeira metade da peça divide-se basicamente em duas duplas dialogando: o príncipe e seu instrutor, e a princesa e sua criada. Enquanto seu irmão aprende esgrima e técnicas de guerra, para que possa sair pelo mundo atrás de aventuras, a princesa Linda Flor não se conforma com suas aulas de bordado, minueto, macramê, etc. São futilidades com as quais ela deve se distrair até que um príncipe venha desposá-la. A estrutura da história já deixa bastante explícita a intenção de questionar os papéis masculino e feminino na sociedade, sendo dispensáveis os pequenos discursos feministas da princesa.

A partir da viagem de seu irmão, ela começa a mudar seu comportamento e seu visual, enquanto rejeita todos os pretendentes que aparecem no castelo, para desespero de seus pais e da criada. É no desfile dos engraçados candidatos a marido que está o ponto alto da peça. Representados por um único ator, os personagens têm trejeitos circenses. Os muitos tombos que eles levam pelo palco são bem executados, quase naturais, travando empatia imediata com as crianças da platéia.

***Boas canções***

A música é outro destaque de “Procurando Firme”. É usada como reforço ao espetáculo, mas as letras não trazem a ladainha descritiva da maioria das músicas de peças infantis. São boas

canções, algumas até poderiam fazer carreira nas rádios. Já a parte visual da peça não consegue passar do convencional, exceção feita ao traje futurista do Príncipe da computolândia, um dos pretendentes da princesa. Os trajes da família real são pobres. Quando Linda Flor adotada um visual “moderninho”, o resultado é muito brega; não fica claro se esta era mesma a intenção. As soluções encontradas para as alterações de cenário durante as cenas não apresentaram bom resultado na pré-estréia da peça, mas é um problema que pode ser resolvido com um melhor entrosamento do elenco.

Os atores são esforçados, mas alguns estão presos a personagens fracos e dispensáveis. Os pais de Linda Flor não têm nada a dizer; entram e saem de cena sem acrescentar nada a história. A criada, personagem responsável pela maioria das piadas, consegue segurar o pique, mas o texto não ajuda em muitos momentos. O instrutor que inicia a apresentação da história dizendo “Brasileiras, brasileiros...”, e a criada que entoava o “jingle” das Casas Bahia quando diz “dedicação total a você” são piadas sem criatividade. Os insuportáveis e o coitado do dragão – uma fantasia de boa qualidade – só aparece no final, sem ter o que fazer.

Os erros estão presentes, mas “Procurando Firme” se destaca entre as opções oferecidas ao público infantil. A peça diverte e consegue prender a atenção, ainda o maior desafio das peças infantis, que enfrentam platéias potencialmente dispersivas.

**TRIBUNA DA IMPRENSA 21/01/89****PROVA DOS NOVE****Por Eliana Yunes**

Tomando como referência um livro de Ruth Rocha: *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*. Dudu Sandroni – estreante na direção – realiza um teste no teatro infantil. A partir mesmo da sua adaptação, onde o texto da autora é mero roteiro de idéias a tomar novo corpo em cena, o trabalho é criativo e muito vivo, com cenas que se sucedem num crescendo, o que torna extremamente lúdico o resultado.

Com dois personagens – Mandão e Teimoso – na criação de Luis Carlos Persegani e Carolina Virguez (convincente presença no teatro infantil de 88, em Cinderela Chinesa) são armadas situações de confronto permanente, desenhando simultaneamente o lado idiota da insensatez e um outro, satírico do próprio comportamento absurdo. Isto em si justifica a escolha do tipo “clown” para compor as personagens que nascem de seus barris/ovo já em posição de estranhamento.

Todo o percurso do espetáculo, com pouquíssimos e bons recursos cênicos será o de aprofundar a crise para vê-la explodir afinal num momento de maturidade: a aproximação e a repulsa vão ganhando em intensidade mais pela acumulação das cenas (crescimento, reunião, conflito, reparação, nova disputa, acordo, etc.) que pelo aprofundamento do tema, o que desviaria o rumo a proposta.

Entre as brincadeiras infantis e os jogos adultos não parece existir muita diferença, senão intensidade e virulência, mas as teimosias continuam pequenas e irrelevantes. Masculino/feminino, amor/ódio são dimensionados através do humor e da fina caricatura de situações.

O trabalho da direção foi bastante valorizado pela preparação dos “palhaços” de Dácio Lima, pelos justos figurinos e cenários de Lídia Kosovisk, pela coreografia alegre de Gisela Saldanha (muito boa) e pela programação visual do espetáculo feita por João de França. A direção musical coube ao premiado Ubirajara Cabral que tem criado excelentes trilhas sonoras para o teatro infantil. A iluminação ficou por conta de Jorginho de Carvalho. No conjunto, um trabalho despretensioso, coerente e lúcido no tratamento do tema louco. O desafio do diretor estreante foi bem conduzido e aponta um começo feliz. Para crianças de todas as idades.



**Jornal da Tarde de 06/06/89**

**Dois livros, uma só qualidade (por Tatiana Belinky)**

*Uma História de Rabos Presos*, de Ruth Rocha. Ilustrações de Carlos Brito, Ed. Salamandra. Ruth Rocha é uma grande contadora de histórias. O seu texto flui como um riacho saltitante (quase eu disse “rutilante” – mas há quem não goste de trocadilhos – já eu gosto, e criança também gosta, mas estou saindo do assunto, parece...). Voltando ao texto de Ruth, como eu ia dizendo, ele é assim, alegre e brincalhão, tão fácil de ler e de curtir que pode apanhar o leitor desprevenido, ao transmitir-lhe um recado, uma mensagem da maior significância. Sem essa de didatismo, sem essa de “fazer a cabeça”, a escritora procura ajudar o jovem a abrir os olhos e os ouvidos, abrir a sua própria cabeça, numa visão atenta e inteligente para algumas realidades de nossa vida pessoal, social e por que não, política.

Vocês já perceberam, pelo próprio título do livro, que esta história de rabos presos se enquadra nessa categoria. É um livro leve, fácil de ler e muito engraçado. É na verdade “uma grande sátira à corrupção e à política... mas que leva a pensar muito”. E é bom para qualquer idade, esse “causo” que acontece na “Egolândia”, onde os tais rabos não eram metafóricos, mas verdadeiros, e nasciam nas pessoas, em quantidades cada vez maiores, até começarem a se enganchar e a se emaranhar, ao ponto de... bem, o melhor é ler o livro. Bom divertimento!

O GLOBO 24/09/91

**HISTÓRIAS DAS MIL E UMA NOITES. Ruth Rocha. São Paulo: FTD. 48p.**

**MULHERES DE CORAGEM. Ruth Rocha. II. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: FTD. 48p.**

Quase todos os escritores tiveram na família uma pessoa que lhes contava histórias. Avó, pai, tio ou babá, o certo é que um adulto passava horas narrando casos, aventuras, lendas, fazendo trabalhar a imaginação, enchendo seus olhos de personagens maravilhosos. Ruth Rocha é uma dessas escritoras que não negam a influência benéfica que exerceram seu avô e Monteiro Lobato, este quando, já ávida leitora, perdia-se entre as páginas do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Os dois livros que a FTD acaba de lançar mostram bem sua faceta de contadora de histórias. Não das narrativas ágeis e engraçadas a que ela habituou seus leitores, mas de contos tradicionais que encantaram as antigas gerações e guardam a capacidade de conquistar as crianças de hoje.

*Histórias das mil e uma noites* reúne apenas três contos dessa famosa coletânea do mundo islâmico: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, *O pescador e o gênio* e *Ali Babá e os quarenta ladrões*. Mas é o suficiente para deixar nos leitores aquele gosto de quero mais. Não apenas as histórias são fascinantes, mas especialmente o estilo da narrativa de Ruth, bem adequado ao jovem.

A lembrança da jovem e bela Sherazade contando, a cada noite, um novo conto para encantar o Rei Shanyar e assim permanecer viva por mais um dia é boa metáfora do trabalho da escritora, que se dispõe a criar continuamente para permanecer sempre no coração dos seus leitores.

Em *Mulheres de coragem*, numa reedição muito oportuna, Ruth Rocha trabalha três figuras femininas dos tempos antigos que, por sua audácia e coragem, destoavam dos costumes da época. Por entre bordados e tapeçarias, reis e guerreiros viviam situações capazes dos maiores sacrifícios na defesa dos sentimentos mais puros.

As primorosas ilustrações a traço, com toques de apenas uma cor, de Cláudia Scatamacchia, demonstram o cuidado da editora em cercar o texto com a qualidade do trabalho dessa grande artista.

**JORNAL DE BRASÍLIA – QUARTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1999.**  
**CAD. CIVILIZAÇÃO**

**DEFENSORA DOS DIREITOS DA CRIANÇA**

Ruth Rocha teve uma infância feliz e cresceu em um ambiente cercado por livros, histórias, brincadeiras e amor à cultura.

Era uma vez um reizinho mandão que queria todo mundo de bico calado, mas encontrou pela frente uma menina destemida, que lhe disse, sem papas na língua: “ – Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu”, e tirou o reino do silêncio. Era uma vez um dono de cantina escolar que sempre dava balinhas e doces como troco para as crianças e que um dia, recebeu na mesma moeda. Era outra vez, dois irmãos que passam debaixo do arco-íris e trocam de corpo; assim, percebem os problemas de meninos e meninas. Ainda outra vez, dois homens ligeiramente ridículos conversam sentados, cada um num barril de pólvora. E ainda outra vez mais, uma menina que censurada na escola e ignorada em casa aprende que, olhando pela janela, ela pode voar. É, não dá pra ficar enrolando esta meninada. Eles querem a verdade, têm fome de viver a liberdade e não deixam que nenhum adulto venha cortar suas asinhas. “ Sou a independência ou a morte”, já gritava a boneca Emília, a grande personagem de Monteiro Lobato. A escritora Ruth Rocha aprendeu e hoje multiplica a irreverência, a graça, a louvável insubordinação.

Ruth Rocha é talvez a autora de literatura infanto-juvenil de maior sucesso hoje no Brasil. Seus cerca de 130 títulos já foram traduzidos para 25 idiomas. Línguas mais conhecidas como inglês, alemão, italiano, francês, espanhol, e outras nem tanto, pelo menos por aqui: vietnamita, hindi, bengali, pujambi e gujarati, entre outros. No total 350 edições. Quase 10 milhões de exemplares vendidos, dois milhões só no exterior. Foi a primeira representante da literatura infanto-juvenil a ter livro lançado na Biblioteca Nacional. Pode ser também a primeira a entrar na Academia Brasileira de Letras.

Mas este tipo de sucesso não faz a cabeça da escritora. Ruth prefere saber que está plantando aquela sagrada indignação na alma das crianças, fazendo-as não temer a autoridade arbitrária, tomar posições diante das injustiças, ter argumentos contra o racismo e toda sorte de preconceitos. Ruth quer dizer coisas e ser ouvida. Contar histórias e entreter.

Toda esta rebeldia que faz o encanto da obra de Ruth, ela aprendeu em casa. A mãe era leitora voraz, dizia às outras que proibiam os filhos de ler gibis: “ Enquanto houver uma letra escrita, compro para minhas filhas”. Foi assim que Rilda e Ruth cresceram lendo tudo. A

casa delas funcionava como um centro de subversão, para onde os amiguinhos cerceados iam esconder-se para ler. Ao mesmo tempo, Ruth lia Monteiro Lobato.

Ruth Rocha nasceu em 2 de março de 1931, na ainda pacata e provinciana Vila Mariana, em São Paulo. Teve uma infância feliz. A mãe desde cedo lia para as filhas *As Reinações de Narizinho*. O pai, médico, era excelente contador de duas histórias, *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa* e *O homem da perna amarrada*. A avó Neném gostava de cantar e ensinava à menina antigas marchas de carnaval e modinhas do tempo do império. Para completar, havia Vovô Ioiô, inigualável criador de histórias, que misturavam realidade e folclore regional.

O primário e o ginásio foram cursados no Colégio Bandeirantes. Na adolescência, descobriu a Biblioteca Circulante e passou a ler por metro. Leu tudo que encontrou sobre poesia brasileira. Um dia, um professor lhe deu um trabalho sobre *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós. A leitura deste livro mudaria para sempre a percepção de Ruth e selaria seu amor pela literatura. Depois, a formatura em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política e o casamento, com Eduardo, o melhor amigo da irmã Rilda. Em 1957, a autora assumiu a função de orientadora educacional do Colégio Rio Branco, onde ficou por 15 anos, como se hibernando para criar depois seu mundo fabuloso.

Ruth Rocha só saiu de sua salinha no Rio Branco em 1966, quando começou a escrever sobre educação para a revista *Claudia*, a convite de Carlos Alberto Fernandez. Passou três anos assinando artigos mensais. Em 1969, Sônia Robatto, que tinha lido um artigo sobre alfabetização e era editora da revista infantil *Recreio* (que vendia um milhão de exemplares mensais), a convidou para escrever uma história para a revista. Ruth argumentou que não sabia escrever. Mas Sônia insistiu, pediu que apenas colocasse no papel aquelas historinhas que inventava para a filha, Mariana. Ruth, então, ficou trancada num quarto por algumas horas. Ao sair, tinha nas mãos o original de *Romeu e Julieta* a história de duas borboletas de cores diferentes.

A trama de *Romeu e Julieta* procurava responder a uma pergunta que Mariana havia feito sobre racismo. Estava concluída a mistura entre a alma e o talento da poeta com a experiência como educadora, que resultou neste jeito Ruth Rocha de ser. A partir daí, a escritora sempre usaria a realidade como base para suas histórias.

Ruth passou sete anos escrevendo para *Recreio*. Depois, ainda com Sônia, fez a revista *Bloquinho*, na Bloch, assumindo a função de editora. Lançou a Enciclopédia da Criança, com livros das coleções Beija-flor e Conte um Conto, traduziu e completou coleções americanas da Disney, coordenou coleções de livros infantis pela Cultrix, Record, Mosaico. Na Melhoramentos junto com João Noro, criou a coleção Minha Primeira Biblioteca, publicada

depois na China, Japão e Coréia. Na Rio Gráfica, coordenou os 16 volumes da coleção Meu Livro de Bichos. Paralelamente, escreveu sempre.

O primeiro livro veio só em 1976, *Palavras, Muitas Palavras*. Mas depois disso desencantou: de 1977 a 1988, foram 67 livros publicados. Todos tratando, com lucidez, poesia e uma particular virulência, de temas delicados e espinhosos como política nacional (*Uma história de rabos presos*), internacional (*Dois idiotas sentados cada qual no seu barril, Enquanto o Mundo Pega Fogo*), feminismo (*Faca Sem Ponta*), ecologia, qualidade de vida (*Davi, Por Nome Passaredo*), beleza das palavras (*As Coisas que a Gente Diz*), dúvidas e descobertas da adolescência (*Histórias Malcriadas, A Menina que Aprendeu a Voar*).

Para a escritora, uma história é boa quando tem lógica bastante para ser entendida por todo mundo e na intenção suficiente para oferecer algo mais – aos bons entendedores. E qual o termômetro? Um arrepio na espinha.

Ruth Rocha acredita que “O que educa mesmo é a literatura” e que é possível formar o caráter de uma pessoa pela literatura. A autora colabora, apresentando personagens infantis que têm sempre certa dose de rebeldia. Nos livros de Ruth, não existem atitudes passivas. Suas crianças são contestadoras, não se acovardam diante de reizinhos mandões, ministros desonestos, príncipes entediantes. A criançada aprende mesmo a lutar por seus direitos. “Se você dobra a criança, terá no futuro um adulto passivo”, costuma argumentar. Mas seus vilões não sofrem castigos físicos ou morais. Ao contrário: o desfecho é sempre pacífico e inteligente, com o triunfo do bom senso.

Hoje, Ruth é um agente das crianças, alguém que, como Lobato, não lhes oferece um prato pronto, frio, de difícil digestão. Ruth ajuda a desvendar segredos, trocar intimidades, experimentar o mundo em liberdade. Defende sempre o supremo direito à graça de viver.

**Carmen Moretzsohn**

### **O primeiro romance foi para o lixo, mas os outros...**

Quando se menciona o nome Ruth Rocha o que vem à mente é a lembrança de uma grande dama da literatura brasileira.

Autora de mais de uma centena de títulos escritos para crianças e jovens, Ruth Rocha consolidou, a partir da década de 1970, uma carreira literária reconhecida pela crítica e, principalmente, pelos milhões de leitores de sua obra fartamente premiada.

Paulistana, Ruth Rocha tornou-se, com o tempo, uma personalidade cultural de âmbito nacional. Ainda mais: seu trabalho também é reconhecido - e lido - em diversos países.

Na entrevista com a escritora que você vai ler em seguida, Ruth aborda temas como o prazer da criação literária, a primeira tentativa de construir uma história e a importância de autores como Monteiro Lobato e Eça de Queirós na sua formação intelectual.

**Ática: Como foi seu primeiro contato com a literatura? Como você decidiu ser escritora e como começou?**

**Ruth Rocha:** Meu contato com a literatura se deu através de Monteiro Lobato, sem dúvida. Mas depois, quando eu tinha uns 13 anos e andava lendo uma porção de livros medíocres, um professor, Aderaldo Castelo, pediu na escola que fizéssemos um trabalho sobre *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós. Esse livro foi para mim não um encontro com a literatura, mas uma verdadeira trombada! Até hoje eu ainda leio esse livro de vez em quando.

A minha decisão de ser escritora se deu quando comecei a escrever para a revista *Recreio*. Depois de vinte ou trinta histórias percebi que era o que eu queria realmente fazer.

**Ática: Já lhe aconteceu de jogar fora um livro que escreveu por não considerá-lo satisfatório?**

**Ruth:** Já aconteceu, sim. Segundo Ana Maria Machado, um escritor deve ter uma gaveta pequena, para guardar originais, e uma cesta de lixo grande, para jogar fora o que não fica bom.

**Ática: Os jovens de hoje gostam de ler?**

**Ruth:** Em todos os tempos houve jovens que gostavam de ler e outros que não tinham grande

interesse. O escritor sempre espera conquistar esse grupo.

**Ática:** Como é seu jeito de escrever? Quando começa, já tem a história pronta na cabeça? Sai tudo de uma vez ou você precisa ficar "burilando" o texto?

**Ruth:** Geralmente já tenho uma idéia aproximada do que vai ser o texto. Mas os detalhes vão saindo conforme eu escrevo. Além disso, quando se escreve é que aparecem certas contradições, e então temos de fazer algumas correções.

**Ática:** Você, como uma das autoras para crianças mais conhecidas do Brasil, tem um público fiel, que praticamente começou a ler com seus livros e hoje já atingiu a adolescência. Como é a sensação de fazer parte da vida desses jovens?

**Ruth:** Teoricamente é ótimo, reconfortante, gratificante. Mas, de um ponto de vista mais profundo, é mágico. Tenho encontrado jovens no mundo todo que me afirmam ter crescido lendo meus livros e meus textos em *Recreio*. É um assombro!

**Ática:** Como era a Ruth aos 15 anos? Acha que alguma coisa mudou para os jovens dos dias de hoje em relação ao seu tempo?

**Ruth:** Eu era uma menina introvertida, tímida, leitora compulsiva; no entanto, na intimidade, eu era expansiva, alegre e engraçada. Mas, na adolescência, todo mundo é muito inseguro e muito instável, por isso é uma barra, sempre, ser adolescente.

**Ática:** Você acha que o computador, nos dias de hoje, pode ocupar o lugar do livro na vida das pessoas?

**Ruth:** O computador compete com um certo tipo de livro; definitivamente vai competir com os livros de referência, enciclopédias e dicionários. Mas só na forma, já que ele, sozinho, não se programa. Alguém tem de fazer o livro e pôr dentro do computador.

Um outro tipo de livro, no entanto, tem de ser portátil, ninguém vai levar o computador para a cama. A não ser que inventem um livro num computador de espessura mínima que possa ser lido no metrô. E assim mesmo o conteúdo terá características semelhantes às dos livros atuais.

**Ática:** Você acha que escrever é sempre um prazer?

**Ruth:** Escrever ou é fácil ou é impossível. Ou nos dá prazer ou não é viável.

Os trechos desta entrevista foram extraídos de O Mistério do Caderninho Preto, da coleção "Sinal Aberto".

(c) 2003 - Editora Ática



## **Ruth Rocha lança em SP A Odisséia de Homero para crianças**

ANDRÉ TARCHIANI SAVAZONI

Repórter da Folha On line

A Odisséia de Homero em linguagem para crianças. Sim, isto é possível. É o que prova o lançamento de “Odisséia” (Cia. das Letras, 144 págs.), da escritora Ruth Rocha.

A “epopéia” infantil, segundo Ruth Rocha, considerada uma das maiores escritoras infantis brasileiras, não traz novidades: “mantive toda a estrutura e o esqueleto do original”, disse.

O lançamento oficial está marcado para o dia 25 de abril, às 19h, na Livraria Cultura da Avenida Paulista (SP). As ilustrações, parte importante da obra, são de Eduardo Rocha, marido da escritora. “Mostramos a cultura grega da época, com todos os seus elementos, destacando a cerâmica branca”, afirmou Ruth.

Para a autora, mesmo escrevendo para crianças de 9 a 11 anos, ela não se sente responsável pela formação dos “pequenos e futuros amantes dos livros”. “Nenhum escritor pensa assim”, disse Ruth. Mas ela considera muito importante que as pessoas tenham contato com as obras clássicas. “Todos devem tomar conhecimento para a formação da cultura geral.”

Segundo a escritora infantil, tudo o que está sendo publicado para crianças no Brasil ainda tem referências ao grupo que ela faz parte e que se destacou há 30 anos. “O grupo da ditadura”, brinca a autora do clássico da literatura infantil “Marcelo, Marmelo, Martelo”.

De acordo com ela, a única coisa que mudou nesse tempo foi a venda dos livros. “O mercado cresceu enormemente nesse tempo.” A escritora, porém, aposta em mudanças editoriais nos próximos anos. “Acho que vai aparecer algo realmente.”

A escritora conversou com a reportagem da Folha Online, falou sobre “Odisséia” e sobre a literatura brasileira. Veja os principais trechos da entrevista:

**Folha Online - Como foi traduzir para uma linguagem acessível para crianças a Odisséia de Homero?**

**Ruth Rocha** - Na verdade, fiz uma adaptação da Odisséia de Homero preservando todos os seus capítulos. Mantive a estrutura e o esqueleto. Como é difícil ler o original, deixei todos os elementos para que as pessoas tomem conhecimento da obra, o que considero muito importante para a formação da cultura geral. A ilustração, feita pelo meu marido (Eduardo Rocha), é bem adequada, mostrando a arte grega da época, com destaque para a cerâmica branca.

**Folha On-line - Mas dessa forma a senhora vai atingir todas as gerações?**

**Ruth** - Realmente. Escrevi o livro pensando em crianças de 9, 10 e 11 anos, mas muitos adultos estão dizendo que estão lendo o livro, achando-o engraçado e muito interessante. Essa é uma coisa muito bacana e que eu não esperava.

**Folha On-line - Quanto tempo durou todo o trabalho de publicação de “Odisséia”?**

**Ruth** - Foi uma pesquisa longa e, no total, levei quatro anos para concluir a “Odisséia”. Mas não quer dizer que fiquei quatro anos escrevendo o livro. É que tive alguns incidentes durante esse tempo, também me dediquei a outras obras, mas, na verdade, foi um livro bastante trabalhoso. Porém, foi agradável e um dos que eu mais gostei em toda a minha carreira.

**Folha On-line - A senhora escreve para crianças que estão começando a tomar gosto pela leitura, fundamental para o desenvolvimento. Como é lidar com essa responsabilidade?**

**Ruth** - Acho que o escritor não tem esse negócio de se sentir responsável. Ele faz o que gosta e publica o que quer. Isso é certo. Depois é claro que eu vejo o que aconteceu com uma obra minha. Mas não fico pensando nisso e, na verdade, escrevemos como se não tivéssemos leitores. É uma oposição porque todo mundo quer ser lido (risos). O que me assusta é perceber que já vendi 10 milhões de livros, atingindo 50 milhões de pessoas na minha carreira. Isso sim me faz pensar.

**Folha On-line - Como a senhora define a atual fase do mercado infantil brasileiro e quais as suas tendências?**

**Ruth** - O mercado infantil cresceu enormemente nos últimos 30 anos, com a entrada geração da qual faço parte, a “Geração da Ditadura”. Essa nova turma da literatura continua sendo seguida até hoje. João Carlos Marinho, Ana Maria Machado... não gosto de citar nomes porque sempre esqueço vários. O importante é o grupo todo. O interessante é que isso é uma coisa natural. Só depois percebermos que havia um grupo que desenvolvia propostas parecidas. Continuamos em evidência. São os pais que nos liam e que agora passam os livros para os filhos. Na minha opinião, nos próximos anos deve aparecer algo realmente novo para mudar o mercado editorial.

**ENTREVISTA: RUTH ROCHA**

Fizemos um rápido "bate-bola" com a grande Ruth Rocha, uma das maiores autoras infantis do Brasil e do Mundo. Simpática e sorridente, fomos muito bem recepcionados pela autora, nascida em 1931. Ruth já possui mais de 130 livros publicados e suas obras já foram traduzidas para mais de 25 idiomas. Confira o resultado de nossa pequena entrevista, realizada no estande da Editora FTD:

**Sobre a personagem Emília:**

**Ruth Rocha:** Emília era a minha personagem predileta, de todos os livros do Monteiro Lobato. Eu adorava. Bem, eu acho que sou uma pessoa bem humorada. Aquele bom humor da Emília sempre me encantou e quando eu comecei a escrever fui muito influenciada pelo clima da Emília.

**Sobre o tempo em que trabalho na Biblioteca do Colégio Rio Branco:**

**Ruth Rocha:** Eu fui atendente de biblioteca, comecei atendendo o público e aconteceu que eu comecei a ter uma aproximação muito grande com as crianças. Nós conversávamos, eu fazia uma graça, escolhia livros para elas. Com isso elas começaram a me cercar muito. Então, a direção da escola me convidou a ser orientadora educacional. Depois eu fiz minha pós graduação e fui orientadora durante 15 anos. Mas eu adorava o meu trabalho na biblioteca e acho que as bibliotecas são imprescindíveis. Tínhamos que ter uma biblioteca em cada escola, em cada esquina.

**Sobre A ONG Brasil Leitor:**

**Ruth Rocha:** Em São Paulo, eu trabalho numa ong que se chama Brasil Leitor e nós fazemos bibliotecas, buscando patrocínio. Já fizemos biblioteca no metrô, fizemos biblioteca na Academia de Polícia, fizemos bibliotecas em 17 escolas, trabalhamos muito.

**Sobre a contribuição da Sociologia no seu trabalho:**

**Ruth Rocha:** Contribuiu porque a Sociologia é uma matéria muito abrangente e eu acho que

ela nos dá uma capacidade de ver a sociedade de outra maneira. Eu acho que a primeira coisa que a gente aprende na Sociologia é ser contra o racismo. E eu acho que isso é uma marca de meu trabalho e da minha personalidade. Uma grande influência da Sociologia.

#### **Sobre o dialeto dos blogs e do MSN:**

**Ruth Rocha:** Eu não acho isso muito importante. Acho que isso é modismo e passa, muda. Cada um usa o seu dialeto. Não acho que isso atrapalhe a Língua Portuguesa. O que eu acho que atrapalha a Língua é quando a pessoa não sabe o resto. A gente encontra nos jovens muita coisa mal escrita, mas um "vc" abreviado não me incomoda em nada.

E para escrever: à mão ou no computador?

**Ruth Rocha:** A mão, gosto de escrever a mão. Eu tenho computador, mas eu não gosto de escrever no computador.

**Entrevista realizada em Maio de 2005**

**Jornal de Brasília 05/05/99 por Joseana Paganini**

### **Que escritores foram essenciais para a sua literatura?**

Fui muito influenciada por Lobato. Mas, na verdade, o autor de obras infantis é influenciado pela literatura de adulto. A gente escreve com a cabeça de adulto. Não é possível escrever como uma criança. Uma vez me perguntaram se as minhas frases curtas eram influência da linguagem televisiva. E eu disse: “não, é influência mesmo de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira”.

### **Muitos críticos afirmam que não existe literatura infantil...**

Não concordo. Acho que existe prosa e verso, que existe literatura infantil e para adultos. No entanto, isso é mais complexo quando se trata de literatura para jovens. Com 13 anos, por exemplo, eu lia de tudo, inclusive obras ditas de adultos.

Também há livros infantis como *A República dos Argonautas*, de Anna Flora, que qualquer adulto sente prazer em ler. Os livros de Ana Maria Machado são lindos, independentemente se são feitos para crianças ou adultos. *Tom Sawyer* é uma obra que tanto as crianças quanto os adultos gostam. Então, é literatura infanto-juvenil ou é literatura?

Eu não sei, a criança não é capaz de criticar a literatura infantil e o adulto não possui a condição ideal. Então, não me preocupo mais com isso, se existe ou não literatura infantil. Também não gosto de discutir com literatos. Há um certo desprezo pela literatura infantil.

Existem pessoas que são taxativas, dizem que não existe literatura infantil e pronto. Não discuto. Para mim, há lógica no que é melhor para a criança.

### **De onde vieram os personagens rebeldes que aparecem em seus livros?**

Vêm do fato de ter trabalhado com criança durante muitos anos, nos quais desenvolvi a idéia de que a criança é muito pouco amada, mesmo em sua própria casa. Há muito pouca cumplicidade entre pais e filhos. Vi coisas de espantar. Hoje acredito que muitas pessoas não gostam de crianças. De um modo geral, o brasileiro não gosta. Se gostasse já tinha resolvido os problemas da infância no país. Então, nos meus livros, ponho a revolta real da criança. Tenho pena, mas não as subestimo, nem as maltrato. O que eu quero é desenvolver uma cumplicidade. *Marcelo, Marmelo, Martelo* foi meu livro mais vendido, as crianças gostam muito, porque, no fim, os pais resolvem compreender o Marcelo. Criança é assim, precisa ser

amada e compreendida. Mas meus personagens apontam para o adulto, para o homem que reivindica, que não se conforma.

**Em suas obras, há uma preocupação quase didática. Até que ponto o fato de ser orientadora educacional influenciou seus livros?**

Deve ter influência, sim. Mas acho que a maior influência vem mesmo da minha própria vida. As idéias surgem de tudo, da minha infância, do colégio, dos lugares onde trabalhei, da minha filha que era muito perguntadeira, dos lugares mais estranhos. Fui uma criança muito feliz, tive tudo o que uma criança pode querer. Não que fôssemos ricos, mas eu tinha casa, boa alimentação, escola de qualidade, assistência médica. Meus pais eram muito amorosos, eu vivia na rua, tinha muitos amigos, festas, muita alegria, apesar de ter sido uma criança meio adoentada. Mas, quando eu adoecia, lembro que minha mãe ficava junto de mim todo o tempo. Ela era uma mulher que gostava muito de ler. Meu avô era um nordestino contador de histórias. Contava desde contos dos irmãos Grimm até histórias do folclore brasileiro. Já minha avó adorava cantar modinhas imperiais. Aprendi a cantar com ela. Na nossa casa também trabalharam empregadas muito divertidas. Naquela época, as empregadas ficavam muito tempo com uma mesma família. Quando cresci, me interessei muito por política e acabei me formando em sociologia. A ditadura influenciou muito a minha literatura. Criei o personagem reizinho para poder falar sobre o autoritarismo e sobre as formas de revolta. Tudo isso faz parte da minha formação. Agora, quando eu tenho uma preocupação pedagógica, eu sei. Mas, normalmente, o que escrevo é quase intuitivo. Só que as minhas soluções agradam aos pedagogos.